REVISTA DA SEMANA

CASAR OU NÃO CASAR

PROBLEMA DAS NORMALISTAS

•

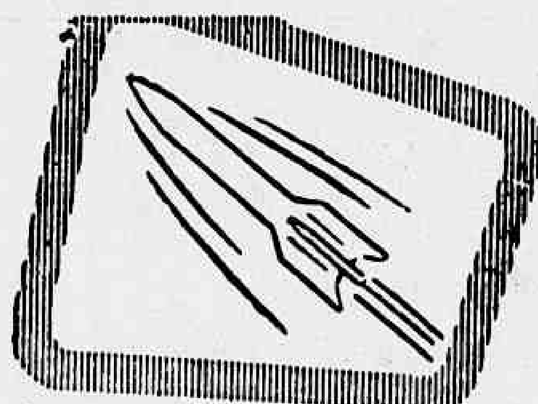
OS CEGOS VÊEM!



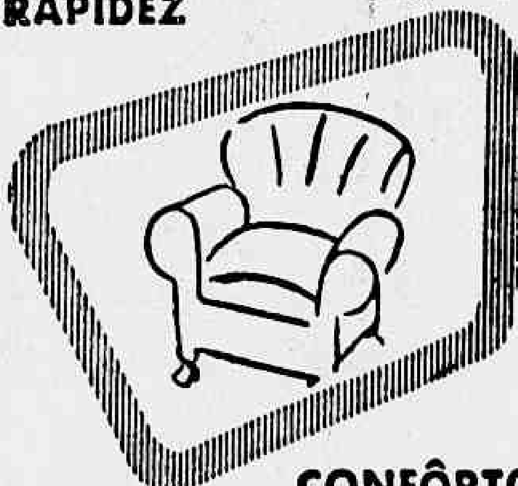


LÓIDE AÉREO

GRANDE COMO A NAÇÃO A QUE SERVE


RAPIDEZ

MANAUS - SANTAREM - ANÁPOLIS - CAROLINA - BELEM - SÃO LUIZ - FORTALEZA - NATAL - CAMPINA GRANDE - RECIFE - MACEIÓ - SALVADOR - ILHÉUS - VITORIA - BELO HORIZONTE - CURITIBA - FLORIANÓPOLIS - LAGUNA - PORTO ALEGRE - SÃO PAULO e RIO.

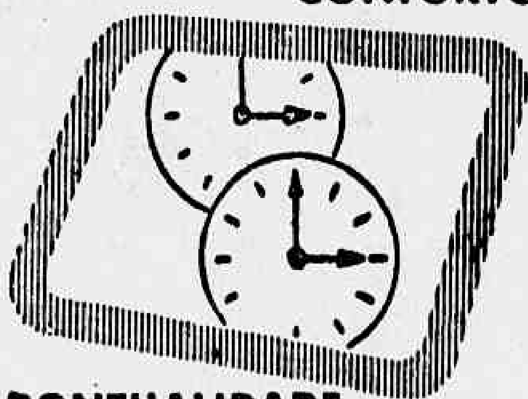

CONFÔRTO

Os Curtiss Comando que compõem a frota do LOIDE AÉREO estão entre os aviões comerciais que desenvolvem maior velocidade.

Conheça os bons serviços do LOIDE AÉREO e chegue primeiro! Você não precisa ter influência para pagar menos se viajar pelo LOIDE AÉREO.

Desconto de 15% sobre o preço normal das passagens.

Faça suas reservas de passagens. e envie suas encomendas pelo LOIDE AÉREO e V. economisará tempo e dinheiro.


PONTUALIDADE

LÓIDE AÉREO


CURTISS COMANDO-(C. 46)

RIO DE JANEIRO
- PASSAGENS: RUA MEXICO, 11-B - TEL. 42-9967
- CARGAS AV. PRESIDENTE WILSON, 210-B - TEL. 52-2567
- ADMINISTRAÇÃO: AV. 13 DE MAIO, 13-27.°-28.° e 29.° - TEL. 32-5195 (Séde Propria)

Agências: em todas as cidades de escalas.

Fidèl - 1798



PRÓS E CONTRAS NUM INQUÉRITO ENTRE AS MOÇAS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ★ D. LÍGIA LESSA BASTOS INVESTE, NA CÂMARA MUNICIPAL, CONTRA O DECRETO DOS TEMPOS DO EX-PREFEITO MENDES DE MORAIS ★ PRIMEIRO O CURSO, DEPOIS...

Por LUIZ ALIPIO DE BARROS

CASAR OU NÃO CASAR

CASAR OU NÃO CASAR, é no momento um dos problemas das moças do Instituto de Educação do Distrito Federal. Um problema que não deve afetar grandemente o bom desenvolvimento dos diversos cursos do enorme e tão de mau gôsto arquitetônico edifício da rua Mariz e Barros, mas o problema existe e está servindo, no momento, de objeto de debate e consideração. Procuraremos estabelecer, sem um rápido inquérito, através das pessoas diretamente interessadas no assunto, a situação atual da questão.

Até 1948 o problema não existia. Era de livre arbítrio das moças do Instituto de Educação contrair ou não matrimônio. A direção do IE nada tinha que ver com o estado civil das alunas, o que era coisa da absoluta competência das mesmas. Foi quando apareceu o decreto 9.529, de 28 de dezembro de 1948, do Regulamento do Ensino Normal, através da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal. Era Secretário de Educação, na ocasião, o professor Clóvis Monteiro, e prefeito o general Ângelo Mendes de Morais. No seu artigo 49, o decreto 9.529 reza o seguinte:

«São condições gerais para a matrícula em qualquer série que o matriculado seja solteiro, de idoneidade moral e que não sofra de doença transmissível ou de defeito que torne desaconselhável o seu convívio com outros alunos ou que o incapacite para o exercício do magistério».

E mais taxativamente, em um parágrafo único: «As alunas de ensino normal da Prefeitura do Distrito Federal que contraírem matrimônio durante o curso terão suas matrículas automàticamente canceladas».

E por que o decreto? Justificaram os responsáveis pelo ensino normal no Distrito Federal a medida drástrica, segundo o conceito de que não será possível à aluna cumprir, ao mesmo tempo, os seus deveres escolares e matrimoniais. E mais ainda: a situação desagrádavel, para as jovens dos diversos cursos do Instituto de Educação (Jardim da Infância, Grupo Escolar, Ginasial e Normal) — 6.888 alunas no edifício sede e 1.316 na Escola Normal Carmela Dutra — terem como companheiras de aulas jovens casadas em estado de gestação.

Mas, na Câmara do Distrito Federal, desde o começo, uma voz se levantou contra o decreto — a voz da vereadora Lígia Maria Lessa Bastos, representante udenista interessada pelos problemas do ensino no Distrito Federal, ela mesma uma professôra.

A luta de d. Lígia Lessa. Para iniciar nosso inquérito, fomos procurar d. Lígia, na Câmara do Distrito Federal. Ágil, apaixonada, d. Lígia explica tôda a sua luta para derrubar o tal decreto, para ela um decreto inconstitucional, pois compete à Câmara **legislar** e não ao **poder executivo**, e o decreto 9.529 do Regulamento do Ensino Normal foi da responsabilidade exclusiva do Executivo. E informou d. Lígia que já em maio de 1949 tinha dado entrada na Câmara de um Projeto de Lei, no qual procurava alterar o Decreto 9.529, dando inclusive outras providências através de uma série de **considerandos**. No ponto nevrálgico da questão, o artigo 49 do decreto 9.529, o Projeto de Lei tencionava modificar a redação, ficando assim:

«São condições gerais para a matrícula em qualquer série, que o matriculado satisfaça as condições estabelecidas no artigo 33».

E como o artigo 33 do Regulamento do Ensino Normal não fala em nada referente ao matrimônio, o caso seria sanado constitucionalmente. Mas o Projeto de Lei foi vetado pelo prefeito e o veto mantido pelo Senado.

D. Lígia Lessa Bastos voltou à carga, ainda sem sucesso, em 1950. E agora, em 1952, faz a dinâmica vereadora mais uma tentativa para solucionar o problema. No seu novo Projeto de Lei, que dispõe sôbre o ensino normal, mandado à Comissão de Justiça da Câmara do Distrito Federal nos primeiros dias de setembro, d. Lígia vai direta e incisivamente ao assunto, depois de vários **considerandos**, no artigo 1º:

«E' considerado insubsistente qualquer dispositivo legal que restrinja às alunas do curso normal o direito de contrair matrimônio».

Esta nova carga de d. Lígia inflamou outra vez a questão, levando o assunto ao debate e ao interêsse público, e como o público e os problemas de importância são os objetivos máximos da imprensa,

PARA OS RESPONSÁVEIS pelo decreto 9.529, as normalistas não podem pensar em matrimônio: ùnicamente os livros devem existir.



JOVIAIS, ALEGRES, algumas esperam a solução despreocupadamente, como as três jovens ao lado. As aulas exigem delas muito.

CASAR OU NÃO CASAR

a imprensa não poderia, de maneira alguma, ficar à margem da questão.

Quando d. Lígia ataca. Explicando a sua luta na Câmara contra o decreto 9.529, d. Lígia Maria Lessa Bastos ataca, com segurança o problema:

— «Sei que há muita gente contra mim nesta questão. Mas defenderei meus princípios até o fim. O decreto dos tempos do professor Clóvis Monteiro e do general Mendes de Morais é inconstitucional. Fere à Constituição, pois não existe nada legislado sôbre isso, e fere a maternidade, já que é um absurdo o Estado ir de encontro a uma coisa normal na sociedade humana — o casamento. E além do mais: não se pode restringir as liberdades individuais, e casar ou não casar é da competência do indivíduo. Como e por que o Estado deve se imiscuir na vida particular do cidadão? Compete à aluna saber se deve ou não casar, e não à Administração do Instituto de Educação».

E continuando:

— «Casar e ter filhos é uma coisa normal na mulher. Não representa situação desagradável nenhuma para moças que estão sendo preparadas para o dever sagrado do magistério, que é o dever de ensinar, orientar, transmitir conhecimentos, educar. A medida restritiva é um contra-senso, um paradoxo. E acima de tudo um absurdo. Porque é injusto que, pelo cancelamento, possa se cortar a carreira de uma jovem pelo simples fato dela contrair matrimônio. Dizem que os deveres para com o lar, e principalmente os filhos, atrapalham os deveres escolares; que não é possível equilibrar as duas coisas. Para os casos de aparecimento de filhos havia a solução justa do trancamento de matrícula, com a subseqüente volta da aluna aos cursos quando a situação a permitisse. Quantas mulheres casadas, com filhos, trabalham em escritórios particulares e repartições públicas, nas fábricas e nos setores artísticos... O caso do Instituto é um caso único no Brasil. E tudo isso por causa de um decreto inconstitucional, que bem poderíamos chamar de fascista, um decreto errado que é erradamente cumprido pela Administração do IE».

Depois, com um exemplo, explica d. Lígia:

— «Imagine que uma jovem, pobre, que esteja no penúltimo ou último ano do seu curso, seja excluída, por se casar, do IE. E se pouco depois o marido morre e a jovem, pobre, fica em precária situação financeira. Não poderá voltar ao Instituto, por fôrça do tal Decreto. Que situação angustiosa de uma jovem nessas condições, sem poder concluir um curso a que se dedicou durante cinco ou seis duríssimos anos (o curso completo do IE é de 7 anos). Cinco ou seis anos perdidos. Resultado: tem que arranjar um emprêgo (porque precisa comer e dar de comer talvez a um filho) para o qual não se sente capacitada, quando poderia voltar ao IE e concluir seu curso. E isso num país que necessita tanto de professôres. Ou então que se continue no terreno da mentira, pois são conhecidos os casos de alunas que se casam clandestinamente — solteiras para o IE mas em verdade casadas. E quando chega a gravidez: — expulsão!»

E termina, com ênfase:

— «A proibição vem aumentando o número de solteironas. As moças, para não infrigir a lei, retardam o casamento, perdendo, quase sempre, as melhores oportunidades, inclusive a maior de tôdas, a da idade mais própria. Quando podem casar encontram dificuldades às vêzes invencíveis, e ficam solteiras. Quando não é isso — e d. Lígia cita seu próprio caso — as moças, que deixam de pensar em casamento na época mais propícia, passam a se preocupar com outros misteres e não voltam a pensar em matrimônio. Quando eu era estudante fui noiva. Preocupei-me com meus estudos, depois com meu trabalho e agora sou vereadora; pensando sempre nos outros, nunca em mim, que o tempo não deixa margem para isso. O que acontece comigo acontece com outras».

Um professor contra o decreto. Segundo declarações a um vespertino carioca, o professor Susseskind de Mendonça manifesta-se terminantemente contrário ao decreto que proíbe o casamento de normalistas. Assim falou o professor ao vespertino:

— «Felismente temos um ambiente moral elevadíssimo para não serem necessárias medidas antinaturais e anti-sociais como essa. Nada mais moral, mais puro e mais nobre para uma jovem do que ser mãe. E depois, as alunas casadas, quando grávidas, terão direito a uma licença especial de dispensa de freqüência, podendo fazer exames em segunda época. Não podemos cercear o direito de ser feliz a quem quer que seja».

Do contra, a Diretora. Depois da palavra de d. Lígia Lessa Bastos, procuramos ouvir a diretora do Instituto de Educação, d. Didia Machado Fortes. D. Didia pertence à corrente contrária ao casamento das alunas. Suas palavras foram claras e incisivas:

— «Preferia que tudo ficasse como está. Isto é, que seja mantido o decreto 9.529, que não per-



DEPOIS DAS AULAS, à tardinha, as jovens deixam o Instituto de Educação, risonhas e felizes, ainda muito jovens, razão porque não pensam em matrimônio. Mas existem, no estabelecimento



D. LIGIA LESSA BASTOS, a vibrante e eficiente vereadora que vem lutando há mais de três anos para derrubar o decreto número 9.529. Decisão e fôrça de vontade, a maior arma.



em busca dos seus lares. Algumas delas são de ensino, muitas outras que já estão na idade.

mite o casamento de alunas. Para mim, a altura não pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo — matrimônio e estudo. Não é possível uma jovem ser uma boa aluna e ao mesmo tempo uma boa espôsa e mãe. Depois, é melhor que se casem após a conclusão do curso; aí já estão mais amadurecidas, e podem, como professôras, arcas com as responsabilidades matrimoniais».

D. Didia nos alertou então que iríamos encontrar alguma dificuldade no nosso inquérito com as alunas. As moças, acrescentou a diretora, estavam desgostosas com deturpações feitas em inquéritos realizados por alguns jornais da cidade referentes ao assunto. De fato, encontramos um certo receio entre as alunas, principalmente as componentes do curso normal, e muitas delas fugiram à nossa pergunta e à objetiva do fotógrafo.

Muitos contras e alguns prós. Em seis horas de trabalho pelos corredores, salas de aula e dependências externas do feio casarão da rua Mariz e Barros, reunimos um material que permite uma estimativa aproximada, que nos dá uma média de mais de 80 por cento contra o matrimônio, no inquérito feito com as alunas do curso normal.

A primeira que nos respondeu foi a srta. Ayrta Bulcão, do 3º ano normal; com voz calma e firme, disse:

— «Sou contra o casamento. Por muitos motivos. Uma aluna não poderá ser, ao mesmo tempo, uma boa espôsa, uma mãe desvelada e uma estudante cem por cento. Como poderá uma aluna ficar à cabeceira de um filho doente, por tôda uma noite, e no outro dia fazer uma prova?»

Outras jovens foram se aproximando, em grupo, srtas. Nely Chioming, Maria de Jesus Aranha, Maria Morgado, Celeste Coelho, Maria Helena Pi-



A DIRETORA DIDIA FORTES teve a seguinte expressão: «Que seja mantido o decreto...»



AYRTA BULCÃO declarou em sua entrevista: «Sou contra o casamento por muitos motivos.»



MARIA DE LOURDES TORELLI DE MORAIS foi incisiva na resposta: «Contra o casamento.»



MARIA HELENA DE ARAÚJO E SILVA também não deixou dúvida: — «Contra o casamento.»



LAIS DE ARAÚJO, mais ponderada, declarou: «Quem achar que pode fazer as duas coisas...»



ADELAIDE MARQUES REIS declarou peremptòriamente: — «Sou contra o casamento...»





ICLÉA SILVA HAUER pensa assim: — «Sou contra o casamento das normalistas. E' difícil conciliar a escola com o matrimônio...»

Adelaide Marques Rei, Maria de Lourdes Torelli de Moraes, Maria Helena de Araújo e Silva Fabião, Maria Lúcia Lopes de Carvalho, Miriam dos Santos (noiva) e Icléa Silva Hauer.

A srta. Maura Martins, como a srta. Sheila Baddington, pensa o seguinte:

— «A escola não deve interferir na vida particular da aluna».

Por sua vez, a srta. Eloyh Vasconcelos afirma:

— «Atrapalha em parte. Mas desde que a parte interessada queira se submeter ao trabalho que vai ter, que case».

A srta. Lais de Araújo Lima diz que não pretende casar tão cêdo, mas, esclarece:

— «Quem achar que pode fazer as duas coisas que faça».

Finalmente, inquerimos quatro alunas casadas, as sras. Sylvia Quintão, Sylvia Monteiro dos Santos, Myrtes Luiza Pinto Pacca e Sonia Regina. A sra. Sylvia Quintão acha que a aluna não deve casar, pois casada não pode se dedicar muito ao estudo, principalmente quando aparecem filhos. A sra. Sylvia Monteiro dos Santos também é contra o casamento. Diz que tem dois filhos — um de 2 anos e outro de 10 meses — e é bastante difícil para ela conciliar seu trabalho na escola e sua vida no lar. A sra. Myrtes Luiza Pinto Pacca esclarece que não tem tantas dificuldades, pois mora com os pais. Apenas o filho, que não anda bem de saúde, faz com que, algumas vêzes, seja obrigada a abandonar um pouco os estudos. E a sra. Sonia Re-

(Cont. na pág. 50

SHEILA BADDINGTON respondeu: — «Acho absurda a proibição do casamento para as normalistas. Isto é um problema pessoal...»

nheiro e Gilda Câmara, e tôdas apoiaram, sem restrições, as declarações da jovem Ayrta Bulcão. Duas delas, as srtas. Maria Morgado e Gilda Câmara, estão noivas. E, como fizeram questão de frisar, sòmente casarão quando terminarem o curso.

Mas a srta. Sheila Baddington, com um belo sorriso e uma impressionante simpatia, pondera:

— «Realmente, é difícil conciliar as duas tarefas: matrimônio e escola. Entretanto, acho absurda a proibição do casamento para as normalistas. Isto é um problema pessoal, e deve casar quem achar que pode se dedicar às duas coisas».

Mas outra noiva, a srta. Dulcy da Costa Dutra, diz por sua vez:

— «Primeiro a escola, depois o casamento».

Enquanto a srta. Maria Barroso, cética, diz:

— «Não me preocupo absolutamente com isso».

Contra o casamento de normalistas são as srtas.



AS SENHORAS Myrtes Luísa Pinto Pacca (e filho) e Silvia Monteiro dos Santos. A primeira faz apenas restrições; mas a segunda é totalmente contra o casamento. Opinião de duas normalistas casadas, o que pesa na balança...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 40 ★ 4-10-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Casar ou não casar (Luís Alípio de Barros) 3/ 6
Monstro ou tarado (Domingos De Lucca Júnior) 10/13
Da Terra à Lua — uma realidade .. 20/21
Os jogos da Primavera 32/33
O Harém do rei da Arábia 40/41
Os cegos vêem (Altamyro Ponce) .. 54/57

LITERATURA

Êle voltará (Generoso Ponce Filho) 7
Eternamente mãe (J. Norberto) ... 23
Vizinhos (Edwin A. Peeples) 26
Semana Literária (Edmundo Lys) .. 39

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Getúlio Vargas) 9
Puxe pelo cérebro 14
Passatempo (Renato Cartaxo) 15
Lido... visto... ouvido... (Jim) ... 18/19
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) 22

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24/25

FOLHETIM

Filho, meu filho 46/47

FEMININAS

Um costume para bater 35
Novos estampados 36/37
Conselhos de Chanel (Isolette) 44
Rotina de beleza 45
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) 50
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 52

CURIOSIDADES

Surrealista ou existencialista 28/29
Urtigas no «bikini» 30/31
Arma secreta alemã? 38

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 27

CAPA

Lizabeth Scott (Foto Paramount)

ÊLE VOLTARÁ!

CHARLES Spencer Chaplin, Charlot para os franceses, Carlito para nós, que como Dom Quixote parece que há duas idades para ser apreciado, a infância e a maturidade, a primeira que ri do que julga as suas palhaçadas, a segunda que põe-se a pensar, com amargura nos subentendidos dolorosos, na mordacidade aguda da sua crítica disfarçada nas cenas hilariantes dos seus filmes, voltou aos cartazes da publicidade mundial.

O Departamento de Estado, o grave Itamarati de Tio Sam, proibiu-lhe a volta aos Estados Unidos, quando o genial artista, depois de 23 anos de ausência, retornava à Inglaterra, rumorosamente enleiado pela Justiça comum, no caso da artista que insiste em arrancar-lhe milhões contra a apresentação de um documento cuja paternidade o cômico não quer reconhecer: exatamente um filho, e em luta com o próprio govêrno norte-americano, porque se nega a fazer pública declaração de ideologia, isto é, a afirmar por escrito não ser comunista.

Sem elementos para apreciar o caso da investigação da paternidade, que deverá ser apurada pela justiça, de olhos bem abertos, porque se é justíssimo defender os inocentes, não seria correto deixar de amparar os milionários, comunistas, ou não, só porque têm muito dinheiro, contra possíveis asssaltos às suas fortunas.

Mas a acusação de comunista, diploma que êle tem negado, embora não o queira fazer por escrito, escudado no princípio de que numa democracia o pensamento deve ser livre, por isso mesmo nos permitiremos comentar.

Dar-se-á Carlito ao luxo de ser comunista, posição cômoda para um multimilionário, confortabilíssima para quem, no vigente regime capitalista goza de tôdas as vantagens que o dinheiro dá e no comunismo, se viesse um dia, estaria também magnìficamente colocado, porque, mesmo na era capitalista, já era comunista?

Ou dar-se-á o caso que o povo americano, sempre acusado de infantil e ingênuo (acusado ou elogiado, assim?) ter passado àquela idade provecta, aquela maturidade que dá para ver nas aventuras de Dom Quixote não coisas ridículas, mas ensinamentos e ironia profundos? E sùbitamente, revendo os filmes de Chaplin, desde «A Vida de Cachorro», «O Vagabundo», «Em busca do ouro» — numa visão retrospectiva dêsses grandes sucessos de bilheteria e de gargalhada no mundo inteiro, os americanos pararam de rir e começaram a ficar desconfiados que ali havia veneno...

Veio a investigação do FBI, a da Comissão Parlamentar, depois. Tudo passou. Agora Carlito parece saudoso dos lugares sombrios de Londres, onde viveu de verdade a vida de miséria, dolorosamente focalizada nos seus filmes. À hora da partida lá estava um oficial de Justiça, com certa intimação no caso pessoal, em que o acusam de ser pai. Carlito, como num filme, fêz uma coisa bastante cômica: escondeu-se num camarote...

Baseado talvez nesse desrespeito à Justiça e mais em não haver assinado a declaração de ideologia, o govêrno norte-americano fêz público que o grande cômico não pode voltar aos Estados Unidos. A imprensa inglêsa em manchetes, declarou que a Inglaterra abria os braços para o grande filho. Mas o grande filho parece gostar mais da vida tumultuante e agradável dos Estados Unidos, que da brumosa e austera terra onde, nas grades de uma prisão o gênio de Oscar Wilde produziu a «Balada de Reading Gaol».

E Chaplin replica ao Departamento de Estado o seu «Voltarei». Voltarei, diz êle, porque tenho passaporte e pela Constituição americana nada há que me impeça de o fazer!

A próxima cena dêsse último filme de Carlito, incrível como pareça, terá por cenário, provàvelmente, a Suprema Côrte norte-americana.

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS**
Desenhos de **ALBERTO LIMA**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor **GRATULIANO BRITO**
Assistente **RENATO DE ALENCAR**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

5 de outubro de 1902

CHRONICA

MISERIA e Luxo conduzem egualmente á perdição. Uma malga de sopa e um vestido de seda equivalem-se no arrastar a virtude para a voragem do impudor. Em baixo, nas camadas populares, a concorrencia feroz, desapiedada, deshumana, creou para centenares de milhares de creaturas o **salario da fome**, e o salario da fome não dá para viver. E' preciso mais alguma cousa e esse complemento, não podendo sahir do trabalho honesto virá a ser pago com o sacrificio do único patrimonio dos pobres: a virtude. Em vão a philantropia redobra de exforços para conjurar o mal. Só a Suissa e a União Internacional, á sua parte, contam 9.000 socios contribuintes, 84 escriptorios de collocação gratuitos, 240 asylos, agencias nas estações de 27 cidades, um milhão de capital, 150.000 francos de rendimento. Graças à sua desinteressada solicitude, milhão e meio de raparigas escapa annualmente ao conventilho. Mas como acudir a todas se ellas são mais numerosas que as estrellas do céo e as arêas do mar?

● Em cima, na media e alta burguezia, a suggestão immoderada do luxo e da riqueza, a febre de competir pelos aspectos exteriores da vida elegante com as favoritas da fortuna mobiliaria e immobiliaria ou as portadoras dos grandes nomes historicos levam egualmente á miseria moral. As solidas virtudes burguezas, obedecendo á lei da imitação, deformaram-se ao contacto das equipagens de luxo, no roçar dos vestidos de seda, na leitura de uma publicidade irritante para a vaidade feminina e onde são minuciosamente descriptas, com larga copia de adjectivos, as toilettes, os bailes, as recepções, os garden-party. São as **Leoas Pobres**, de Emilio Augier e fornecem ao relatorio da conferencia do Caes de Orsay, a que alludi na chronica anterior, um dos capitulos mais interessantes.

● Sedas, rendas, velludos, chapéos, fitas, berloques, pelles, regalos, sombrinhas, os mil nadas que constituem a alta elegancia feminina, tudo isso é fornecido a credito e terá fatalmente de ser pago. Mas pago, como? Pelo marido? Impossivel! Pequeno rendeiro, commerciante modesto ou funcionario publico, os seus recursos, se chegam á farta para a existencia regrada, calma e digna do lar doméstico, estão muito aquém das terriveis exigencias de costureiras e quinhentos, mil e mil e quinhentos francos por vestido que logo a moda condemna, proscreve e relega para os farrapos inuteis. E' preciso pois pagar, mas de modo que o não saiba o marido, pois nem todos possuem a dose de philosophia necessaria a certa cathegoria de resignações. Surge então o intermediario ou a intermediaria: a propria modista, a corpinheira, a empregada do costureiro em voga, uma criada de quarto cuja longa experiencia em casa de mme. X... ou de mme. Y... é preciosa nos momentos difficeis. E' tão facil. Um carro á hora... um estabelecimento discreto... um minuto de abandono... e eis saldada a conta e aberta conta nova... A desgraçada succumbe primeira, segunda, terceira vez... depois, não pára mais, alimentando esse infame trafico que é uma das vergonhas da civilização contemporanea.

JACQUES BONHOMME



FUNERAES DO DR. SILVIANO BRANDÃO — Passagem do prestito funebre pela rua da Bahia.

A Semana

Conferência de Governadores

AO escrevermos estas notas, estão chegando a Pôrto Alegre os governadores dos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Minas Garais, Paraná e Santa Catarina, os quais, unidos ao do Rio Grande do Sul e sob a presidência do Chefe do Executivo Nacional, discutirão os mais sérios problemas comuns a todos os Estados compreendidos na bacia do Rio Paraná. Dentre os mais importantes números dêsse Congresso de Governadores se destacam a XIX Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, e a X Exposição de gado holandês. Cêrca de dois mil animais de várias espécies e raças desfilarão na grande parada do dia 20 de setembro. O certame despertou interêsse em nossos vizinhos do Prata, tendo a Argentina mandado uma delegação que tomará parte na Exposição bovina, cuja magnitude é inédita em nosso país. Fazemos votos para que dêsse encontro de tão altas personagens da administração estadual brasileira, conquistas reais sejam registradas em benefício do povo. O Brasil pode orgulhar-se de seu progresso em todos os setores, e seria um motivo de felicidade se chegássemos ao ponto de vermos todos os nossos mais prementes problemas completamente resolvidos, tanto nas capitais como no interior. E isso talvez seja conseguido agora com o encontro de Pôrto Alegre, entre tanta gente ilustre, tantos estadistas, sob a presidência do Sr. Getúlio Vargas. «Oremus»...



Dia da Constituição

A dezesseis de setembro de 1946, uma Constituinte dava ao Brasil uma Constituição. Costumamos dar o nome de Carta Magna, imitando o apelido que os inglêses, em certa época deram a uma Constituição política de seu país. Nada mais sério, em verdade, do que uma dessas conquistas democráticas. Uma nação quando chega à perfeição moral de obedecer aos artigos, parágrafos e alíneas de sua Constituição é que já atingiu à maturidade e pode considerar-se nação civilizada. Enquanto, porém, a Constituição serve apenas para arranjos e manejos de uma política facciosa, cada qual procurando interpretar-lhe os capítulos à feição de seus interêsses de grupo, muito longe estará um povo assim de classificar-se entre os mais civilizados e democráticos do mundo. Não basta possuir-se uma Constituição formada e discutida, analisada e promulgada por uma reunião de legisladores eleitos para isso. E' preciso que todos os poderes nacionais, públicos e privados, conheçam o seu texto e o respeitem conscientemente. O povo brasileiro tem vivido num constante experimentar de Cartas Magnas. Muitas vêzes, mal é promulgada, sobrevém uma degringolada e lá se vai de águas abaixo a pobrezinha boiando morta à tona dos acontecimentos. Nova convocação, nova Constituinte mais uma Constituição nasce. Que o Criador nos dê juízo e educação política suficiente para nos mantermos constitucionalmente falando...



Em Revista

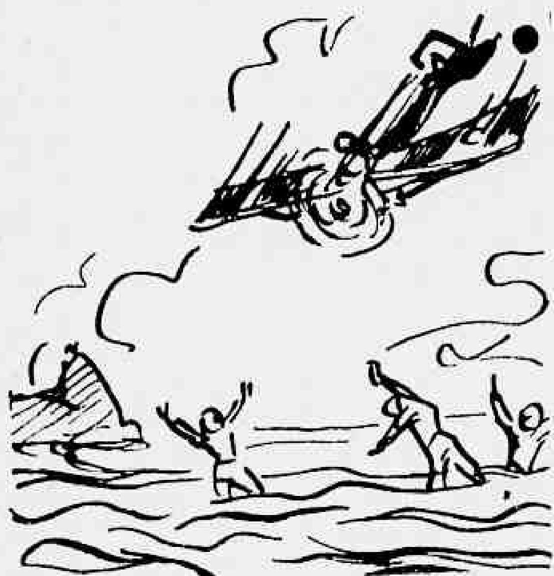
O congresso dos Barnabés

MAIS um Congresso: o dos «barnabés». Sua primeira reunião, a chamada preparatória, foi realizada no auditório da ABI a 18 de setembro, com grande afluência de funcionários públicos do Rio e de todos os Estados do Brasil. O Congresso do funcionalismo público federal tem por finalidade estudar e discutir os mais importantes problemas em que se vêem os empregados públicos federais, em face do encarecimento alarmante do custo da vida, bem como tratar imediatamente do aumento de vencimentos que estão pleiteando perante o govêrno federal. O funcionário federal, como qualquer parcela do povo, está sofrendo as conseqüências do aumento do custo da vida; como não tem outro apêlo a fazer que não ao govêrno central da República, todos êles, em revoada, vieram ao Rio para coordenar seus esforços e lutar pelo aumento. Por sua vez o Sr. Getúlio Vargas já tem autorizado que se divulgue na imprensa do país o seu desejo de atender aos trabalhadores da União, melhorando-lhe os vencimentos. O assunto vem sendo protelado a tal ponto que os «barnabés» estão impacientes, temendo que a coisa se vá adiando e caia num ponto morto, desvanecendo-se as fagueiras esperanças... Que Deus proteja os «barnabés» e ajude o Tesouro Nacional, ajude-o a poder arcar com êsses compromissos, aumentando-lhes as rendas bastante estragadas...



Loucos de terra e do ar

NUMA dessas últimas manhãs, apareceu sôbre a praia de Icaraí um aviador maluco a fazer acrobacias a pouca altura, a executar vôos rasantes, quase a chocar-se com os telhados das residências do elegante bairro niteroiense, a pôr em pânico os que se banhavam na praia ou por ali transitavam. Não havia dúvida que o jovem pilôto era um «ás» do volante aeroplânico; mas suas habilidades estavam pondo em perigo a vida de muita gente, além da dêle e do seu aparelho. Um dos assombrados com aquêle espetáculo telefonou para o Aero-Clube do Est. do Rio, perguntando se aquêle maluco era de lá. Informaram negativamente: não era pilôto daquele Aero-Clube. E se apurou em seguida que se tratava de um aluno da Escola de Cadetes da Aeronáutica. Comunicaram o fato à Diretoria das Rotas Aéreas e se verificou tratar-se do aparelho prefixo MA, avião militar dirigido pelo cadete Monteiro, segundanista da Escola do Campo dos Afonsos. Resultado: o jovem imprudente foi imediatamente desligado da Escola. Êsses fatos se repetem de quando em quando. Atentam contra a disciplina e regulamento militar. Mas, ou porque os moços não resistam à tentação da vertigem, ou porque desejem mostrar habilidades a alguém, cometem as infrações e cortam uma brilhante carreira. Não se esqueçam as autoridades de «terra», de aplicar o remédio aos loucos dos lotações e ônibus...



A PERSONAGEM da SEMANA



COM a ida do Sr. Getúlio Vargas a Pôrto Alegre para presidir à II Conferência dos Governadores, constituída pelos chefes de Executivo de Minas, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o Brasil inteiro ficou de olhos fitos na reunião, esperando a palavra do Presidente da República. E esta veio, mas decepcionando os políticos pela ausência de novidades, e nutrindo a esperança do povo, pela reprodução de promessas. Como sempre, Getúlio Vargas mostrou ser um grande político e continua prestigiado pelo povo.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça **hoje**.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre



COM CALMA BRUTAL. Benedito confessa aos policiais e autoridades paulistas os seus crimes sexuais. Cínico ou anormal? Seus depoimentos são tomados à vista de testemunhas. Após a confissão, fêz as reconstituições, presente a imprensa credenciada junto à Secretária de Segurança Pública.

TREZENTOS E TRINTA ANOS DE PRISÃO

BENEDITO COME E DORME ★ ERA BOM PAI, ÓTIMO ESPÔSO ★ DUPLA PERSONALIDADE ★ "SOU DOENTE, PRECISO DE PROTEÇÃO" ★ TARADO OU INTELIGENTE DEMAIS?

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR **Fotos de DARIO TERINI e "Fôlhas"**

EU só quero a compaixão e a compreensão dos homens e o abrigo do Estado. Sei que matei, infelicitei uma dezena de lares, mas sou doente, não fiz isso por gostar, mas quando via uma moça, num lugar êrmo, eu ficava... ficava não sei como... Tudo rodava e eu praticava o crime. Depois, acompanhava o desenrolar dos fatos pelos jornais... — Benedito Moreira de Carvalho, confesso autor de mais de 10 crimes sexuais, nos arredores da Capital, abaixou a cabeça e prosseguiu com voz mansa: «Podem fazer o que quiserem comigo, porém, peço que minha mulher e filho nada sofram. Não podem ser implicados em crimes cujo único culpado sou eu».

Benedito Moreira de Carvalho, homem forte, aloirado, semi-calvo, com 1,70 m de altura, há mais de um ano vem dando trabalho à polícia paulista, que se viu perdida num emaranhado de crimes sexuais, onde a única pista era a descrição de pessoas que o teriam visto, em horas próximas à consumação dos delitos, em seus respectivos lugares.

PISTA CERTA

Todavia, a melhor pista com que deparou a polícia foi a parecença do criminoso com o detetive Adalberto Kurt, especializado na solução de tais casos. O fato se deu quando a policia interrogou a jovem Maria de Lourdes da Silva, de 19 anos, que, no dia 28 de maio do ano em curso, foi atacada por um corrupto num matagal e violentada. A infeliz jovem, todavia, sobreviveu à barbárie e garantiu que seria capaz de identificar o tarado. Foi quando, mirando firme o detetive Kurt, não exitou em dizer que o homem que a assaltara era parecidíssimo com êle.

Anteriormente, outra testemunha, arrolada para depor em outro crime carnal, também havia declarado ter quase confundido o detetive Kurt com o homem que teria assassinado Gertrude Drunziger.

Daí partiu a polícia, concluindo que o assassino seria um só. Após o atentado contra Maria de Lourdes, mais cinco crimes foram praticados, desnorteando totalmente os representantes da lei, porquanto êles sucediam em locais distantes um dos outros.

Por último, Benedito Moreira matou a jovem Luisa

Marlene, que residia, com seus pais, no subúrbio de Itaquaquecetuba, na Central do Brasil. O caso foi tratado pela delegacia de polícia de Moji das Cruzes, uma vez que a localidade onde tivera lugar o crime pertencia àquele distrito policial.

As autoridades mojianas ligaram mais êste crime ao fato de, há algum tempo, haver sido processado, por aquêle órgão, o indivíduo Benedito Moreira de Carvalho que, condenado por crime sexual, evadira-se da cadeia. O que mais causou espécie, todavia, é que os caracteres somáticos do suspeito coincidiam com os do detetive Kurt. O delegado de Moji, que recebera amplas informações das suspeitas da polícia bandeirante sôbre um tipo idêntico a Benedito, se comunicou com os detetives encarregados do caso que, imediatamente, se lançaram à nova a surpreendente pista.

PRÊSO O HOMEM

As informações fornecidas pelo delegado de Moji eram poucas, porém aproveitáveis. Sabia-se já que Benedito era serrador de profissão e fôra expulso da Fôrça Pública pela prática de crime sexual.

Os detetives visitaram, então, tôdas as serrarias de S. Paulo, inclusive o Sindicato dos Empregados na Indústria de Móveis e Madeiras, concluindo coincidirem algumas datas em que Benedito faltara ao serviço com a de algumas mortes e atentados.

Como os endereços que figuravam nas firmas onde o suspeito trabalhara eram falsos, bem como os fornecidos para tirar seus documentos, lutou muito a polícia, mas conseguiu localizá-lo na rua Ponciana, 32, em Guaiauna.

Durante vários dias, Benedito foi seguido por secretas sem saber. Êstes, cientes de seus costumes, numa bela noite, envergando macacões, postaram-se à frente de sua casa, fingindo consertar um caminhão. Quando o suspeito saiu, pela manhã, foi detido. Em seu poder, foi encontrada uma pasta marron, contendo uma corda, com uma laçada pronta, em uma das extremidades: era o instrumento diabólico com que exterminava suas inocentes vítimas.

PROVAS

Daí por diante, o serviço da polícia foi simplificado. Tôdas as pessoas que haviam deposto como testemunhas dos crimes sexuais insolúveis, ao serem acareadas com o criminoso, não titubearam em dizer: «Foi êsse o homem que vi, tal dia, em tal lugar», ou «Foi êsse o homem que tentou me possuir...»

Em vista das provas irrefutáveis, Benedito confessou os delitos, que somaram a 12.

O homem é de uma calma impressionante, quase diabólica, e fala dos crimes que cometeu como se fôsse uma imperativa necessidade para que êle sobrevivesse.

— Acho que sou um homem dotado de extraordinário vigor orgânico, sobrenatural, mesmo. — Disse com voz serena, em frente aos policiais que o prenderam, com os olhos azuis mortiços fixando um ponto inexistente. — Essa é a única justificativa que encontro para a volúpia sexual que me domina de forma estranha. Quando praticava os crimes eu era outro... — abanou as mãos pateticamente, tentando explicar — eu não sei como dizer... devo ser doente, é isso.

Abordado sôbre como matava e violentava suas vítimas, disse com calma:

— Eu nem sempre pensei em matá-las. Porém, temia que os gritos de socorro fôssem ouvidos e, para evitar êsses gritos das meninas e mulheres que assaltei, tapava-lhes a bôca ou apertava-lhes o pescoço... muitas morreram dessa maneira.

VIDA À MARGEM DO CRIME

Curioso de se notar, no entanto, é que Benedito Moreira de Carvalho sempre foi pai extremoso e bom marido, segundo sua própria espôsa que, no entanto, parece aterrorizada ante suas confissões. Ùltimamente, dedicava todo seu afeto ao netinho, primogênito de seu filho. Benedito não bebia, não tinha qualquer vício que o pudesse levar à desgraça, era bom amigo, homem estimado e, segundo parecia, de respeito. Sua dupla personalidade vem provocando a curiosidade de psiquiatras patrícios, que se defrontam com um dos mais curiosos casos que a ciência médica nacional já teve conhecimento.

Outro fato interessante é ser êle, como anormal que parece, «exibicionista», o que, segundo a medicina especializada, esclarece a razão de ter revelado, tão de pronto, os crimes. Êle necessitava contá-los, pormenorizadamente; sente prazer mórbido nisso.

Para o seu círculo de amizade, foi uma tremenda surprêsa sua prisão e, de pronto, muitos amigos e conhecidos não acreditaram que fôsse êle mesmo o autor dos mais bárbaros crimes dos últimos anos.

CALMO SEMPRE

Por mais que se lhe façam perguntas, por mais que se lhe peça para repetir seus depoimentos, êle não se importa. Se dizemos que terá a maior pena que a justiça brasileira já aplicou a um criminoso, responde simplesmente que acredita na compaixão dos homens e na compreensão da justiça. «Sou doente... eu sei, eu sinto isso».

Dorme bem o monstro de São Paulo, e se alimenta como um homem normal. «Não sonho, quase, — esclarece — e sinto muito apetite. Confessei os crimes, e estou mais satisfeito».

Interpelado sôbre a lista de crimes praticados, encontrada em sua residência, com sua própria caligrafia, explicou: «Foram tantos os crimes que pratiquei que já confundia uns com os outros. Não sabia mais qual era o primeiro, ou o segundo e senti uma terrível necessidade de relacioná-los, por ordem cronológica, para que não me esquecesse».

Vasto processo foi montado contra o criminoso, juntando-se, às suas declarações, não só os depoimentos de testemunhas, como também fotos e documentação concernentes à reconstituição dos diversos crimes que praticou.

Agora, passará o «vampiro de Guaiauna» às mãos da Justiça, da qual espera clemência, dizendo ser um anormal. O sr. Elpídio Reali, ante o desenrolar dos fatos, solicitou à imprensa que apelasse a todos os médicos que queiram se interessar pelo caso, que procurem contacto com a Secretaria da Segurança Pública, onde poderão estudar, detidamente, o criminoso mais bárbaro que o Brasil já conheceu.

RELAÇÃO DOS CRIMES

No presente relato, que vai assinado pelo delegado-adido ao gabinete do Secretário da Segurança Pública, sr. Petrarca Ielo, foi respeitada a redação e a ordem cronológica dos fatos que encerra, para que o leitor tenha uma idéia clara do que é êsse monstruoso assassino:

«Exmo. sr. dr. Elpídio Reali — Secretário da Segurança Pública.

Senhor Secretário.

«Dando cumprimento às suas determinações no sentido de, em perfeita cooperação com as delegacias de polícia competentes, prestar-lhes a assistência necessária ao cumprimento de suas tarefas e, ainda, no sentido de desenvolver investigações tendentes ao esclarecimento da série de crimes ùltimamente verificados nesta capital, em zona periférica e, mesmo, nos municípios vizinhos, crimes êsses de fundo sexual, cumpre-me levar ao conhecimento de vossa excelência, para as providências que o seu alto critério julgar acertadar, o seguinte:

«1 — Colhendo os dados e informações preliminares, tomei conhecimento de que essa série de crimes era grande em seu número e se localizavam em vários bairros afastados desta capital e seus municípios vizinhos. Assim é que se haviam os mesmos verificado:

1 em Parelheiros, bairro de Santo Amaro; 1 em Vila Conceição, distrito de Diadema, município de São Bernardo do Campo; 2 no bairro Rudge Ramos, sendo uma menina e um menino, êste último não morto, mas ambos no mesmo município; 1 na Parada XV, entre São Miguel Paulista e Itaquera, neste município; 1 no sítio «Invernada», no município de Guarulhos; 1 na estrada da «Juta», em Santo Amaro; 1 em Itaquaquecetuba, nas proximidades do bar «Rancho Grande», na estrada de Poá; 1 em Guarulhos, com uma moça que não foi assas-







TRÊS EXPRESSÕES DO MONSTRO — Benedito Moreira de Carvalho vai dizendo, numa voz mansa como a expressão magoada de seu rosto, parecendo mais uma vítima que o algoz de tantas inocentes, imoladas à sua brutalidade: "Eu só quero a compaixão e a compreensão dos homens e o abrigo do Estado. Sei que matei, infelicitei uma dezena de lares, mas sou doente, não fiz isso por gostar, mas quando eu via uma moça num lugar êrmo eu ficava não sei como."



AQUI TOMBOU uma das vítimas. O criminoso levou a polícia ao local, explicando com detalhes minuciosos e impressionantes, como praticara suas monstruosidades contra vítimas inocentes.

«Avolumavam-se, por essa forma, nossas impressões de que um só indivíduo poderia ser o autor de vários dos crimes sexuais ocorridos, em que pese o alto grau de predisposição criminosa, de capacidade operante, de resistência física, de criminalidade latente de que o mesmo deveria ser possuidor.

«Ainda mais, acreditávamos já que passávamos, a essa altura, da possibilidade para a probabilidade, ou seja, que não só era possível que fôsse um só indivíduo, mas muito mais, que deveria ser um só o autor, não de todos, mas de vários dos crimes.

«2 — Nesse interim, levamos ao seu conhecimento o pé em que estavam as investigações e o que já concluíamos, e vossa excelência houve por bem determinar que incentivássemos os trabalhos de investigações, pois que sua impressão se aproximava da nossa:

«Procuramos, então, em todos os locais, por tôdas as formas, até as de mais difícil explicação, o levantamento de um indivíduo que pudesse apresentar os característicos cromáticos extrínsecos exigidos, quando fomos informados de que estava foragido um ex-detento da Cadeia Pública de Mogi das Cruzes, sob-judice em três processos pela prática de crimes semelhantes, de nome Benedito Moreira de Carvalho, e que, fisicamente, estava enquadrado dentro do tipo procurado.

«Apurada a profissão do mesmo, serrador, iniciamos, por intermédio dos detectives dêste gabinete. Atos Tescarolo, Antônio Beli e Mário Gonçalves, mais tarde auxiliados por Alcides de Oliveira, um levantamento completo em tôdas as serrarias desta capital, inclusive no Sindicato dos Empregados na Indústria de Móveis e Madeiras.

«Com isso se apurou, então, que Benedito havia trabalhado, nos últimos tempos, entre outras, na Serraria Construtora, da rua Rio Bonito, 950, de 18 de abril a 5 de agôsto de 1951, faltando ao trabalho nos dias 21 de junho e 22 de junho no período da manhã; 16 e 31 de julho e dias 1º, 6 e 7 de agôsto. Nessa serraria, no dia 4 de maio, êle havia trabalhado sòmente até às 11 horas da manhã; na Serraria A. Siani & Cia., da rua Bresser, 833, de 1º de fevereiro até 10 de junho de 1952. Nessa firma não compareceu ao serviço nos dias 26 e 27 de fevereiro, ou sejam quarta-feira de cinzas e o dia seguinte; no dia 4 de março, no período da tarde, e dia 5, no dia todo, sendo que nesse mês faltou ao serviço no período da tarde dos dias 25 e 31; no mês de abril, faltou nos dias 1º a 7, 11, 12, 19 no período da tarde, 21 e 22, depois das 9 horas, e 23; em maio, faltou nos dias 5, 21, 24, 26, 27 no período da tarde, e 28 e 29. Nesses locais deu como endereço de sua residência a rua Antônio de Barros, 135, o mesmo que figura no Sindicato. Trata-se de endereço inexistente.

«Ora, os crimes em sua maioria, se deram em 26 de fevereiro de 1952; quarta-feira de cinzas, 7 de abril de 1952, 20 de junho de 1952, 21 de julho de 1952, 2, 8 e 21 de agôsto e nos dias assinalados até junho, Benedito faltara ao serviço, sendo certo que deixou de trabalhar a partir de 15 de julho, quando se presumia que estava desempregado.

3 — Essas coincidências impressionantes com o

sinada: 1 em Barueri, com uma menina, que também não foi assassinada, além de outros casos.

«Como é bem de ver, êsses crimes, embora verificados todos nas proximidades desta capital, em sua periferia ou municípios vizinhos, eram da competência policial-judiciária das várias delegacias e comarcas pelo critério legal de «Ratione-loci», e que dificultava sobremaneira o exame em conjunto dêles.

«Um estudo não profundo, mas suficiente para a tomada de conclusões, aceitáveis para o início e desenvolvimento das investigações, concretas e úteis, nos levou a encontrar certos fatôres dignos de melhor exame.

«Assim é que, em grande parte, os crimes se verificavam nas segundas-feiras, sendo muito raros os demais.

«O modus-agendi, o modus-faciendi do criminoso ou criminosos eram um só. Diferentes apenas em certos detalhes absolutamente sem grande importância. Os locais dos crimes, outrossim, sempre se apresentavam como locais mais ou menos ermos, em estrada de pequeno trânsito.

«Colhidas notas dos depoimentos das testemunhas aos vários casos, estas nos conduziam a um tipo de homem encontradiço, em sua descrição, nas imediações, de hora e lugar, dos locais e na maioria dos eventos.

«Dessa forma, pudemos inferir que, em quase todos os crimes, era visto pouco antes ou pouco depois das horas prováveis dos crimes e próximo aos locais, um indivíduo de tipo forte, pôsto que magro, de cêrca de 1m 70 de altura, portando uma pasta, usando chapéu desabado sôbre a testa, paletó azul-cinza, com bigode pequeno, aparado e aloirado, tipo êsse que, por várias testemunhas, era referido como semelhante ao investigador dêste Gabinete Adalberto Kurt, cuja parecença com o mesmo já lhe dava aborrecimentos.

Lapa	1	menina
Bairro do Limão	1	menino
Artur Alvim	2	meninas
Vila Talarico	1	menina
[illegible]	1	[illegible]
Susano	1	menina
Vila [illegible]	1	menina
Estrada Sapopemba	1	[illegible]
Mauá	[illegible]	menina
Tremembé	[illegible]	[illegible]
[illegible]	1	mulher
Via Anchieta	1	japonesinha
Guarulhos	1	mulher
5ª parada	1	menino
Itaquaquecetuba	1	menina
[illegible]	1	japonesa

ESTA É A RELAÇÃO de vítimas feita com letra do próprio Benedito Carvalho e que foi encontrada em seu poder, logo após a prisão.

fato de ter dado falsa residência nos incentivou a procurá-lo.

«Em dias da semana última, conseguiram os detetives, em uma série de diligências à noite, localizar a residência de Benedito, na rua Ponciano, 32, em Guaiauna, casa de difícil vigilância pela ausência de pontos onde pudessem passar despercebidos.

«Combinou-se, então, que cêrca das duas horas da manhã de 30 de agôsto, os detetives Mário Gonçalves, Antônio Beli, Atos Tescarolo e Alcides de Oliveira, com pequeno caminhão, vestindo macacões e trajes operários, estacionassem em frente à casa, «quebrassem» o caminhão e ali ficassem «consertando-o» até o romper do dia quando, então, deveria ser Benedito chamado prêso.

«Cêrca das 4 horas da manhã, sem que esperasse, Benedito saía cautelosamente, depois de examinar as imediações da casa.

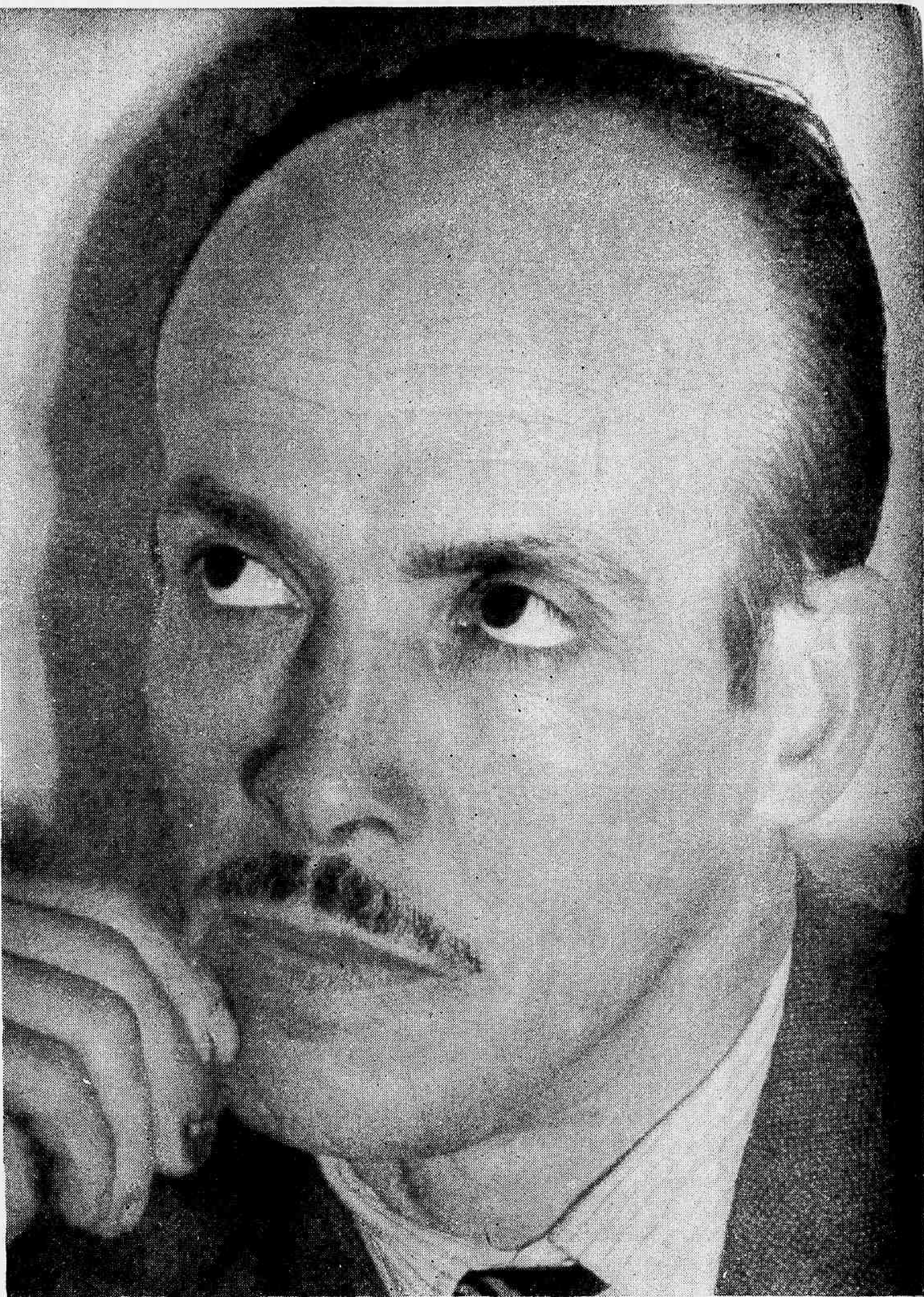
Trazia um chapéu azul-cinza, desabado na testa, paletó azul-cinza, calça azul e a esperada pasta marrom escuro. Identificado foi prêso e verificou-se, então, que a pasta continha apenas uma cordinha com uma laçada na ponta. Nada mais.

Conduzido à minha presença não foi interrogado. No decorrer do dia, entre refeições, conversas e piadas, Benedito Moreira de Carvalho contou-nos que:

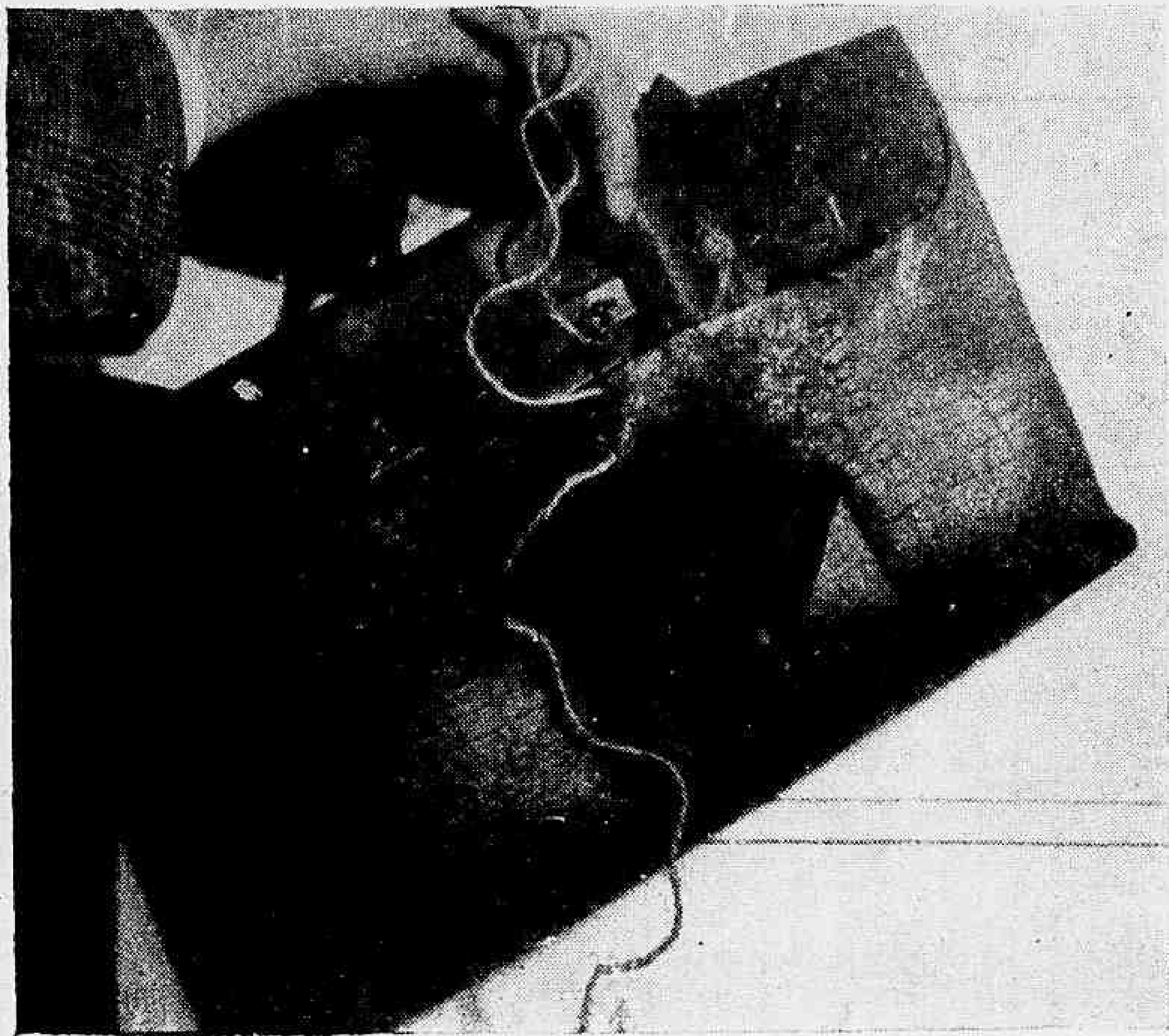
1 — Ter sinha Pansa (Vila Conceição) — dia 26-2-52. Tomou o ônibus de São Bernardo do Campo, na praça da Liberdade, com destino à Vila Nova Conceição, onde desceu, a fim de procurar emprêgo numa sarraria que fica a 7 ou 8 quilômetros do local onde desceu, tendo seguido a pé pela estrada, não conseguindo encontrar a tal serraria. Quando voltava, também a pé, após já haver procurado essa referida serraria por várias estradas, cêrca das 13 horas, avistou uma mocinha que caminhava à sua frente, apressou o passo e tomou a sua dianteira (50 metros) e, ato contínuo, voltou-se e caminhou na sua direção. Ao cruzar-se com a mesma, parou e convidou-a para com êle entrar no mato, ao que esta repeliu a sua proposta; diante desta atitude apertou-lhe o pescoço e arrastou-a para dentro do mato, dando-lhe tempo, apenas, para soltar alguns gritos. Uma vez no interior do mato, Benedito, verificando que a sua vítima recobrava os sentidos, repetiu-lhe a mesma proposta e, mais uma vez, foi repelido por ela. Em vista disso, esganou-a e, a seguir, estuprou-a. Consumado o ato criminoso, retirou-se daquele local, parecendo-lhe que sua pequena vítima, prostrada onde estava, ainda permanecia com vida. Regressou, na volta, pelo mesmo caminho que fizera na ida, retomou o ônibus para a praça Liberdade e, dessa, para sua residência.

2 — Gertrudes Dutzinger (Parelheiros) — Dia 7-4-52 — Benedito tomou o ônibus para Santo Amaro às 8 horas da manhã no parque Anhangabaú. Chegando nessa localidade, ali permaneceu por pouco tempo e, depois, tomou um ônibus para Parelheiros. Uma vez no ônibus, Benedito perguntou ao motorista se o ônibus passava por Casa Grande, ao que foi informado que por lá passaria o ônibus. Ao passar próximo a uma escola, Benedito perguntou ao cobrador do ônibus em que viajava se aquêle lugar era Casa Grande e logo em seguida desceu do veículo. Seguiu a pé por uma estrada que começa ali, na margem direita da via principal, passando por perto de uma escola que também fica situada nesse mesmo lado, logo adiante, numa baixada situada a alguns metros da estrada principal. Benedito caminhou por essa estrada até o fim. Na volta, defronte a uma granja japonesa, viu que vinha andando em sentido contrário àquele que seguia uma mulher loira, parecendo estrangeira: subiu em um pequeno barranco e esperou que sua nova vítima passasse por êle e quando Gertrudes já havia passado por êle, seguiu-lhe os passos, já então em sua retaguarda. A cêrca de uns cem metros encontrou um automóvel de côr escura e mais a frente, em uma picada que fica do lado esquerdo no sentido do caminho que seguiam, passou um homem baixo e velho que levava alguma coisa às costas; mais adiante, perto de uma porteira, viu cruzar por ali um automóvel, também de côr escura, que se dirigia na mesma direção em que andava Benedito. Depois de passar a aludida porteira notou que o velho baixinho desaparecera. Continuou a andar atrás da referida mulher da qual logo se aproximou e fêz-lhe, então, a proposta para com êle entrar no mato, no que foi repelido. Continuou a seguir-lhe os passos até uma porteira que fica perto de um renque de eucaliptos, ocasião em que Gertrudes gritou. Incontinente, Benedito tapou-lhe com as mãos sua bôca e, ato contínuo, esganou-a e arrastou-a pela margem direita do caminho e penetrou com ela por uma picada ali existente e, em seguida, estuprou-a. Benedito notou que essa mulher levava consigo uma sacola contendo pão, maçãs e outros pequenos embrulhos, alem de uma lata de tamanho regular. Depois do estupro, voltou pela pela mesma estrada e passou por uma casa que se situa próximo ao local

(Cont na pág 50)



«EU SÓ QUERO a compreensão e a compaixão dos homens e o abrigo do Estado. Quando via uma mulher ou uma criança indefesa, num lugar êrmo, ficava louco até possuí-la»...



A PASTA E O CORDEL encontrados com Benedito Carvalho, durante sua prisão. A pasta foi uma das pistas colhidas pela polícia de São Paulo. O cordel era a arma com que o tarado liquidava suas vítimas.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — COMO SE CHAMAVA O ASTRÔNOMO QUE PREVIU A EXISTÊNCIA DO PLANÊTA NETUNO, ANTES DE O MESMO SER DESCOBERTO:

— Herschel?
— Le Verrier?
— Kepler?

2 — QUAL O NOME COMPLETO DO ALMIRANTE BARROSO:

— Manuel Francisco Barroso?
— Francisco Manuel Barroso da Silva?
— Manuel Barroso Francisco de Souza?

3 — QUAL O EXÉRCITO ESTRANGEIRO QUE, EM 1865, INVADIU E SAQUEOU A CIDADE BRASILEIRA DE S. BORJA:

— O Paraguaio?
— O Argentino sob as ordens de Rosas?
— Ou Uruguaio, com o general Artigas?

4 — LIMPO DE ABREU ERA:

— Barão de Santo Ângelo?
— Visconde da Gávea?
— Barão de Abaeté?

5 — A QUEM SE DEVE A INVENÇÃO DAS GRAVAÇÕES:

— Edison?
— Michelon?
— Wells?

6 — O ESPAÇO QUE FICA ENTRE OS DOIS PULMÕES SE CHAMA:

— Mesentério?
— Diafragma?
— Mediastino?

7 — UM SINÔNIMO PARA PASTOR:

— Cireneu?
— Pegureiro?
— Eremita?

8 — QUE VEM A SER UMA «PEITICA»:

— Ave?
— Espécie de barata?
— Uma árvore?

9 — UMA COISA QUE TEM MUITOS ASPECTOS É:

— Arenítica?
— Aduana?
— Multifária?

10 — QUAL É A VERDADEIRA GRAFIA:

— Mostrengo?
— Monstrengo?
— Monstrenco?

11 — QUE VEM A SER LENTESCENTE:

— Brilhante?
— Passado a ferro?
— Úmido, pegajoso?

12 — QUE QUER DIZER «INTERPOLAR»:

— Falar com ênfase?
— Pôr de permeio, alternar?
— Barbear mal?

13 — UM PEQUENO GALO É:

— Galispo?
— Pelanco?
— Boçoroca?

14 — UM INDIVÍDUO SUJO DE CARVÃO OU FULIGEM ESTÁ:

— Enxombrado?
— Estafermo?
— Farrusco?

15 — QUE NOME SE DAVA ÀQUELA ARMADURA ANTIGA PARA PROTEGER A CABEÇA:

— Ginete?
— Soquete?
— Elmo?

(Respostas na pág. 50)

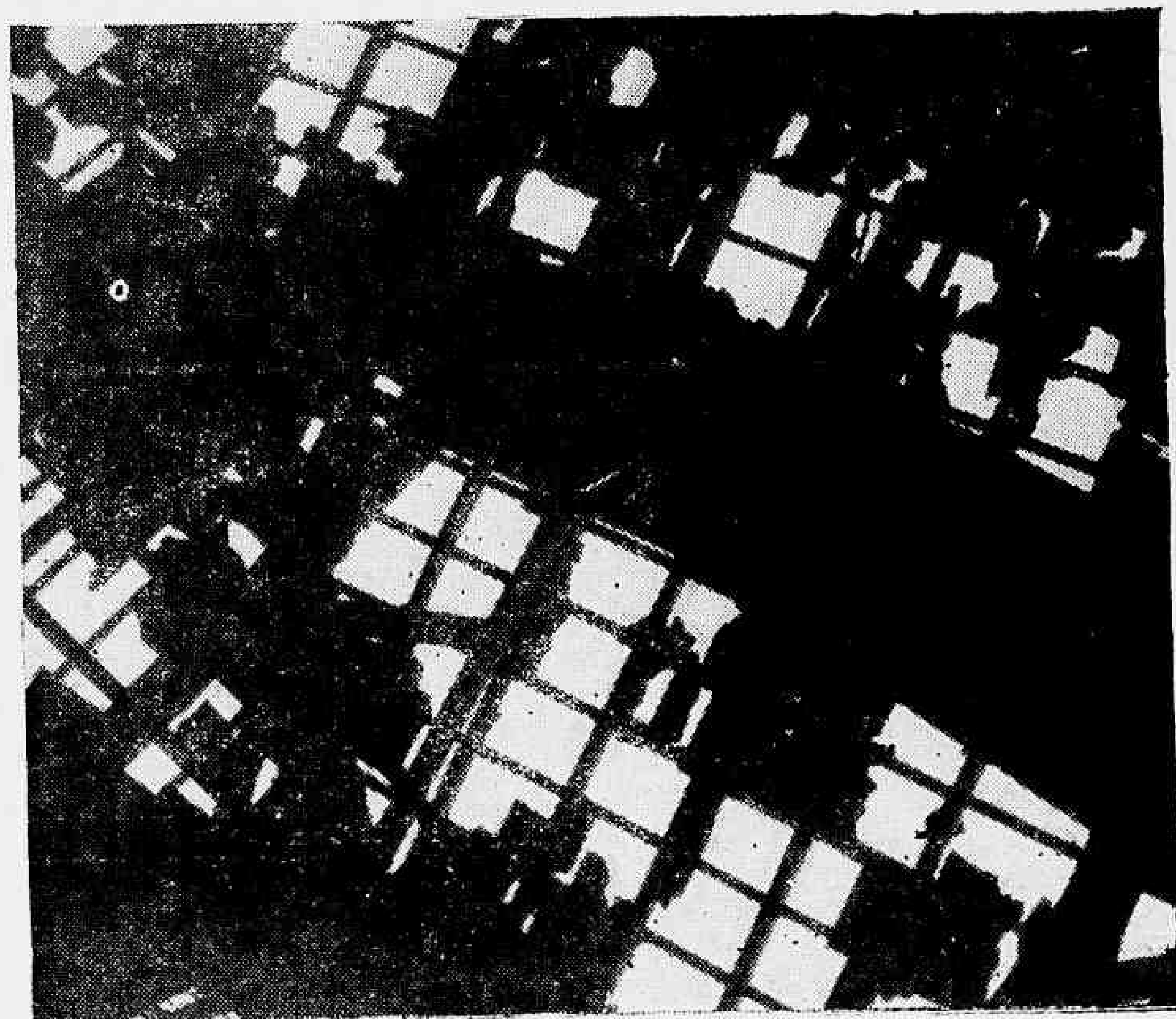
BOMBARDEADA BERNARDINO DE CAMPOS

TRÊS MNUTOS PARA DESTRUIR UMA CIDADE. ★ PÂNICO GERA. ★ GRANDES PREJUIZOS, SEM PERDA DE VIDA.

O estado em que ficou a sólida cobertura do hangar da cidade, com os ferros retorcidos e paredes desabadas, dando a impressão de ter

VIVEMOS a elogiar a côr do nosso céu de anil; mas, às vêzes, vem lá de cima umas surprêsas desagradáveis. Foi o que sucedeu com a poética cidade Bernardino de Campos, no interior paulista. Com os seus cinco mil habitantes, Bernardino de Campos é progressista, centro de grande cultura de café. Há poucos dias, justamente às 14,15, o céu mandava sôbre a cidade o mais violento bombardeio de granizo de que há memória no município. Foram três minutos de metralha cer-

As vidraças do Paço Municipal ficaram em cacarecos, enquanto noventa e cinco por cento das casas da cidade foram danificadas umas



sido alvo de um bombardeio, ou de terremoto. O furacão de Bernardino de Campos, apesar da violência, causou sòmente danos materiais.

rada, com projéteis que chegavam a pesar meio quilo! Depois da barragem, a chuvarada torrencial! Não houve mortos, registrando-se apenas quatro ou cinco feridos sem gravidade. Mas os prejuízos são enormes, necessitando-se de um milhão de telhas para restaurar os telhados. Bela demonstração de solidariedade se verificou, chegando de todos os municípios vizinhos voluntários e recursos de tôda espécie.

e destruídas outras, ficando milhares de pessoas ao relento. O fenômeno ocorreu às 14,15 hs. com pedras de gêlo enormes, e teve curta duração.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 23

A	Govêrno, direção →	26	61	128	73			
B	Jardim extenso e murado →	40	1	78	7	92	120	
C	Segurar; conservar na memória →	13	38	51	70	105		
D	Avalanche →	17	60	8	55	102		
E	Ofertassem →	20	48	68	81	101	2	
F	Turco →	21	5	44	24	90	111	97
G	Que vai caindo →	22	31	130	76	4	77	107
H	Conserta →	29	3	39	56	103	88	129
I	Que não está em exercício (fem.) →	30	11	25	53	93	123	79
J	Discutem, fazem arenga →	49	63	6	15	28	125	98
K	Que tem infecção (fem.) →	52	34	12	122	126	104	59
L	Moeda divisionária →	74	64	46	100	14	121	
M	Que tem ocelos (fem.) →	134	114	86	94	65	57	106
N	Triunfam →	32	10	80	96	117	108	
O	Alardeie, faça ostentação →	116	133	112	9	84	75	27
P	Bons-bocados →	72	110	69	58	132		
Q	Era, período →	33	43	23	109	67		
R	Cerdoso →	37	83	18	50	35	119	95
S	Ardil, tramóia →	16	45	19	91	54	36	
T	Mostre, assinale →	127	71	85	131	99	47	42
U	Bebida dos deuses →	87	66	82	115	124	41	
V	Aversão entranhada →	89	118	62	113			

■	B 1	■	E 2	H 3	G 4	F 5	J 6	■	B 7	D 8	O 9	■
N 10	I 11	K 12	C 13	L 14	J 15	S 16	D 17	■	R 18	S 19	E 20	F 21
■	G 22	Q 23	F 24	■	I 25	A 26	O 27	J 28	H 29	I 30	G 31	■
N 32	Q 33	K 34	R 35	S 36	■	R 37	C 38	H 39	B 40	U 41	T 42	■
Q 43	F 44	S 45	L 46	T 47	E 48	■	J 49	■	R 50	C 51	K 52	J 53
S 54	D 55	H 56	■	M 57	P 58	■	K 59	D 60	A 61	V 62	J 63	L 64
M 65	■	U 66	■	Q 67	E 68	P 69	C 70	T 71	P 72	A 73	L 74	O 75
G 76	■	G 77	B 78	I 79	N 80	E 81	U 82	R 83	O 84	T 85	M 86	U 87
H 88	V 89	■	F 90	S 91	B 92	I 93	M 94	R 95	■	N 96	F 97	J 98
■	T 99	L 100	E 101	■	D 102	H 103	K 104	C 105	M 106	■	G 107	N 108
■	Q 109	P 110	F 111	O 112	V 113	M 114	U 115	O 116	■	N 117	■	V 118
R 119	■	B 120	L 121	K 122	I 123	U 124	■	J 125	K 126	T 127	A 128	H 129
■	G 130	T 131	P 132	O 133	M 134	■	■	■	■	Olaner - Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas prêtas separam as palavras.

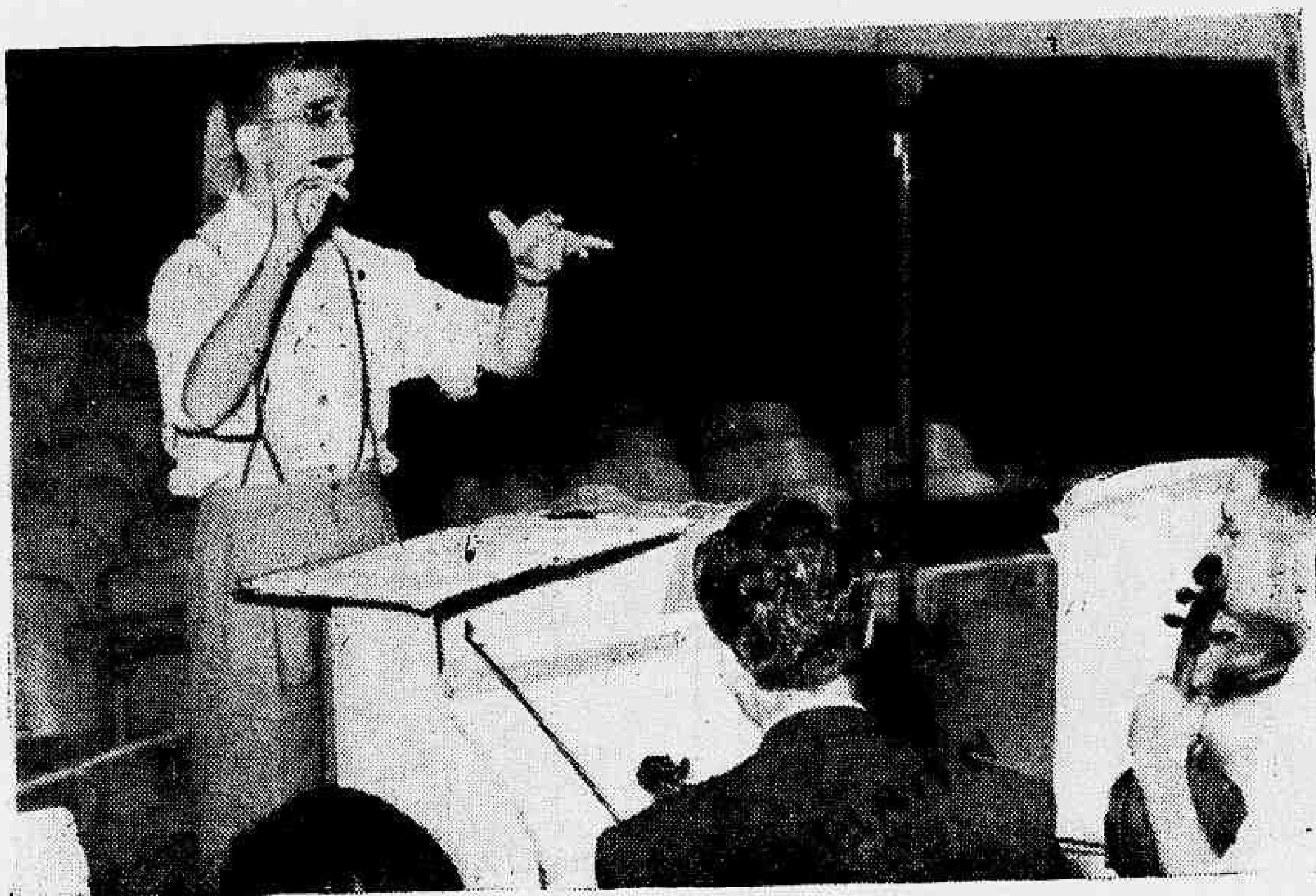
SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 22: — A. SILVA — O MEDICO E O HISTORIADOR — "Se, ainda, a Medicina, ciência e arte, procura a verdade na vida, o que vale dizer, o enigma da vida, a História, também ciência e arte, busca por sua vez, a vida na verdade, isto é, a incógnita da verdade."

UMA CONSTELAÇÃO QUE VALE

A RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO ESTÁ APRESENTANDO NO MOMENTO OS "MAIORES" DA MÚSICA POPULAR ★ DAÍ A PROGRAMAÇÃO MUSICAL DA MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA OCUPAR A SUA PRIVILEGIADA POSIÇÃO JUNTO AOS OUVINTES



João Dias é — indiscutivelmente — o mais popular cantor do rádio paulista. Dono de uma legião de «fans», João Dias é uma das grandes atrações do elenco musical da Rádio Bandeirantes, emissora de S. Paulo.



Sílvio Mazzuca, o melhor band-leader do rádio paulista, é exclusivo da Rádio Bandeirantes. Na programação noturna da PRH-9, a famosa orquestra de Sílvio aparece com classe. Eis, na foto, um instante em que ensaiava um número de êxito.



«Lady-crooner» de prestígio, a menina bonita que aparece na foto é Cinderela, estrêla da Rádio Bandeirantes e figura de primeira grandeza no broadcasting de S. Paulo.

NÃO resta dúvida que, hoje em dia, não se compreende uma grande emissora sem uma sólida base musical, quer de solistas quer de orquestra. O público é que exige. O público não pode dispensar uma atuação cuidadosa no sentido da música popular brasileira, assim como uma alta qualidade orquestral e musical. Nesse particular, a Rádio Bandeirantes de São Paulo pode considerar-se como uma dos melhores da capital paulista. A enumeração de alguns dos grandes nomes que aparecem nesta página, as fotos de alguns dos mais destacados cartazes que atuam permanentemente ao microfone da PRH-9, são uma prova cabal do espírito que norteia a sua programação e a importância que a grande emissora dispensa ao setor da música popular brasileira.



Eleonora Andrade, outro cartaz da Rádio Bandeirantes. Participa com êxito na programação noturna da «mais popular emissora paulista».



RADIO

São Paulo —

MILHÕES!



Aqui estão duas legítimas estrêlas da constelação Bandeirantes: Mary Duarte e Dircinha Costa, que a PRH-9 apresenta em sua programação.



Reynaldo Alves — excelente «crooner» — destaca-se em todos os programas em que toma parte. E' artista exclusivo da P. R. H. - 9.



Mário Martins, Ayrton Farias e Waldemar Roberto, cantores exclusivos da Rádio Bandeirantes, valorizam os programas nobres apresentados nos 840 quilociclos da Bandeirantes.

BANDEIRANTES

840 KILCS.



Sambista de classe, Olga Silva é, também, um elemento de valor que a Bandeirantes mantém em seu cast.



LIDO... VISTO...

PISTOLÃO

Não vamos fazer aqui a análise espectral do pistolão. Nem psicologia e menos ainda a psicanálise dos candidatos a emprêgo e dos que geralmente vão servir de pistolão para arrancar o pistolão, que talvez, brilhando efêmeramente como o seu homônimo, de onde talvez lhe venha o nome, (vou arranhar os filólogos) atingirá o ambicionado alvo.

Quando nasceu essa instituição nacional?

Nos tempos de Dom João VI? Não sei se Oliveira Lima explicou... Antes, na época dos vice-reis? Perguntem ao Luís Edmundo... No dos governadores gerais? No dos donatários das capitanias? Manes de Rocha Pombo, acudi-nos!

Confessemos nossa ignorância a respeito e nossa convicção, grande como esta, e como esta respeitável, de que o «pistolão», isto é, o pedido, a recomendação, baseada na amizade e na camaradagem, mais do que no merecimento, tem origens remotas e sofre influência direta do clima e do meio, que nos fizeram amantes naturais de «sombra e água fresca» e sentimentais e bonzinhos, que só Deus sabe, principalmente com a coisa pública, que sendo pública, é claro, é de nós todos...

Se os políticos confessassem todos os pedidos loucos que para não desgostarem um eleitor, um cabo eleitoral, e, principalmente, uma eleitora, digna de ser promovida a eleita... **ni todos los escribanos, escrebiendo con las dos manos**... dariam conta do recado.

E aquêles que preferem os pistolões verbais e forçam o deputado ou senador a ir pessoalmente pedir aquilo que no íntimo o encabula?

— Não vou nisso de carta, meu irmão... Depois êles não põem um pingo no i e o Fulano que recebe, já sabe que é tapeação... Não vou na conversa...

Há políticos duros em atender, mas a maioria pede tanto e pede tudo, que mais das vêzes os mais graduados já não valem nada...

Na velha República o coração de ouro do velho Senador Azeredo não tinha jeito de negar uma carta. E assim Antônio Carlos. Recomendavam a todo o mundo. Na segunda República, o general Góis Monteiro e o almirante Protógenes Guimarães parece que batiam os recordes da pedincharia... para os outros.

Conta-se que uma vez, quando êste era ministro da Marinha, alguém lhe pediu uma recomendação, solicitando certo lugar na Caixa Econômica e o Almirante mandou fazer a carta, muito boa, e assinou até sem ler.

Daí a meia hora tiiintava o telefone oficial. Era o presidente da Caixa, que perguntava ao Ministro se êste havia mesmo assinado aquela recomendação e feito aquêle pedido.

— Sim, realmente, pedi sim, por quê?

— Mas, Almirante, o sr. sabia que êsse lugar é de dez contos de réis por mês? Aviso aos navegantes: dez contos naquela época era dinheiro que não acabava mais. Só presidente da República ganhava isso; ministro, seis... E Protógenes respondeu:

— Ah, não sabia não, se soubesse tinha pedido para mim...

RESPONDA ESTAS:

66 Desde quando existe nas leis a pena de morte?

67 Que usavam os gregos em vez de guardanapos?

68 Em que dia e ano André Gonçalves e Américo Vespúcio reconheceram a foz do grande rio brasileiro a que deram o nome de S. Francisco?

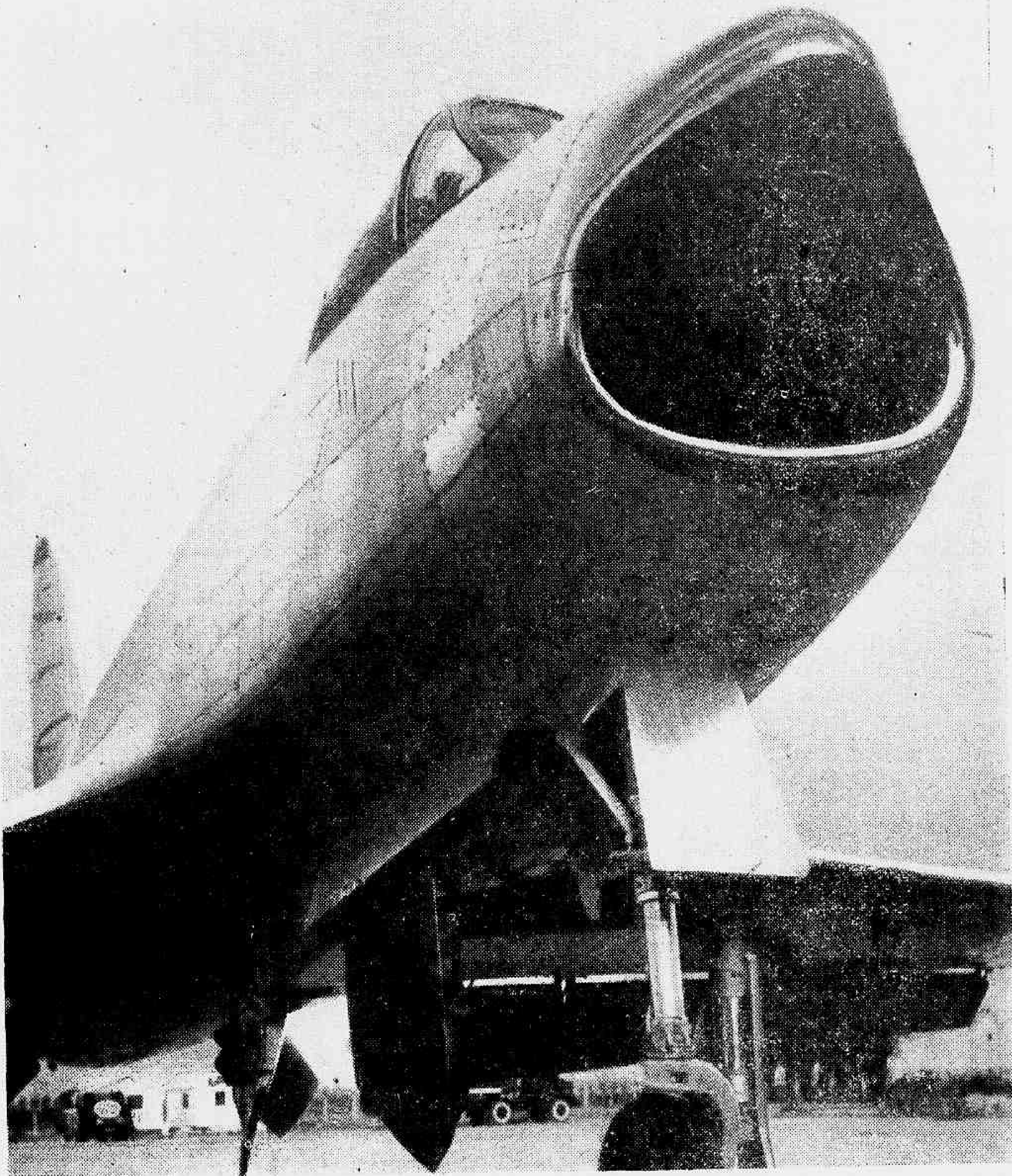
69 Em que dia e ano nasceram e quando morreram os primeiros irmãos siameses e como se chamavam?

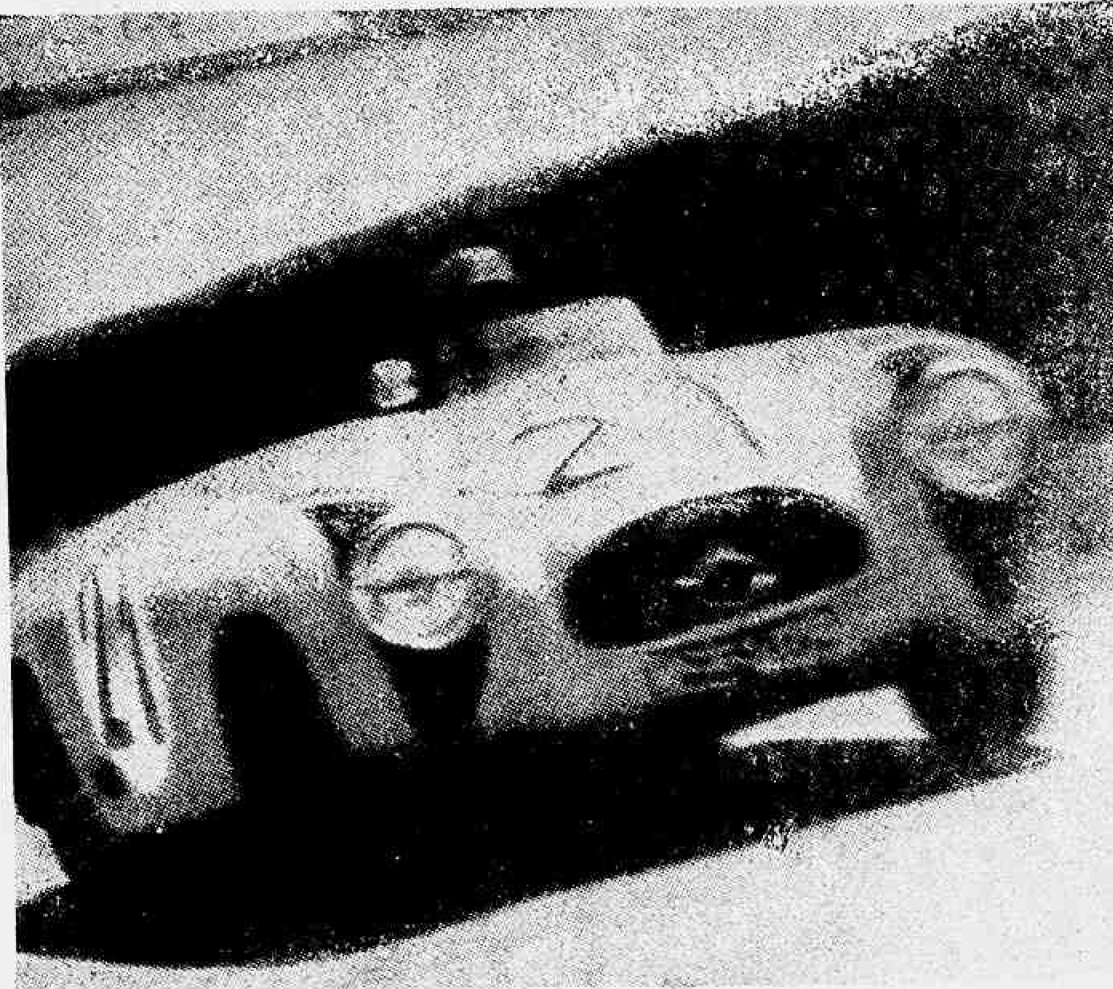
70 Como se chamava o navio em que partiu desterrado para Moçambique o poeta Manoel Antônio Gonzaga?

RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS:

61 — Não se sabe quem inventou o whiskey. Há séculos é êle preparado na Escócia e na Irlanda e o nome veio de uisgebeatha, em língua céltica, que se contraiu para usquebaugh; 62 — Popea Sabina, linda e infame mulher do imperador Nero, por êste mandada assassinar no ano 65 da era cristã; 63 — Há cêrca de 20.000 qualidades de peixes; 64 — Nyteroy, de y-i-terói, água que se esconde. Com o tempo deu-se o metaplasmo de Y-i em ny; 65 — Os franceses designam o rádio e os aparelhos de rádio como «TSF», isto é, «Telegraphie sans fil».

BÔCAS QUE DEVORAM...

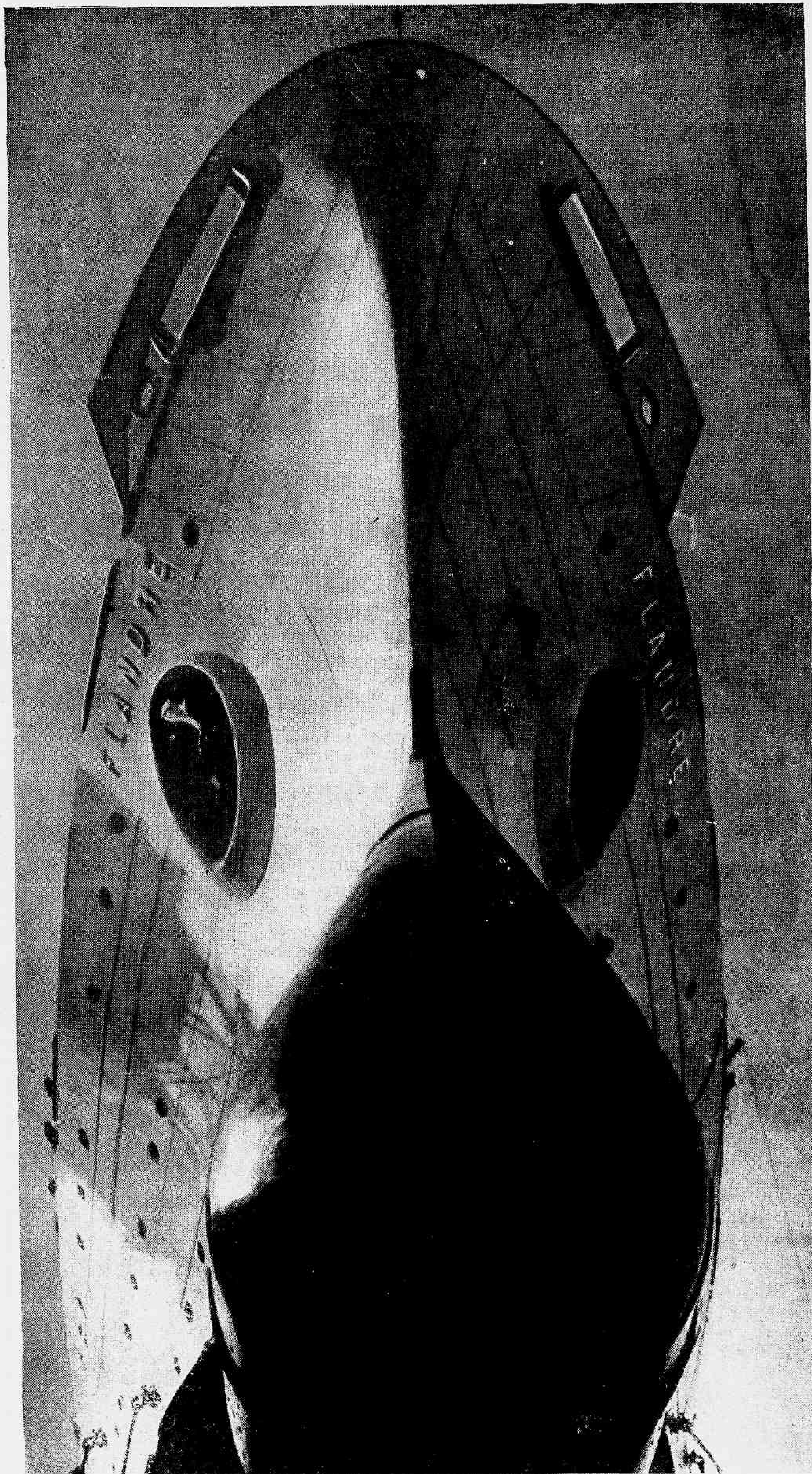




No ar... No mar... Em terra... bôcas abertas na ânsia louca do homem em devorar distâncias. Bôcas simbólicas de uma época vertiginosa, de um século angustiado pela alucinação da velocidade. Um avião e um navio francês, um automóvel alemão. Não são os mais velozes, pois o United States, americano, acaba de ganhar a «fita azul», batendo o «record» da travessia atlântica e os aviões supersônicos inglêses já atingiram a 2.000 quilômetros a hora. Trata-se do «Tubarão dos Ares», o «Nord 2.200», caça movido a jacto, do «Flandre», moderno transatlântico e de um «Mercedes», que atingiu no «Grande Prêmio Alemanha», 410 quilômetros e 58 metros numa hora, a velocidade de um avião

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)

DISTÂNCIAS...



POUCAS... E BOAS...

● **RETRATO DE UM MARIDO**

Depois de muitos anos de casados, o marido mostra o último retrato que tirou, de corpo inteiro.

— Que horror, diz Madame, nessa fotografia faltam quase todos os botões de tua camisa.

— Ó, meu bem que sorte a minha, essa de o notares, agora. Foi por isso mesmo que tirei êsse retrato...

● **TUDO AZUL**

Um joalheiro inglês, patrão generoso, levou para uma agradável viagem continental (êles chamam assim ir à França ou à Itália) a espôsa de um empregado seu, coitado, cujas posses, naturalmente não lhe permitiriam êsse luxo. Foi uma viagem rápida e parece que agradabilíssima para a jovem espôsa do caixeirinho da joalheria de Bond Street, pois não consta de sua parte nenhuma reclamação. À volta, o patrão, ainda radiante pelo sucesso da viagem, escreveu à gentil companheirinha de viagem, uma cartinha gentil em que... naturalmente, evocava os momentos felizes e lhe agradecia o haver dado mais encanto ao passeio... Escreveu. Para que escreveu e não disse, ou não telefonou? O marido ingrato e egoísta, em vez de agradecer a gentileza, pegou a carta e foi reclamar perante um daqueles senhores de cabeleira de longos cachos brancos, caindo sôbre a casaca de sêda preta, que se chamam juízes. E o magistrado condenou o pobre do rico joalheiro a pagar ao marido uma multa pesadíssima, tão alta que permitirá ao marido, agora desforrar-se e fazer também sua viagenzinha... Êsses juízes inglêses...

● **VALE A PENA ANUNCIAR**

Num jornalzinho do interior, o «constante leitor» escreve:

«Quero agradecer ao seu excelente jornal e dar público testemunho da eficiência de seus serviços. Há dias, depois de uma festinha inocente, em que bebemos uns uisquezinhos pela minha promoção no Instituto em que trabalho, notei que tinha perdido a carteira. Botei logo um anùnciozinho no seu apreciado jornal e na manhã seguinte encontrei a carteira num bôlso de outro paletó. Agradeço a vossa senhoria e seus operosos auxiliares o maravilhoso trabalho. Do leitor assíduo: Inocêncio Simplício.»

QUEM DISSE ISTO?

66 «Numa grande alma tudo é grande.»

67 «Tudo compreender é tudo perdoar.»

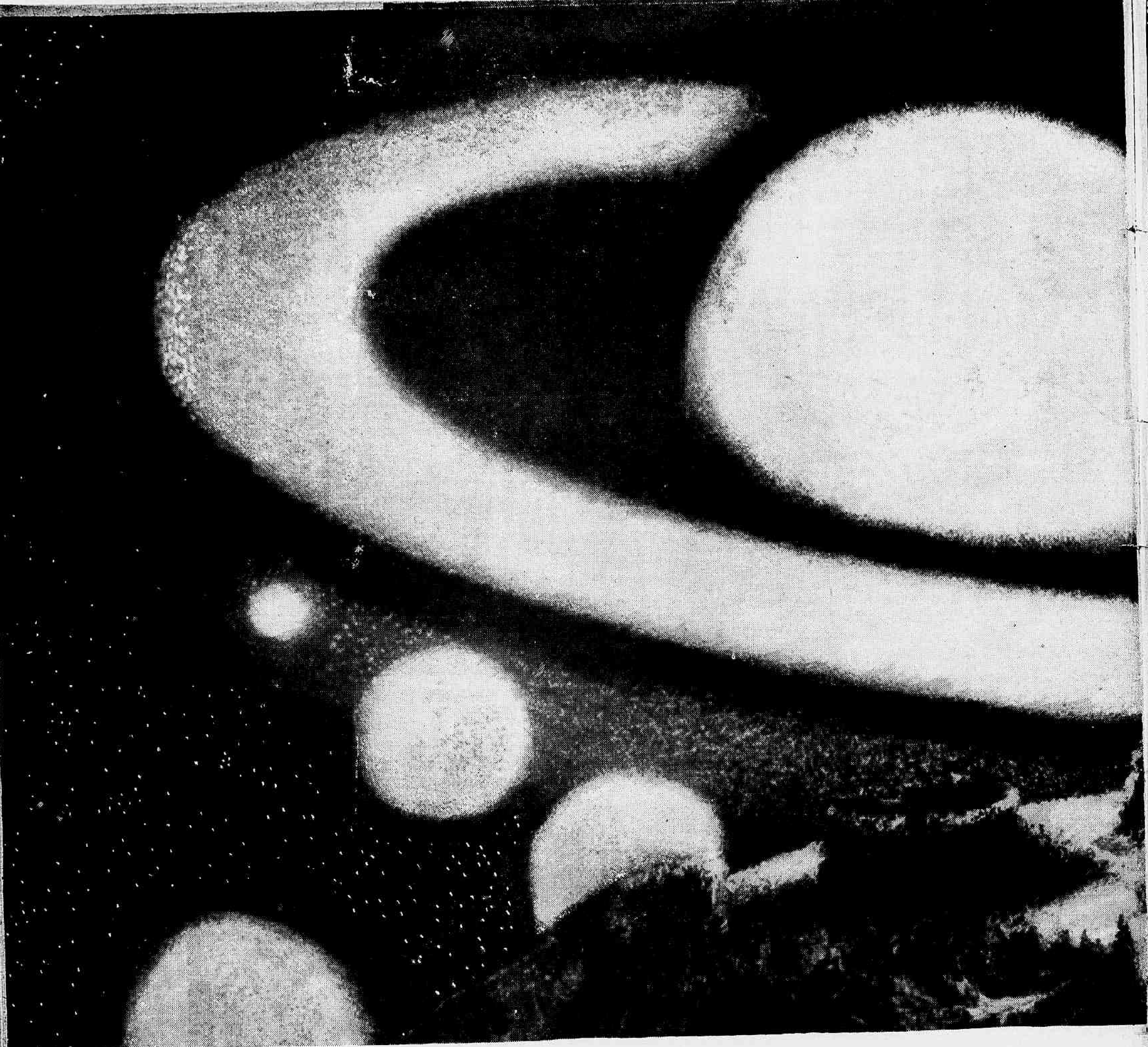
68 «Teríamos sempre vergonha de nossas mais belas ações se o mundo soubesse todos os motivos que as produziram.»

69 «O Eterno Feminino.»

70 «Um Exército deliberante é incompatível com a liberdade civil da Nação.»

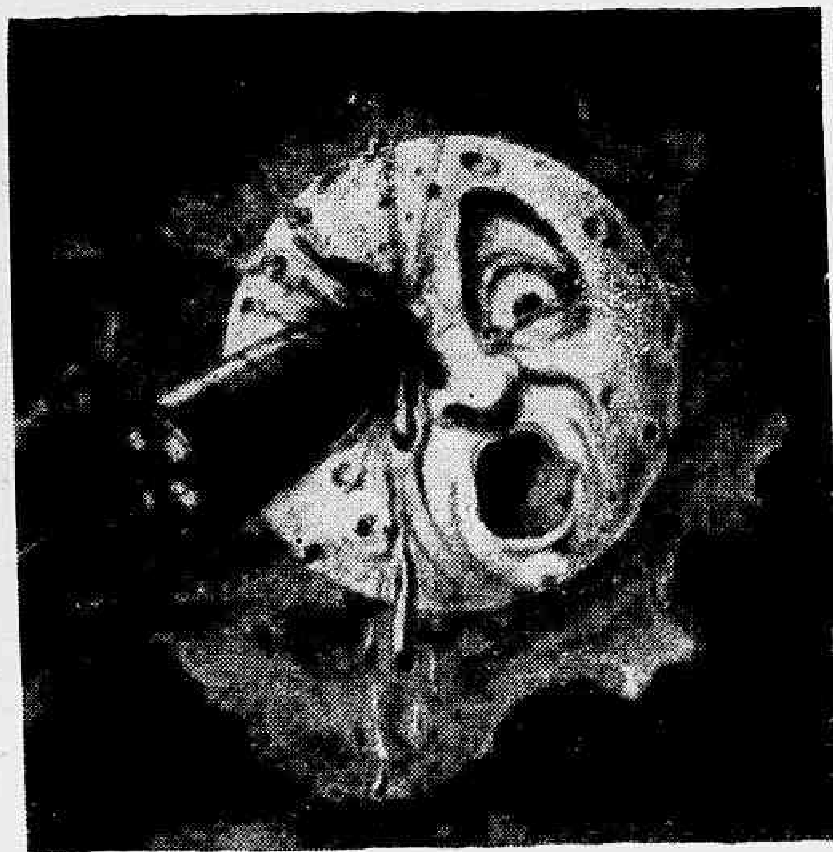
RESPOSTAS ÀS ANTERIORES:

61 — Frase atribuída a Madame Pompadour, dirigindo-se a Luís XV; 62 — Expressão de Fernando I, rei da Hungria; 63 — Palavras do presidente Afonso Pena, pouco antes de morrer; 64 — Maquiavel atribuía a frase ao historiador Quinto Cúrcio; 65 — Isaías, cap. XL, v. 3, Evangelho de São João, cap. 1, v. 23.



No dia em que se tornarem realidade os vôos interplanetários, — que parece não estar muito longe, já que a Ciência se emprega a fundo para presenciar panoramas estupendos. Um artista imaginou da maneira que estampamos como deve ver Saturno e seus anéis quem estiver numa das

DA TERRA À LUA — UMA REALI



A viagem à Lua, de Júlio Verne, já foi objeto de blagues e ironias. Em princípios do século XX, quando Mélies fêz o primeiro filme sôbre o assunto, publicaram essa caricatura. E a Lua não ligou importância. Continuou serena, inspirando os namorados.

ALVORECEU a era dos vôos interplanetários. Esta foi a conclusão a que chegou o Congresso Internacional de Cientistas, realizado no ano passado, na capital da Grã-Bretanha. A viagem intersideral foi o problema que mais apreensão trouxe para os homens da antigüidade. As lendas antigas revelam êsse grande anseio. Numa de suas fábulas conta Luciano de Samosata, uma pequena embarcação partiu, numa calma tarde de verão, duma praia deserta para os confins do mundo, lá onde termina o mar e começa o céu. Quando a lua se elevou das águas tentaram os aventureiros se aproximar cautelosamente para, de surprêsa, aferrá-la. Para não deixar escapar a prêsa levavam cordas, ganchos e roldanas. Esta fábula era mais uma crítica feita aos que sonhavam, então, com uma viagem à lua.

Em 1650, o poeta Cirano de Bergerac imaginou, genialmente, um bom sistema de navegação astral. Uma pequena embarcação, tendo aos lados fileiras de seis foguetes que, queimados sucessivamente, provocariam um movimento ascensional. E, do aperfeiçoamento do princípio dos foguetes, chegou-se à descoberta das bombas voadoras V-2 e aos modernos veículos de reação.

Mais tarde, em 1865, Júlio Verne publicou o seu famoso romance «Da terra à lua». O tema do romance, coadjuvado por um matemático, supunha a estranha aventura sôbre princípios elementares de balística. Foram os alemães

realizá-los — ao homem será dado luas que circundam aquêle planêta.

DADE!

que conseguiram atirar o projétil à grande distância, em condições de pequena resistência. Em tais condições é pràticamente nula a resistência e o projétil se lança no vácuo, percorrendo espaços mais elevados que a trajetória comum, onde a resistência atmosférica é muito sensível.

A física ensina que, imprimindo uma velocidade inicial de oito mil metros por segundo, o ponto de queda vai terminar fora da terra, o projétil não tornará mais. Tal velocidade seria 17 vêzes mais que o movimento de rotação em um ponto da superfície terrestre ao equador. Mas se a velocidade superasse onze milhas e duzentos metros por segundo, o projétil não giraria em tôrno da terra. Vagaria bem distante, pelos espaços

DE CIRANO DE BERGERAC E JÚLIO VERNE AOS "V-1" E "V-2" ★ DA CONFECÇÃO DA ASTRONAVE, DOS MOTORES ATÔMICOS À DETERMINAÇÃO DAS ROTAS ★ ATERRISSAGEM NO MUNDO DA LUA ★ RETÔRNO À TERRA ★ OS RAIOS CÓSMICOS ★ PERIGOS DA TRAVESSIA INTERPLANETÁRIA ★ A TERRA, VISTA DA LUA, É MAIS LUMINOSA E COLORIDA

siderais, até cair prisioneiro de qualquer corpo celeste, que o aproximaria com a sua fôrça de atração.

A viagem interplanetária não será nunca como idealizou Júlio Verne. O verdadeiro veículo cósmico do futuro será o foguete. As tentativas da astronáutica começaram no fim do século passado. Os alemães, em 1944, confirmaram as experiências anteriores dos cientistas, usando as poderosas bombas V-1 e V-2, baseadas na teoria dos foguetes. Depois da guerra abriu-se um novo capítulo para a navegação interplanetária. Hoje o problema pode abranger os seguintes pontos, ainda preocupando físicos, médicos e construtores:

Primeiro: construção de um motor impulsionado com energia atômica, única capaz de alcançar altíssima velocidade e com a possibilidade de conseguir-se atingir a Lua ou Marte.

Segundo: confecção da astronave, com particular atenção à escolha do metal adaptado para suportar temperaturas elevadas quentes e frias, grandes pressões e as diversas composições químicas das camadas que tiver que atravessar.

Terceiro: determinação da rota, comunicações pelo rádio, aterrissagem no planêta e segurança de retôrno à Terra.

Quarto: proteção conveniente dos astronautas contra os raios cósmicos, quer durante o vôo, quer no planêta alcançado.

Quinto: saber se o organismo humano suportará os perigos a que está exposto, em grande parte desconhecidos, de uma travessia no vácuo interplanetário. Como se proteger contra as temperaturas tórridas e glaciais, a falta de oxigênio para a respiração e, ainda, particulares condições de gravidade que levará a reduzir a zero o pêso das coisas e do corpo.

Êsses são os problemas fundamentais que ainda dificultam a realização definitiva das viagens intersiderais. Outra grande interrogação preocupa os astronautas: o que acontecerá saindo do nosso planêta, caindo nas trevas dos espaços em direção à Lua, Marte ou qualquer outra ilha celeste?

As primeiras provas práticas com os foguetes tiveram início nos fins do século passado. Vários nomes ilustres ficaram célebres na história da astronáutica: P. E. Paulet, na Alemanha, o aviador Valier, na América, as experiências do prof. Goddard, com os primeiros foguetes a explosão, e o prof. Oberth.

Segundo a narração de aviadores que, em sideraplanos, conseguiram alturas incomensuráveis, até mais de 20 mil metros, o espetáculo que se apresenta além das fronteiras da terra é, deveras, maravilhoso. Depois de um céu completamente azul, o espetáculo se transmuda. Uma camada de densas trevas parece que envolve tôda a periferia terrestre. As fotografias, tiradas por dispositivos automáticos colocados nos velozes foguetes voadores, mostram o natural desenvolvimento geológico, no curso dos vales e rios, como gigantescos ramos que se destacam das montanhas.

A opinião dos astronautas é de que a Lua tem a imobilidade de um mundo sem vida, privado de água e de ar, circundado de altas montanhas com imensas crateras. A falta de ar tem como principal efeito um silêncio mortal. Os rumores não podem ser transmitidos através do espaço; os homens não ouviriam o fragor de uma explosão atômica nem o som de suas vozes.

A extensão de um dia, do amanhecer até à hora do crepúsculo, é de duas semanas. No fim do dia a temperatura torna-se quente. Durante tôda noite cai ràpidamente a 200 graus abaixo de zero. A terra aparece como um globo quatro vêzes maior que a Lua, oitenta vezes mais luminosa, e cintilante de raios e de calor.

E' de se esperar que, com o progresso da ciência astronáutica, venham os homens, num futuro bem próximo, a tornar uma grande realidade o sonho de tantas gerações: — uma viagem de ida e de volta ao nosso belo satélite — inaugurando para a humanidade a era das viagens interplanetárias.

Enquanto os técnicos cuidam dos detalhes infindáveis, que tornarão possível o grande sonho de tantas imaginações fecundas, que têm escrito sôbre o tema e de tanta cabeça sonhadora, que sempre julgou possível para a humanidade a grande aventura da conquista dos espaços interplanetários, abrem-se nos Estados Unidos — incrível como pareça — inscrições para os possíveis passageiros. E' a fila para a prioridade que se organiza. E nunca ninguém imaginou que houvesse tanto pretendente, tanta gente corajosa, querendo ser dos primeiros. Mais de 20.000 inscreveram-se logo. E são homens e mulheres de tôdas as idades, adolescentes que seria mesmo natural vivessem no mundo da lua... e gente madura e de cabelos brancos. Um velho de 78 anos, Hans Jordan, fêz questão de uma passagem para êle com a senhora, da qual é inseparável e não se quer afastar, nem para essa que todos julgam, no princípio, uma perigosa viagem. O interêsse é tamanho do público, que a parte comercial, a possibilidade de grandes lucros — quanto custará um bilhete de ida e volta? — haverá mesmo volta... da Lua? que é bem possível sejam apressados os preparativos e muito breve mesmo se anuncie o dia e a hora sensacional da primeira viagem do bichinho danado que é o Homem, através dos espaços, com rumo certo pelo menos com a determinação certa de chegar a bom destino.

A famosa V-2, com que os alemães bombardearam a Inglaterra, foi o ponto de partida para os estudos que estão sendo feitos para a astronave que conduzirá o homem um dia através dos espaços infinitos.

Iniciaremos no próximo número:

"A VIDA DE NOEL ROSA"



Contada por ALMIRANTE a maior patente do RÁDIO!

AVENTURAS NO MUNDO DA MÚSICA E DA BOÊMIA: A HISTÓRIA TÔDA, TINTIN-POR-TINTIN, com um MUNDO LOUCO DE INDISCRIÇÕES, DE ADORÁVEIS BILHETES DO CANTOR DA "VILA" ★ EPISÓDIOS ENGRAÇADÍSSIMOS UNS, PITORESCOS OUTROS, ROMÂNTICOS E SENTIMENTAIS ★ DOCUMENTOS E FOTOGRAFIAS ★ CARTAS E LETRAS DAS MÚSICAS DE NOEL, CHEIAS DE SENSIBILIDADE E DE HUMOR



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● A importância dos sonhos é tal que certas enfermidades, antes de aparecer efetivamente, se fazem anunciar em sonhos. Embora todos os órgãos e glândulas tenham uma mente independente, todos sabem que êles obedecem à mente instintiva e se esta fôr devidamente saneada pela mente consciente, irradiará, naturalmente bons pensamentos que se apresentarão, por sua vez, em sonhos bons ou alvissareiros. Ao passo que, de deixarmos nossa mente entregue a seus impulsos inferiores, teremos sonhos extravagantes, que se abeiram de pesadelos terríveis. O pensamento é o único provocador de desordens que se apresentam com uma antecedência espantosa em muitos fenômenos oníricos. Embora, de um modo geral, se apresente sob a forma de símbolos, o sonho não deixa de representar o nosso próprio Eu e muitas das cenas passadas em nossa mente pelas experiências diárias. Assim é que um objeto, um incidente, um encontro, poderão desencadear no subconsciente uma lembrança adormecida que aflorará ao campo da consciência quando dormimos.

● A psiquiatria tem-se valido dos sonhos para corrigir muitas fobias e degenerescências funcionais, reconduzindo pseudo-doentes ao seu verdadeiro lugar na vida normal. Procuremos, pois, modificar o nosso caráter e influir sôbre nosso próprio organismo, ouvindo as advertências de nossos sonhos.

● SANTA (Rio)

SONHO: — Você recebia das mãos de um garôto uma cédula de mil cruzeiros, guardando-a no seio. Logo em seguida, via o menino sacudir um saquinho do qual saíam cartas de baralho que iam cair num buraco escuro e lamacento.

INTERPRETAÇÃO: — Você está convencida de que tem possibilidades de maiores lucros do que aquêles de que desfruta no momento. Sabe, entretanto, que, se não tomar sua consciência (o garôto) como guia, seguindo sua voz interior, poderá pôr em jôgo (baralho) a estabilidade do presente e afundar-se em falsas especulações no futuro (buraco lamacento). Consulte bem o seu coração, pondere bem, Santa, e veja se não está desejando algo que, mais tarde, acarretará a perda do seu bom nome e do seu conceito social.

● MADAME N (Rio)

SONHO: — Durante várias noites, você sonhou que via uma de suas amigas numa grande casa, rodeada de pessoas estranhas, num grande movimento de visitas que entravam e saíam. Impressionou-a uma particularidade dessa casa: ela era muito fria. Poucos dias depois dêsse sonho, aquela sua amiga foi atropelada e recolhida a um hospital, onde você a viu, realmente, muito visitada e rodeada de atenções. E o hospital, como a casa do seu sonho, é muito frio, situado num lugar onde não bate sol.

INTERPRETAÇÃO: — Seu sonho poderia ser considerado, à primeira vista, um «aviso», como se diz em linguagem popular, e, portanto, tìpicamente espiritualista. E', entretanto, um fenômeno perfeitamente explicado pela Ciência, um sonho premonitório, que se define como uma espécie de desdobramento do Eu que, assim, pode avançar até fatos ainda irrealizados e ambientes desconhecidos. Você tem, sem dúvida, uma grande fôrça psíquica. Se se dispuser a desenvolvê-la, sob uma orientação segura, poderá torná-la um instrumento a serviço da felicidade dos que a rodeiam.

● SÓ (Rio)

SONHO: — Você sonhou que estava só, na praia de Copacabana. E que, empunhando anzóis longos e resistentes, conseguia trazer para a praia uma pesca copiosa.

INTERPRETAÇÃO: — Você deve saber que os antigos cristãos se davam a conhecer, entre si, na época das perseguições, usando o criptograma do peixe, que significava o Cristo. Talvez não saiba, entretanto, que, na parábola da mulher adúltera, ao protegê-la contra os apedrejadores, Jesus desenhou um peixe no chão: «Quem não tiver êste pecado, atire a primeira pedra». Isso, porque o peixe era, entre os judeus antigos, um símbolo do sexo. Assim, minha amiga, seu sonho tem um significado erótico, inclusive nos próprios anzóis, «longos e resistentes», simbologia fálica irrecusável. A verdade é que você se sente realmente só e triste na vida (a praia) e que vê no amor uma libertação, uma solução para os seus problemas íntimos. Por outro lado, ainda reportando-nos ao Evangelho, o peixe é um símbolo de abundância, lembrando-nos a pesca milagrosa. Assim, você espera do amor, além da paz interior e da satisfação dos seus anseios, uma mudança de situação econômica, confôrto e bem-estar material.

● ROSALI (Rio)

SONHOS: — Você viajava de avião e, em dado momento, projetou-se de grande altura, despencando no espaço. Ao cair, foi atacada por uma enorme quantidade de urubus, que, esvoaçando à sua volta, a perseguiam com bicadas. Tantos eram os urubus que você deixou de ver a luz do sol.

INTERPRETAÇÃO: — Seu sonho é bem característico das pessoas que vivem com a preocupação de não «cair». Depois de haverem alcançado uma posição mais ou menos elevada, quer na sociedade, em que ocupa um lugar de relêvo, quer dentro de sua própria consciência, que, talvez com esfôrço, tenha logrado ultrapassar o terra-a-terra das convenções sociais, (o que me parece ser o seu caso) essa preocupação é uma constante espiritual, consciente ou não. Você sabe perfeitamente que, se abrir uma pequena «portinha» nas suas convicções, será atacada por uma infinidade de adoradores (urubus) que virão empanar a candidez de sua alma. (o sol). Tenha, realmente, cuidado com os vôos muito altos, pois poderá sofrer o desequilíbrio da altura, sentindo-se vertiginosa. Então, «cairá», de fato, interrompendo a bela trilha ascensorial que traçou para sua vida.

Eternamente MÃE

JAMBEIRO, uma cidadezinha que se deixou plantar em plena Serra do Mar. Até então se desconhecia ali qualquer fato que viesse abalar tanto a consciência quase que exageradamente religiosa daquele povo simples e honesto. Ninguém jamais viria supor que o grande conflito que estava sacudindo o globo um dia refletisse, tão sensìvelmente, naquela vila, destruindo a lealdade tradicional daquela gente.

Manhã brumosa e gélida como tantas que cobrem grande parte daquelas paragens, em dias de junho e de julho. Na Igreja da cidade, se aglomerava o povo para ouvir a preleção do Padre Antônio, que naquele dia erguia suas preces para Deus, pedindo pela felicidade daqueles que partiam. Os primeiros bancos se reservavam aos trinta e dois soldados, que aos pés do altar, aguardavam a hora dolorosa de seguir. Nunca tanta gente sentiu tanto o efeito daquela voz cortada com que o Pastor terminava o seu sermão:

"— Meus filhos! Meus diletos filhos! Não quero e não posso prolongar, por mais tempo, esta minha exortação. A Pátria vos chama e Deus vos ordena. Parti. Parti, confiantes na vitória. Na vitória do Brasil, que é também a vitória de vossa religião, ora ameaçada por inimigos implacáveis. Bem sei que o momento é cruel, e mais cruel ainda a sorte que vos lança naquele inferno de balas e de horrores, que está devorando até às entranhas, a alma cristã da velha Europa. Mas, eu vos repito: parti confiantes porque o vosso Deus estará ao lado daqueles que lutam em defesa de nossa soberania, de nossa fé, de nossa dignidade!

Sêde vós, também, dignos da Bandeira que vos acompanha. Sêde soldados dignos do Brasil, e dignos de Deus! E, quando virdes o sibilar das balas a cruzar os céus que vos cobrem, lembrai-vos sempre que, nesta mesma Igreja onde vos fizestes cristãos, onde vossas espôsas vos juraram fidelidade e vos prometestes retribuir, nesta mesma Igreja estaremos rezando por vós! Quando sentirdes a alma a se despedaçar dentro do peito, volvei os vossos olhares para esta risonha capela da Virgem, e aqui vereis vossos pais, vossas veneráveis mães, vossas adoradas espôsas, vossos idolatrados filhinhos! Ide, meus filhos, e que o bom Deus vos traga sãos e salvos para o recesso carinhoso de vossos lares, para o seio generoso de vossas queridas famílias!"

As últimas palavras do Padre quase não se ouviram. A dor e a emoção o dominavam. Levando o lenço aos olhos, tentou enxugar um fio de lágrima atrevida que deslizava em sua face. Foi inútil, porém. Dois rios vieram sulcar as rugas de sua face veneranda. Desceu lentamente as escadas do púlpito, enquanto o chôro se fazia geral.

Os gritos, de quase desespêro, enchiam os ares. Para aquêles filhos e para aquelas mães que tão pouco se haviam separado, esta separação tinha o horrendo sabor de uma catástrofe. A situação era de verdadeiro pânico.

O relógio da Matriz, inexorável, acusava a hora fatal. O caminhão buzinava no largo da Igreja. Um tenente, que viera buscá-los, de ares severos e maneiras bruscas, ordenava o embarque. Começaram a subir.

Sentada à porta da Igreja, uma velhinha recebia as últimas instruções de seu querido filho:

— Olha mamãe: A senhora conhece Leonor, mulher de meu amigo Celestino, não conhece?

D. Matilde, tal o seu nome, afirmou com um ligeiro aceno de cabeça.

— Pois bem, — continuou o soldado, — se Celestino morrer, traga Leonor para morar com a senhora. Zele pelo seu filhinho. Queira-lhe como se fôsse seu próprio neto. Goste de Leonor, como se fôsse sua filha.

D. Matilde sacudiu novamente a cabeça afirmativamente. Os soluços não lhe soltavam a voz.

O carro buzinou outra vez e a turma gritou lá le cima:

— Eh! Como é Juquita?!

O soldado abraçou mais uma vez a sua querida mãe. Beijou-a ternamente. O caminhão já estava se movendo, e Juquita ainda falou:

— Não se esqueça disso, sim mamãe?! Não se esqueça, não, ouviu!

A triste senhora levantou os olhos entumecidos para o carro que se afastava lentamente. Acenou ao filho com suas enrugadas, mas abençoadas mãos, e murmurou baixinho:

— Sim, meu filho, não me esquecerei. Deus o acompanhe!

★

Os dias se foram passando. Uns após outros. Todos tristes, longos e penosos. Raramente, surgia uma cartinha de "qualquer parte da Itália". Liam todos. Comentavam. Dir-se-ia uma grande família aquêle povo simples de Jambeiro. Interêsses mútuos. Amizades antigas e inabaláveis. Unidade e consideração fraterna. E agora êste fato a sangrar cada família, atingindo um filho quase de cada lar, viera selar a grande aliança que reunia tôda aquela gente em tôrno de um mesmo ideal: a volta feliz daqueles que se foram.

Apenas uma senhora se conservava alheia aos comentários. Não freqüentava os vizinhos. Não ia rezar, na Igreja, pelo seu marido. Era ela Leonor. Viera para aquêle lugar havia, mais ou menos, quatro anos. Tempo relativamente pequeno, pois os que ali moravam eram nascidos e criados ali mesmo. Era espôsa de um jovem engenheiro, que viera para aquela cidade, com a missão de estudar as possibilidades de uma es-

(Continua na página 50)

Conto de J. NORBERTO
Ilustração de J. RIBEIRO



Um Príncipe em minha Vida

Novela de MICHEL DAVET

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille, depois da morte de seus pais, fôra viver sob os cuidados de sua tia Manoue, numa fazendola do sul da França. Desde muito criança se habituara a ouvir histórias de Príncipes Encantados, e sonhava com um dêles. Malique, outro a quem Manoue criava, mais velho do que Bertille, começou a sentir que seu coração palpitava por Bertille, mas não se animava a revelar. Manoue, já velhinha, morreu. Os dois ficaram sòzinhos na mesma casa. Bertille encontrou o seu Príncipe, um jovem algo misterioso que morava num castelo nos arredores. Entre Malique e sua irmã de criação começou a surgir uma série de desavenças. Era desejo de Manoue que êles se unissem pelos laços sagrados do casamento, opinião que também manifestara o cura da aldeia próxima. Por sua vez, Bertille desconfiava que Malique tinha alguém a quem amava, lá na cidade. E sentia ciúme.

E eu estava a viver êsse momento. Malique não compreendia mais o que meus olhos diziam, porque os meus olhos já não mais reconheciam as coisas. Eu era como que uma estranha em minha própria casa. E mais do que isso: eu me julgava uma estranha dentro de mim mesma.

Tudo em tôrno de mim era como novidade, coisa desconhecida e estranha. A granja, os campos, os muros, o galinheiro, o celeiro, o feno, o poço, as árvores, o teto das casas, os lilás de Manoue, os caminhos, tudo eu contemplava como se fôsse uma criança convalescendo, como se estivesse por ali depois de grande ausência.

E os meus sonhos também haviam mudado, aquêles sonhos antigos, de menina selvagem que nada os turbava, antigamente. Quantas vêzes eu dormia mal, gozando o clarão do luar que se derramava em meus braços côr de jaspe. Quantas vêzes eu ficava acordada à espera do romper do dia, quando o sol vinha surgindo com seus raios de fogo. Muitas vêzes, à noitinha, eu sentia prazer em ficar nua, diante do fogo, vendo as sombras que se projetavam ao solo e sôbre as paredes como fantasmas! E se o calor era forte naquelas noites do estio prolongado, eu sentia vontade de sair para o campo e deitar-me, espojar-me sôbre a relva úmida pelo orvalho da noite alta! Como eu tinha vontade de abraçar-me aos troncos daquelas velhas árvores amigas e misturar meus sonhos com os seus ramos e flores!

Mas tudo isso, tôda essa febre nada mais era do que a manifestação de meus instintos selvagens. Manoue havia tratado a minha pessoa e o meu espírito com tanta pureza e simplicidade, que eu sentia estar com a minha vida manchada, pelo mais leve e insignificante propósito. Bastava uma sombra, uma simples sombra, para sentir-me ofendida, desolada.

Pela manhã, quando ainda o dia estava novinho e muito pálido, eu ouvia os passos de Malique ao sair do seu quarto, abrir a porta com muito cuidado a fim de não fazer qualquer ruído para não me acordar. Pisava cuidadosamente com os seus tamancos. Êle reanimava o fogo, fazia a sopa na qual jogava um pouco de sal e mais algumas iguarias com um cuidado e uma perícia de chefe de família, e grande precaução...

Eu, muitas vêzes perguntava a mim mesma, se, já cansada de esperar outras chances, não devia mesmo desposar Malique; mas isso eu sempre condicionava a uma outra circunstância; se o meu príncipe não houvesse aparecido...

Se tal não houvesse acontecido, nada teria mudado em minha vida. E tôdas as manhãs Malique acenderia o fogo, fazia a refeição matinal, cuidaria da cozinha, arrumava-a, lavaria a louça para que eu não tivesse tanto trabalho, enquanto eu permanecia naquela paz rural, com o espírito em sonhos, fôsse aos trinta, fôsse aos quinze anos de idade, e eu não sei quantas esperas em meu coração o amor não houvesse abençoado.

Ah! Eu não era uma criatura simples, conformada, prática dentro da realidade, iludindo-me a mim mesma com a pretensão de ficar ao lado do homem estranho a quem estava amando!

Capítulo XVI

— Bertille! Oh! Bertille!

Eu ouvia os gritos, mas deixava que êle continuasse a berrar assim, pois era hora de ir ao bosque. E não respondia.

Eu adivinhava os meus carneiros impacientes por detrás da porteira do estábulo. Vendo que eu não dizia nada, Malique apareceu vermelho de raiva:

— Bertille! Você está surda? Já faz mais de vinte minutos que eu a chamo!

Você bem sabe que eu vou levar os carneiros para o campo. Para quê grita assim? Pressa? Mas você não vê que a terra está cheia de riachinhos?

Malique se aproxima. Pelo aspecto de seu rosto eu percebi que êle estava doido por uma teima sôbre assuntos que estavam recalcados e que êle desejava desabafar

E começou, desfiando as palavras represadas desde muito.

— Você, Bertille, já nem sabe mentir mais... Então é verdade que há um rapaz que a espera lá em baixo?

Nos olhos de Malique havia mais infelicidade do que cólera, eu não tive coragem de confessar-lhe, por mais vontade que tivesse de ser-lhe franca.

Malique tornou a insistir:

— Se nada há a êsse respeito, jure pela alma de Manoue!

Ah! Manoue! Eu não poderia jurar por sualma! Mas quando tornei a ver o meu príncipe sob as árvores, todo o meu remorso, tôda a minha inquietação foi logo esquecida. Êle estava sentado à beira da fonte. Viu-me chegar sem um movimento, porque, naquele instante um passarinho desceu dos ramos para beber na água rósea um pouco do céu que nela se refletia. Bateu as asas, voou, e só então o meu príncipe veio para mim.

Êle vivia quase sempre melancólico, de ar suave e doce, de uma mole doçura, em que seus próprios beijos não tinha qualquer sabor. Mas, que importava que o seu pensamento estivesse assim distante, e que os seus olhos tristes, ao fitar-me não me vissem? Eu tinha sua cabeça sôbre meu seio; eu o acariciava, podia tocar-lhe os cabelos, e eu pensava que o meu espírito seguia o seu nos mesmos pensamentos.

Mas, de outras vêzes, inesperadamente, sob seus beijos brutais, eu tremia quase assustada como se não fôsse êle mesmo. Era impossível reconhecer o meu príncipe triste, silencioso melancólico. Mas os seus beijos ardentes eu já os adivinhava há muito tempo, de há muito eu os pressentira. Meus lábios os sentia virem para mim, trêmulos e impacientes, desejosos de serem esmagados pelos seus lábios frenéticos mesmo que a morte nos surpreendesse... Contudo, ainda eu não estava de todo submissa e dócil. O pensamento em Manoue, a lembrança de Manoue me resguardava. Eu desejava que, antes de tudo, êle me falasse de nosso casamento, e não compreendia por que motivo êle tardava tanto. Eu não compreendi como era que êle se mostrava assim tão nervoso e depois tão amargurado, tão cheio de desgôsto, pois que êle me amava. Murmurava com a cabeça recostada ao meu seio:

— Meu amor! E' tão simples o amor! Tão simples a felicidade!

Olhava-me nos olhos e, suspirando, fitava um ponto distante no céu azul, e silenciava como se houvesse ido com o olhar e o pensamento para muito longe...

*

— Bertille... Mas, Bertille não é o nome de um passarinho? Nunca ouvira um tão belo nome. Êle canta!

Êle abriu seu estojo de música e desde que começaram os acordes, a melodia fluiu em cascata. Era uma canção clara, linda, como que saltitando aqui e ali, dali para acolá, e dir-se-ia que podíamos vê-la a pairar nos ramos.

— Compreendeu o que toquei?

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



— Eu penso que vejo uma pequenina alma a dançar agitando seus cabelos.

Êle pareceu ficar contente com estas minhas palavras.

— Pois o que toquei e cantei foi a sua pessoa, Bertille, feliz e transparente como um espírito da floresta. Ah! Eu tenho a música dentro dalma! E' ela que me faz viver acima dêste mundo, aproxima-se do Sol, e, muitas vêzes me consola. Já a tenho tocado nas cidades diante das multidões. Grandes damas me têm amado, chorando ao pé de meu violão. Ouve-me, Bertille? Mas eu, apesar de tanta ventura, de maravilhas, sentia-me constrangido, infeliz. "Êles" me perseguiam, "êles" ameaçavam-me, "êles" prendiam-me. Eu devia fugir para que "êles" não me encarcerassem como a um prisioneiro, como se faz a um louco... Sim, como a um louco! Acha que eu tenho um ar de louco, Bertille?

Eu, embora já estivesse habituada a ouvirlhe murmurações assim, sem nexo, misteriosas, falando-me de coisas incompreensíveis, naquele instante angustioso para êle, comecei a rir. Mas ri porque pensei que êle também estivesse rindo. Ah! Como os seus olhos brilhavam!

Eu gostava dêle quando os seus olhos eram meigos e doces, como se sonhassem com o país que havia conhecido. Eu pegava suas mãos sempre quentes e as aconchegava às minhas, e o murmúrio das folhagens nos embalava. Eu me sentia anelante de felicidade, surprêsa como nos primeiros dias. Ah! que maravilhosa história estava eu vivendo! E como eu desejava que Manoue ainda vivesse, para que a conhecesse!

Uma vez eu lhe perguntei:

— Eu desejaria saber... desejaria saber por que você me ama?

— Porque eu a amo! Mas eu sempre a amei. Talvez você ainda não houvesse vindo ao mundo, e eu já sonhava com vovê. Estive sempre tão só! Ainda muito criança eu olhava a neve cair nas planícies sem árvores. Ouviase o uivar dos lôbos famintos ao passar dos trenós. Havia uma jovem loura entre nossos criados, e eu a amava como jamais soube uma criança amar assim, com os transportes do amor, com o ciúme de um homem, porque eu me achava só, e, tôdas as noites, ela olhava nossos leitos com uma ternura maternal. E, veja bem, Bertille, é preciso que as crianças tenham uma boa mãe. Depois dêsse amor e e não tendo nenhum outro, eu cresci e comecei a perceber que estava partilhando de minha solidão, uma pequena figura que brilhava em meus sonhos, uma criaturinha criada por minha imaginação, um pequenino corpo que eu sentia fremir contra o meu. Era você, Bertille. Houve eu reconheço muito bem o seu rosto. Eu vi muitos países onde me encontrava, completamente isolado, procurando um amigo, um amor, e uma migalha de felicidade que, até os mais desgraçados têm direito de sentir e de viver. Um dia eu a vi adormecida na clareira da floresta, num leito de fôlhas, e desde então meu paraíso e meu inferno estão em seus olhos. Dentro de minha negra vida, é você a única luz. Minha felicidade é você.

(Cont. no próximo número)



melhorando o nosso confôrto doméstico. Já possuíamos uma máquina de lavar e outra de secar, compradas com auxílio de meu pai, e íamos adquirir uma freezer para reforçar os préstimos da nossa geladeira.

George e Maris tinham um automóvel velho, mas de bom motor, que de quando em quando parava à nossa porta. Costumavam trazer-nos vinho para bebermos juntos.

Nós moíamos o nosso café, o que George apreciava muito, tanto quanto a nossa cozinha, com seus armários e prateleiras de madeira lixada a mão e encerada por mim. Mas um dia, enquanto Joan preparava o pó a moenda elétrica deu uma faísca e parou.

— E' a resistência — declarou George.

— Acho que não, — disse eu, — deve ser só o fio.

— Sinto, meu velho, mas é a resistência — teimou George, depois de um rápido exame. — Você sabe, disso eu entendo. Mas não tem importância, eu a mudo para você.

Joan acabou de moer o café no aparelho manual que também tínhamos.

Da segunda vez que Maris apareceu em nossa casa foi com uma trouxa de roupa para lavar e secar nas nossas máquinas. Não se achavam ainda convenientemente instalados em sua nova casa e nós não reparávamos nisso, tínhamos prazer em prestar serviço. Mas quando George chegou para buscá-la não trouve o moedor de café, do que eu não gostei. Desculpou-se alegando o trabalho que estava tendo no terreiro da nova moradia, onde por insinuação de Maris e com intenções modestamente comerciais haviam iniciado uma criação de cem galinhas, cinqüenta patos, vinte gansos e plantavam também alguma coisa.

— Mas não precisa fazer nada — disse-lhe eu. — Traga a máquina que a mando consertar.

Depois que saíram Joan me repreendeu. Então eu não via que êles andavam atrapalhados? Pobre Maris, uma moça admirável!

— Você acha tôdas admiráveis, até que se decepciona, — disse eu, — mais por implicância, diante de sua atitude. — Corina também era admirável e você lhe ia dando a metade de seus vestidos, até que descobriu que não prestava.

Não só os Lloyds não nos devolveram a moenda por muito tempo, como por todo aquêle período fizeram com Joan os negócios mais vantajosos para êles e prejudiciais a nós, como, por exemplo, prometer

VIZINHOS

ERAM amigos dos Trowbridges, mas Pauline Trowbridge disse à minha mulher depois que os conhecemos, aos Lloyds, que guardasse uma certa distância.

— Pauline me disse que são gente sem muita consideração pelos outros e algo irresponsáveis — contou-me Joan. — Disse-me que Maris é uma intrigante. Mas você sabe como Pauline é, um tanto desconfiada. Eu gostei de Maris.

Nós estávamos morando num subúrbio distante, comprando com sacrifício a nossa modesta casa. Queríamos ter seis filhos, e para ter seis filhos é preciso ter uma casa. Quanto a comprá-la de uma vez, nunca um mecânico que vive de seu salário pode pensar em fazê-lo. Eu ia melhorando muito a nossa residência com minhas habilidades de carpinteiro e Joan fazia o mesmo com suas artes de pintora e ceramista.

Do outro lado da rua moravam os Trowbridges e os Beltons, para com os quais mantínhamos uma distante cordialidade. Perto vieram se instalar os Lloyds.

Maris Lloyd era uma mistura de irlandês com italiano, de cabelos negros, pele alva, muita energia e sedução. Seu primeiro marido, metido em negócio de industrialização de leite, fracassou sucessivamente, sendo sempre salvo da bancarrota por um tio da mulher. Afinal esta se divorciou e depois casou com George, um tipo simples, de alguma instrução e muito ambicioso, que era assistente de gerente de um estabelecimento de artigos de eletricidade e encanamentos.

Joan e eu fazíamos questão de ir trocar os produtos que cultivávamos pelos que êles cultivavam, levando sem trazer e nos impedindo de manter um comércio mais igual com os Trowbridges ou Beltons, que também plantavam, como tôda a gente no subúrbio que escolhia para isso casas com muito terreno. E o pior é que Joan andava embeiçada por Maris e só falava nela. Ora, a situação estavá-me caceteando, pois um dos motivos que me levara a me prender à minha mulher é que costumávamos tagarelar sôbre inúmeros

(Cont. na pág. 52)

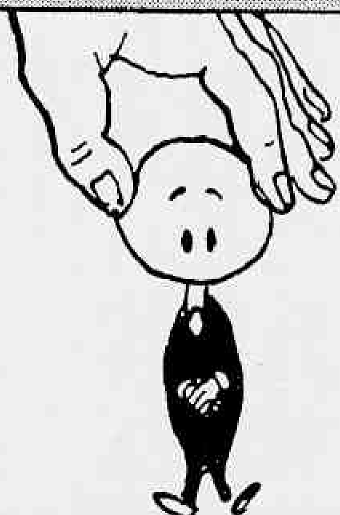
Conto de EDWIN A. PEEPLES

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

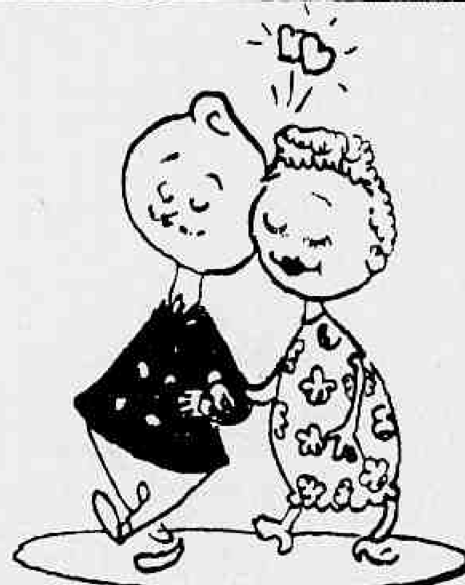
DEPENDENTES E INDEPENDENTES



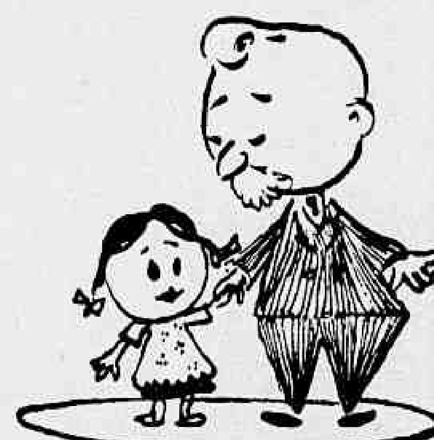
EM GERAL O HOMEM PASSA TÔDA A SUA EXISTÊNCIA GIRANDO EM TÔRNO DE 3 MULHERES:



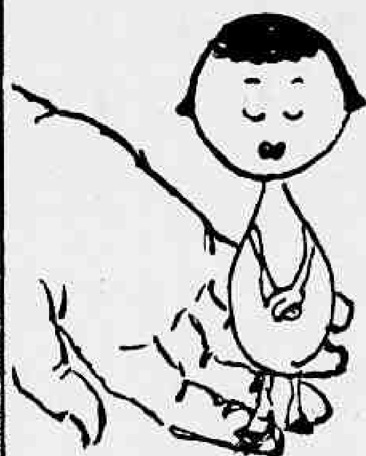
A MÃE



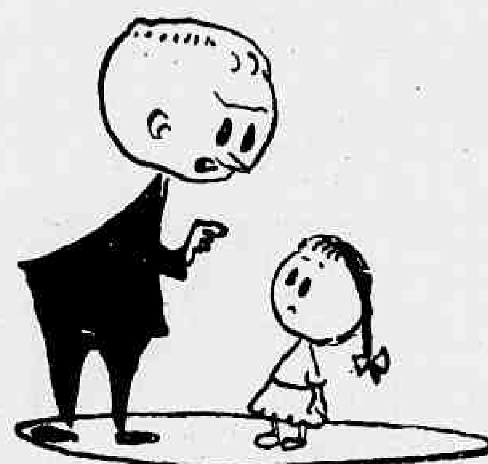
A MULHER



A FILHA



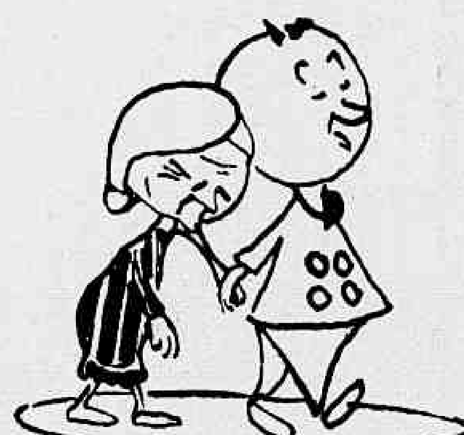
EM GERAL A MULHER PASSA TÔDA A SUA EXISTÊNCIA NA DEPENDÊNCIA DE TRÊS HOMENS:



DO PAI



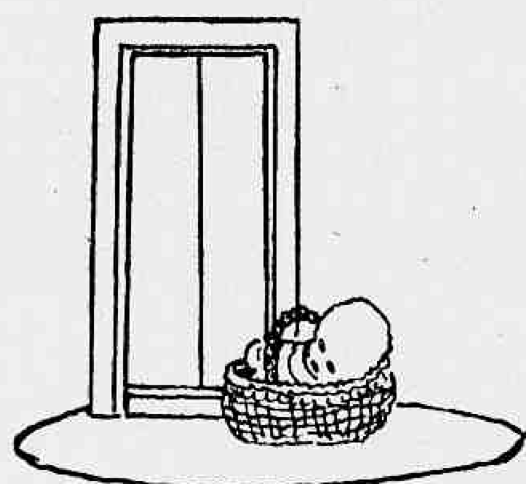
DO MARIDO



DO FILHO



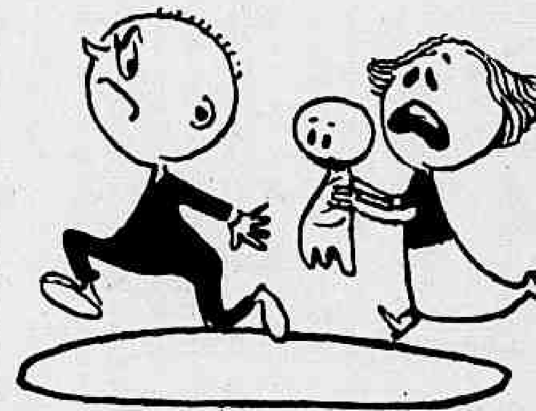
SE BEM QUE HÁ HOMENS QUE PASSAM A SUA EXISTÊNCIA



SEM MÃE



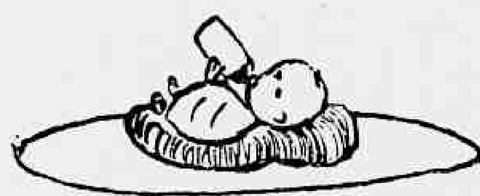
«CEM» MULHER



SEM FILHA



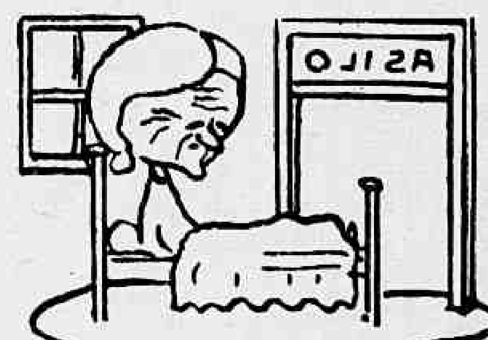
ASSIM COMO HÁ MULHERES QUE SÃO ATIRADAS AO MUNDO E QUE VIVEM SEM DEPENDER



DE PAI



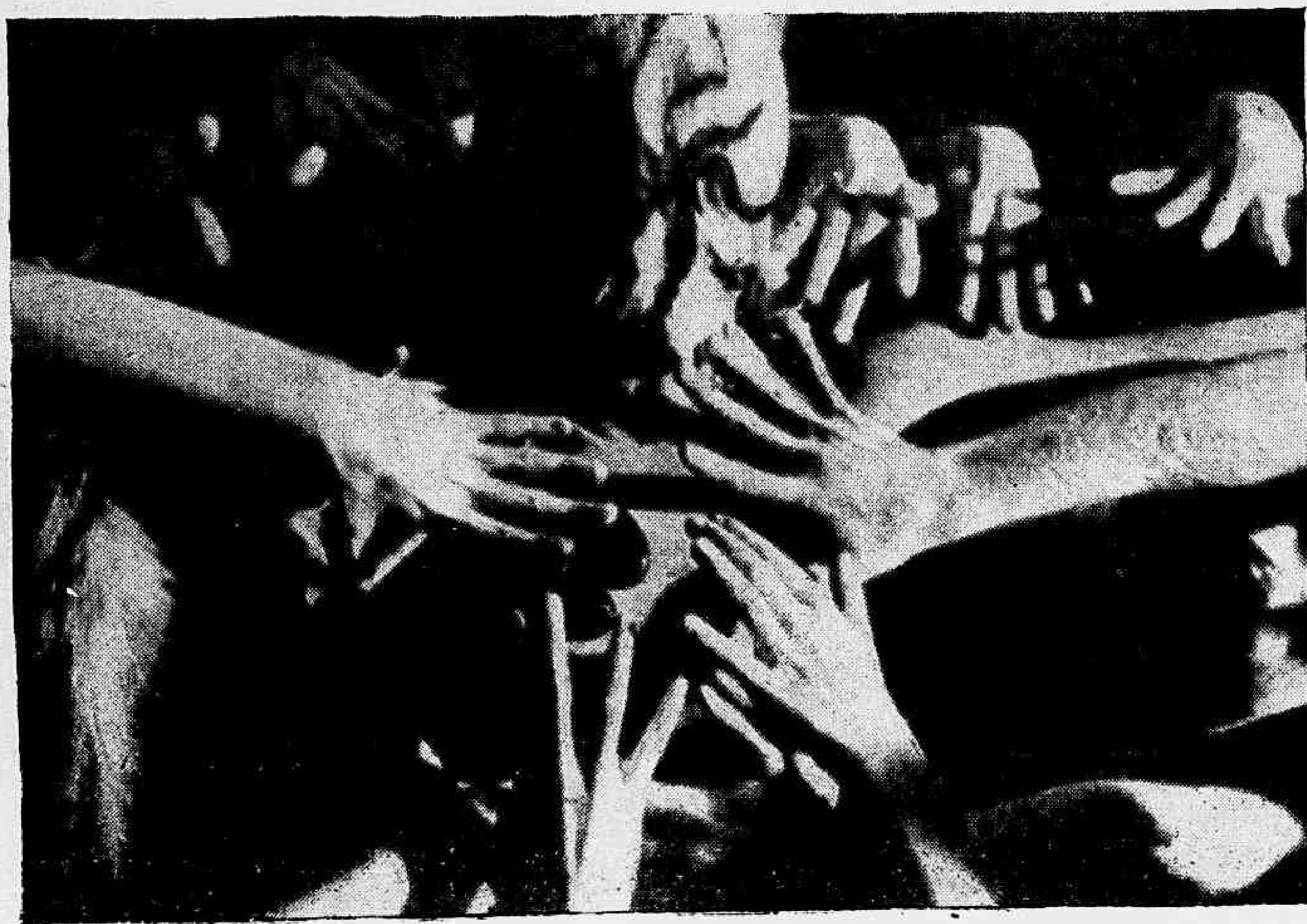
DE MARIDO



DE FILHO...



O NASCIMENTO DE UMA ESTRANHA CRIATURA — Assim começa o bailado «A Gaiola», que fêz sucesso louco na cidade de Paris e também sentado no «Convent Garden« para os inglêses, que estão torcendo o nariz. Na fotografia que estampamos em baixo, o nascituro é saudado



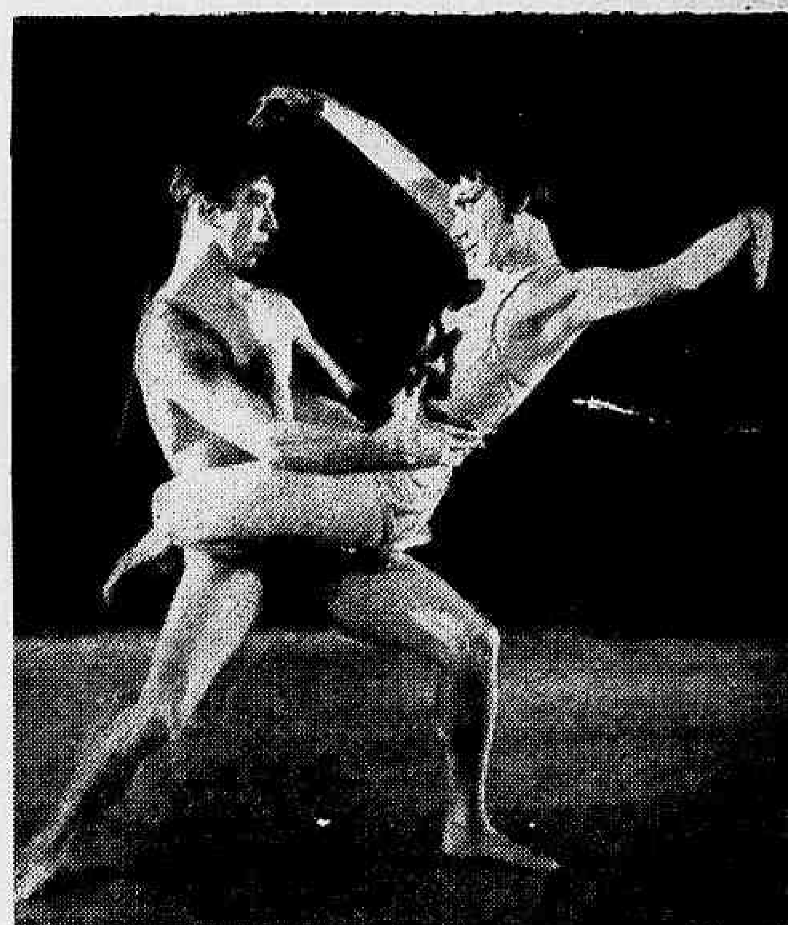
SURREALISTA ou EXISTENCIALISTA?

NOVA York aplaudiu com entusiasmo. Paris quase endoideceu com as loucuras de maio do «New York Ballet». Picasso, Salvador Dali, Paul Jean Sartre devem ter-se babado de gôzo e Portinari, se por lá andou, embevecido ficou... Mas Londres, na sua austeridade, torceu o nariz quando «The Cage», o grande bailado, se estreou há pouco no «Convent Garden». Tôdas as Ladies, empertigando-se devem ter dito o seu clássico «oh, schocking!» e também chocante acharam os críti-



na trepidante Nova York e está sendo apre-
pela multidão, ou melhor pela multi...mão!



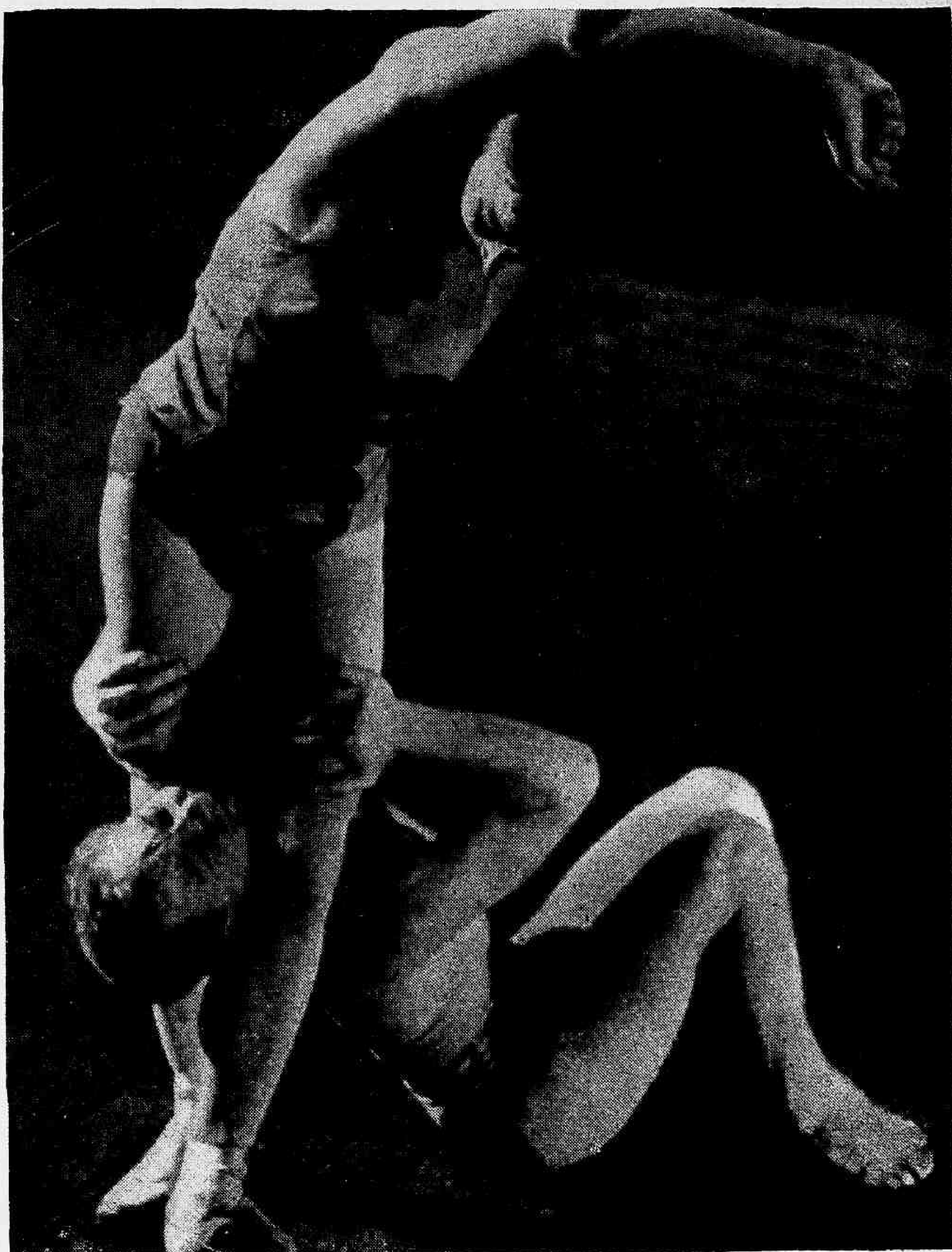


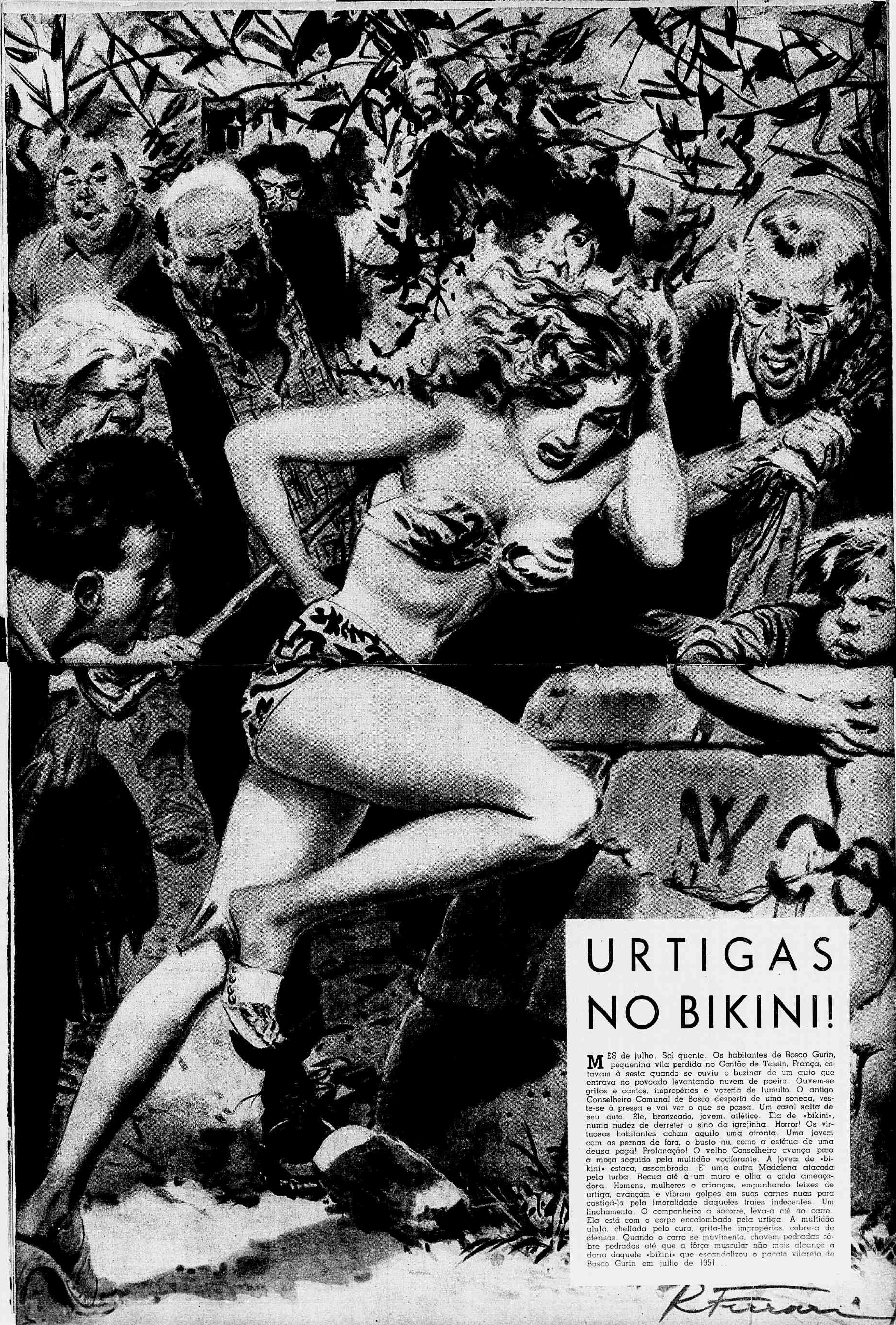
O SACRIFICIO, O ENCONTRO DA MULHER IRRESISTIVEL E O GLORIOSO MOMENTO — E a estranha criatura, depois do sacrifício do cutelo, enfrenta o sacrifício do repasto (à esq.) encontra a mulher irresistível. Ela nasce, agarra o seu homem, mata-o e... come-o depois. (à direita). Por fim: preparação para o supremo sacrifício. Como a abelha, ternura e amor e ela vai matar o marido.

«A GAIOLA», BAILADO ESTRANHO, COM MÚSICA DE STRAWINSKY, AGRADOU EM NOVA YORK, FÊZ FUROR EM PARIS... E DESAPONTOU EM LONDRES!

cos sisudos, que sentenciaram: Mais uma estréia de um bailado horrível.

Não deixaram de aplaudir outras coisas do «New York Ballet» e as figuras de Nora Kaye e Nicolas Magallanes (deve ser espanhol o bailarino, olé). «A Gaiola» não apresentava cenários. Algumas cordas só e luzes. E o resto ficando para a imaginação do espectador, como em «Our Town», de Thorthon Wilder. Música de Strawinsky. E depois do espetáculo os londrinos fizeram a pergunta, que passamos aos leitores: Surrealismo ou Existencialismo?



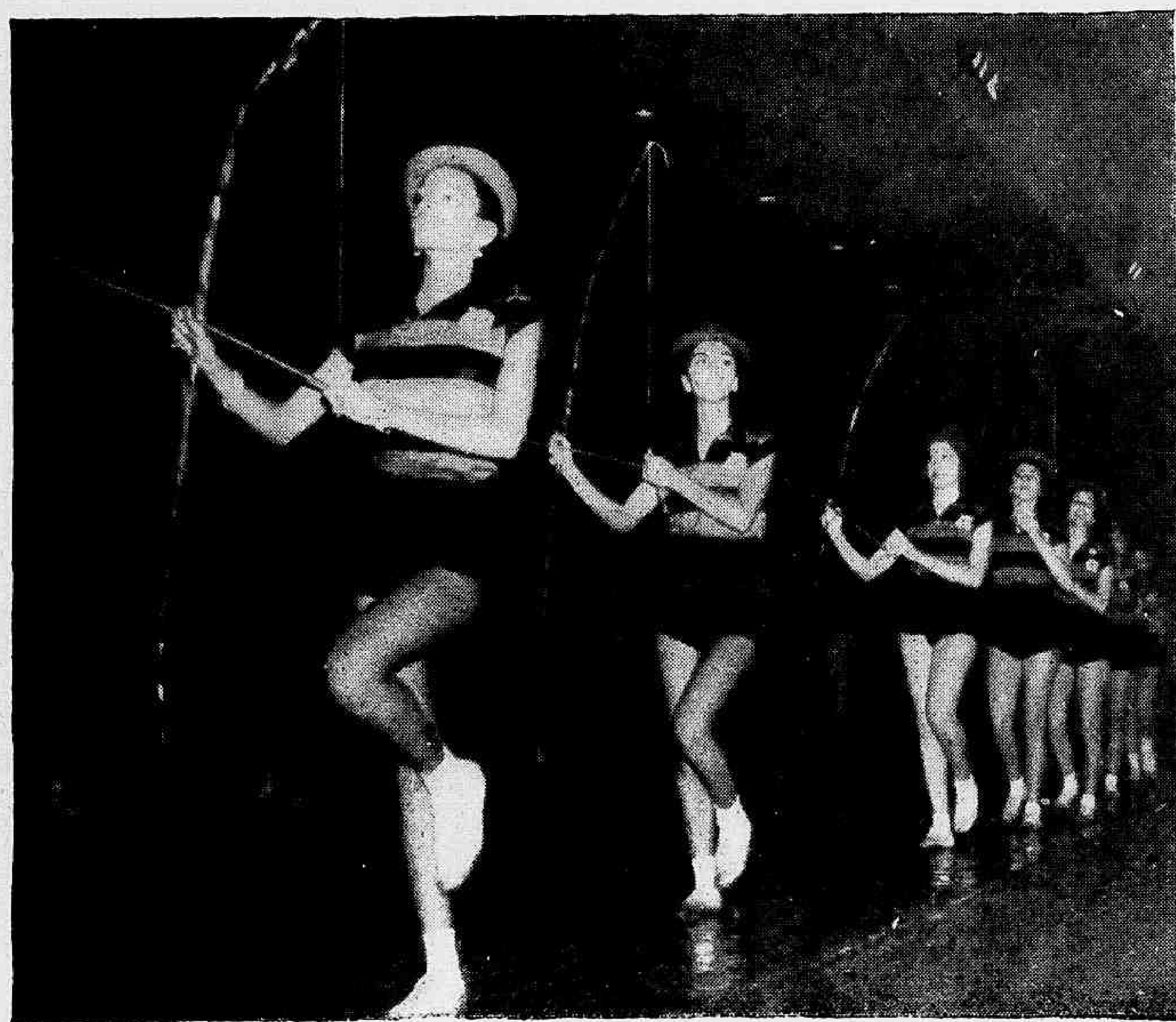


URTIGAS NO BIKINI!

MÊS de julho. Sol quente. Os habitantes de Bosco Gurin, pequenina vila perdida no Cantão de Tessin, França, estavam à sesta quando se ouviu o buzinar de um auto que entrava no povoado levantando nuvem de poeira. Ouvem-se gritos e cantos, impropérios e vozeria de tumulto. O antigo Conselheiro Comunal de Bosco desperta de uma soneca, veste-se à pressa e vai ver o que se passa. Um casal salta de seu auto. Êle, bronzeado, jovem, atlético. Ela de «bikini», numa nudez de derreter o sino da igrejinha. Horror! Os virtuosos habitantes acham aquilo uma afronta. Uma jovem com as pernas de fora, o busto nu, como a estátua de uma deusa pagã! Profanação! O velho Conselheiro avança para a moça seguido pela multidão vociferante. A jovem de «bikini» estaca, assombrada. E' uma outra Madalena atacada pela turba. Recua até à um muro e olha a onda ameaçadora. Homens, mulheres e crianças, empunhando feixes de urtiga, avançam e vibram golpes em suas carnes nuas para castigá-la pela imoralidade daqueles trajes indecentes. Um linchamento. O companheiro a socorre, leva-a até ao carro. Ela está com o corpo encalombado pela urtiga. A multidão ulula, chefiada pelo cura, grita-lhe impropérios, cobre-a de ofensas. Quando o carro se movimenta, chovem pedradas sôbre pedradas até que a fôrça muscular não mais alcança a dona daquele «bikini» que escandalizou o pacato vilarejo de Bosco Gurin em julho de 1951...



A entusiástica mocidade do Colégio Anglo-Americano, desta capital, vibra em aclamações delirantes no estádio do Fluminense Futebol Clube, localizado na rua Álvaro Chaves, aplaudindo os impressionantes números apresentados pela sua delegação na abertura dos Jogos da Primavera.



OS JOGOS DA PRIMAVERA

COMO sucede todos os anos, foi levada a efeito domingo, 14 de setembro, uma das mais encantadoras festas do Distrito Federal, a Abertura dos Jogos da Primavera, concentrando milhares de jovens de todos os colégios e clubes esportivos. Ano a ano, a juventude estudantil e esportiva vem apresentando novos números para tornar ainda mais brilhante o programa dêsses festejos. Êste ano, apesar do mau tempo, revestiram-se de grande magnitude os Jogos da Primavera, empolgando a grande massa de povo, autoridades e delegações de nossas associações esportivas, que

Quem tiver coração desprevenido, tenha cuidado! Aí vêm as arqueiras do Clube de Regatas do Flamengo, prontas para vencer.



A foto nos mostra o desfile de porta-bandeiras de tôdas as associações desportivas do Rio de Janeiro que tomaram parte nos festejos da Primavera de 1952. Não obstante o tempo chuvoso, que na maioria das vêzes tira tôda a beleza dos espetáculos ao ar livre, a festa estêve deslumbrante.

O QUE FOI A ABERTURA DA TEMPORADA DE 1952 ★ A MOCIDADE DOS COLÉGIOS E ASSOCIAÇÕES DESPORTIVAS DO RIO E DE NITERÓI DESLUMBRA O POVO NO ESTÁDIO TRICOLOR

não pouparam seus aplausos as demonstrações atléticas e aos desfiles de tôda aquela gente moça, símbolo da primavera da vida. Fantasias de muito bom-gôsto rebrilharam ante os olhos dos espectadores, dando uma nota de alegria e juventude dos colégios que nutriam o geral entusiasmo de quantos tiveram a satisfação de apreciar a encantadora festa. Sem qualquer preferência por êste ou por aquêle estabelecimento educacional, é de justiça ressaltarmos a delegação do Colégio Anglo-Americano desta capital, que compareceu ao estádio do Fluminense com uma for-



As esbeltas remadoras do C. Regatas Icaraí, de Niterói, mostram que dominam tudo até debaixo d'água. E venceram, incontestàvelmente

OS JOGOS DA PRIMAVERA



Atletas do Colégio Anglo-Americano, do Rio de Janeiro, enfrentam a chuva e executam os seus números acrobáticos sob verdadeira chuva... de palmas.



Uma figura de atleta grega do Clube de Regatas Icaraí acende o fogo simbólico na pira.

mação atlética de impressionante preparo físico, exibindo-se no amplo gramado como verdadeiros campeões de exercícios físicos. Na seara esportiva brilhou o pessoal do Clube de Regatas Icaraí, de Niterói, que conquistou o primeiro lugar na sua especialidade, sob os mais veementes aplausos dos espectadores. As festas da Primavera estimulam o aperfeiçoamento eugênico da raça e levantam no espírito dos moços o desejo de vitórias morais e associativas, o que muito concorre para conduzir nosso povo às mais belas conquistas do famoso lema, «mens sana in corpore sano».







O Clube de Regatas do Flamengo também encantou os presentes — como vemos — apresentando-se com esta original «Baliza». Em seguida, na outra fotografia, interessantíssima figura de «Diana, a caçadora», e, por fim, vemos a «baliza» do Clube de Regatas Icaraí, da vizinha capital.



UM COSTUME PARA BATER

cortou em retângulo o decote do casaco dêste costume em shantung natural As mangas três-quartos acentuam o aspecto estival do elegante conjunto.

MAGGY ROUFF



SCHIAPARELLI



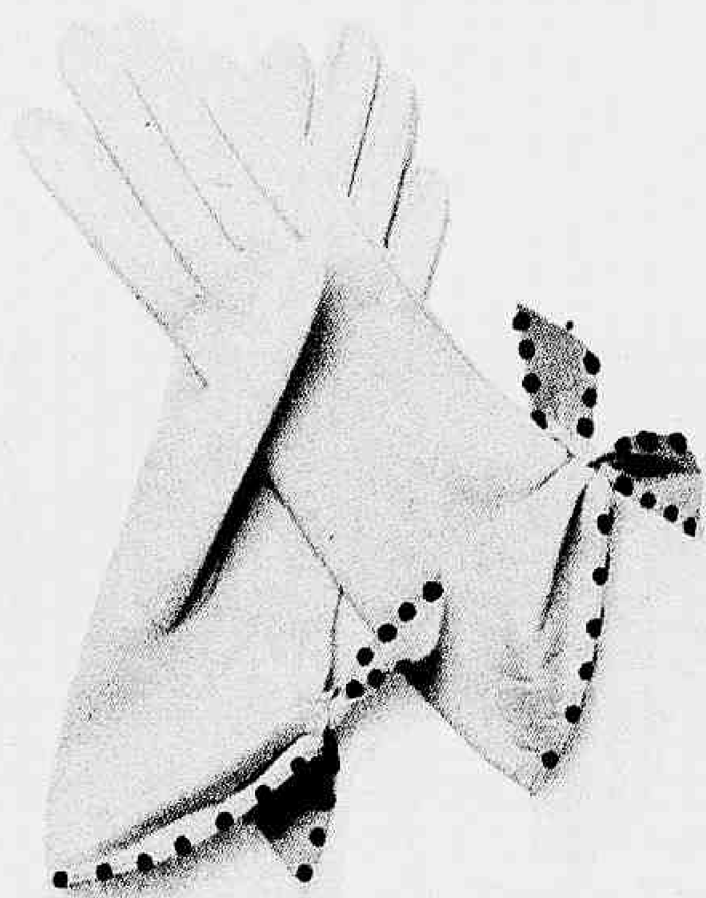
MARCEL ROCHA — Vestido em tafetá creme com desenhos negros. A gravata, no mesmo plissado fino da saia, forma um leque. Chapéu de couro prêto. Luvas em pelica preta completam êste harmonioso conjunto.

MAGGY ROUFF — Modêlo em "shantung" prêto com bolas cinza, cuja saia muito ampla na frente é de linha reta nas costas. Chapéu em crina rosa, luvas no mesmo tom do chapéu.

JEAN PATOU — O tecido dêste vestido é "surah" prêto com desenhos em branco e coral. A folga da saia, como se observa, é dada por duas pregas não passadas. Original decote na blusa, cinto do mesmo tecido.

SCHIAPARELLI — Vestido em "shantung" muito florido — rosas côr-de-rosa com folhagem verde sôbre fundo creme. O decote é drapeado e a blusa se fecha por três grandes botões. Saia justa. Conjunto muito elegante.

Novos Estampados



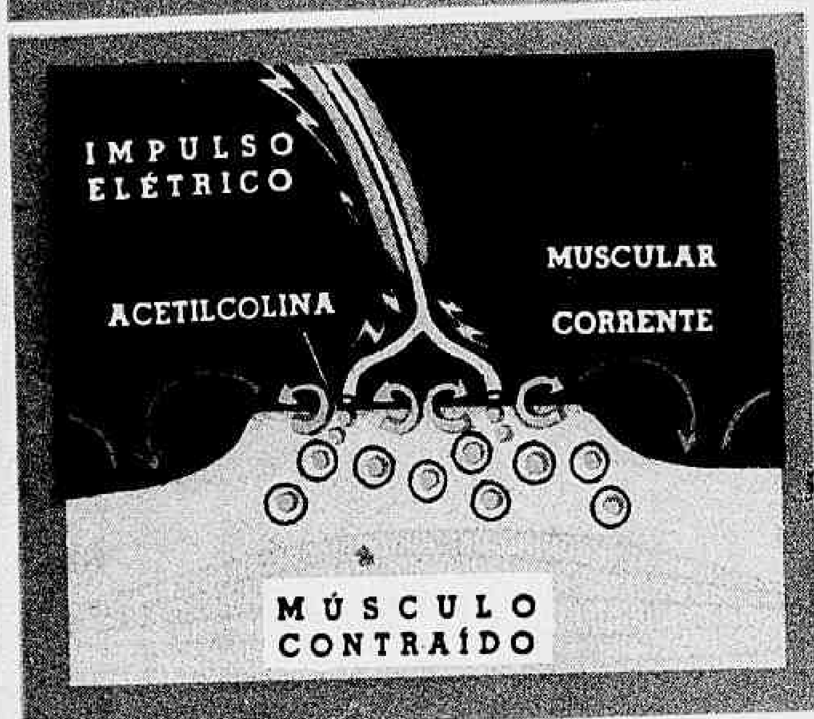


MARCEL ROCHAS

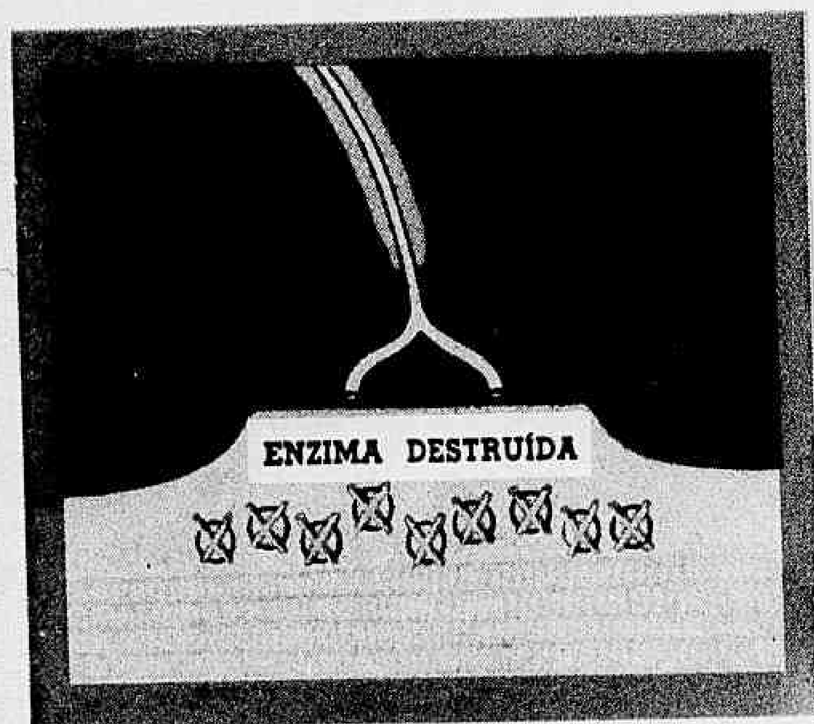


JEAN PATOU



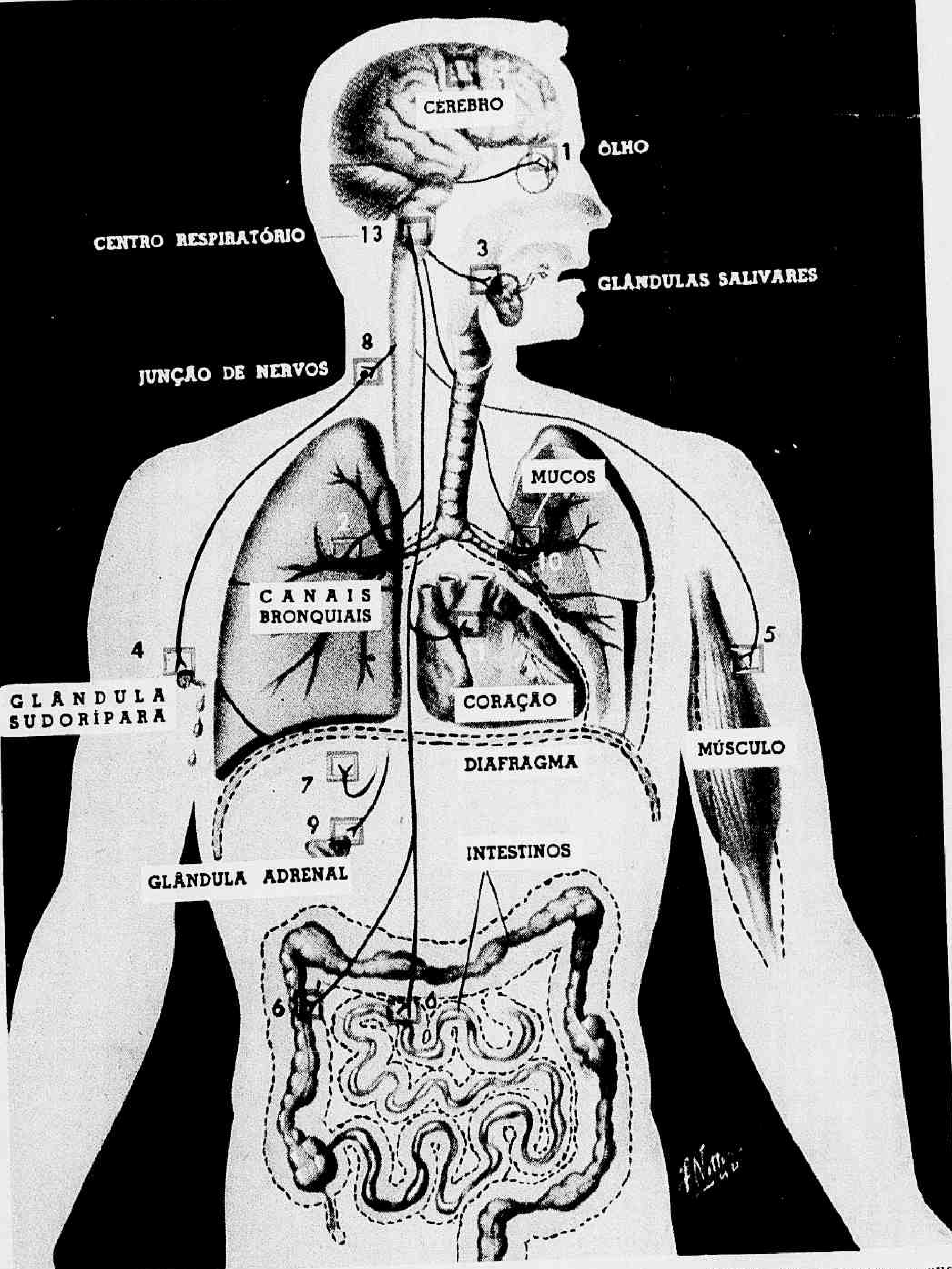


O nervo em seu estado normal, com a sua bainha e divisão, no fim, em dois canais ligados ao músculo motor. Fibras do músculo relaxadas até ao impulso através do nervo e produzem o elemento químico denominado acetilcolina, que contrabalança a corrente elétrica no músculo, (setas) fazendo as fibras se contraírem. A enzima colinesterase (círculos), sempre presentes, normalmente, desembaraçam-se do elemento químico logo que sua função termina.





O nervo afetado pelo veneno produz reação incontrolável sôbre o músculo. Com a enzima restringida e fora de ação pelo nervo afetado (círculos cruzados), a acetilcolina produzida por cada impulso nervoso acumula excessiva soma de fibras excitadas do músculo em desenfreada atividade. Isso traz grande fadiga muscular, exaustão e, eventualmente a paralisia.



Os efeitos do «gás nervoso» estão mostrados nesta gravura. Os números indicam a seqüência pela qual as partes vitais do corpo humano vão sendo afetadas pelo veneno. As áreas claras indicam os tecidos em estado normal; as côres, as afetadas pelo gás venenoso. Os pequenos quadrados indicam a terminação nervosa em que o gás produz efeito. Uma pequenina dose, primeiramente contrai a pupila do paciente (1) passando a obstruir a respiração (2), aumenta a salivação (3) e provoca o suor (4); causa contração muscular (5) e espasmos intestinais e no diafragma (7); aumenta o número dos impulsos nervosos e incentiva as atividades adrenais (9); o excesso de mucos (10) pode levar o pulmão ao colapso; dose maior de gás enfraquece o coração (11), paralisa o cérebro (12) e o centro de respiração (13) causando a morte.

ARMA SECRETA ALEMÃ?

UM GÁS COMO ARMA DE GUERRA ★ SEM CÔR E SEM CHEIRO ★ INVALIDA OU MATA, CONFORME A DOSE QUE FÔR APLICADA

NAS últimas semanas da segunda grande guerra, tropas americanas e inglêsas apreenderam, em território alemão, grande estoque de estranho gás venenoso, que havia sido armazenado pelos nazistas, e seria pelos mesmos usado como arma de guerra, se os aliados não agissem tão ràpidamente em tôdas as direções. Examinando-se o gás, e de acôrdo com as revelações de químicos alemães, seria êle usado como elemento de destruição do inimigo, por envenenamento, ou, na hipótese de dose menor, torná-lo-ia incapaz de agir, imobilizados pela paralisia. O «Army Chemical Corps» dos Estados Unidos revelou que o gás tóxico foi aperfeiçoado na base de dez vêzes mais efeito do que os mais aperfeiçoados dos laboratórios bélicos dos tempos passados. Sabe-se também que muitos químicos germânicos, que trabalhavam em tais gases, estão hoje na Rússia, desenvolvendo tal arma em favor dos sovietes. Êsses gases atuam no sistema nervoso do corpo humano destruindo a enzima (colinesterase), elemento

(Cont. na pág. 52)

Semana LITERÁRIA

NOTÍCIAS DO PARÁ

FOI REALIZADO no salão de congregação do Colégio Estadual «Pais de Carvalho» o concurso para preenchimento da cátedra de História do Brasil, sendo candidata a dra. Maria Anunciada Chaves, figura das mais destacadas da intelectualidade paraense. A tese apresentada pela dra. Anunciada Chaves versou sôbre a influência da cana de açúcar na história do Brasil, sendo aprovada com distinção e tendo a sua autora sido aclamada professôra laureada de História do Brasil, do Colégio Estadual «Pais de Carvalho». Ao concurso da dra. Anunciada Chaves compareceu grande número de intelectuais.

★

FOI PUBLICADO em Edições «Norte» o livro de estréia do poeta paraense Max Martins, «O Estranho». Max Martins é, sem dúvida, um dos mais brilhantes poetas da geração de 45, destacando-se por sua atuação marcante nas letras paraenses. O livro é antecedido por um ensaio sôbre a poesia de Max, feito pelo crítico Benedito Nunes.

OUTRAS NOTÍCIAS

FALECEU ARDUINO BOLIVAR — Perdem as letras mineiras, com o falecimento do escritor Arduíno Bolivar, há pouco ocorrido em Belo Horizonte, uma de suas mais belas e completas organizações intelectuais.

Arduíno Bolivar entregou-se ao magistério, depois de abandonar a carreira jurídica, tendo feito muito pelo ensino em Minas. Exerceu também o jornalismo, quer em São Paulo, onde estudou, quer em Belo Horizonte. Era musicólogo e erudito, além de escritor e poeta de inspiração. Humanista, preferiu traduzir obras de importância, vertendo em versos livros de Virgílio, poemas de Dante e de muitos outros poetas, principalmente italianos.

Natural de Viçosa, na zona da Mata, Arduíno Bolivar pertencia a várias instituições culturais e era membro da Academia Mineira de Letras.

Ao seu enterramento, falou em nome da Academia o professor Mário Casassanta.

UM LIVRO:

"MONGES NEGROS"

*Uma galeria de quadros portuguêses, eis o que nos traz de
Lisboa (Livraria Clássica Editôra) êste livro de Artur Portela.
"Monges Negros" reune alguns estudos muito interessantes, tra-
balhados em estilo de alta categoria, vazados em linguagem castiça,
linguagem cada vez mais rara entre os autores modernos. Figuras
e paisagens lusas, cheias de colorido, em fortes pinceladas, im-
pressivas e palpitantes, nas suas evocações e nos aspectos pano-
râmicos, nos retratos ou nos esboços que fixa e que tomam, em
geral, um vigor rambrantiano.*

*Dá título a estas "narrativas" —como as chama o autor— a
primeira delas, que nos leva à austera paisagem do convento de
Singeverga. Outros capítulos se seguem que dizem ainda dêsse
retiro claustral. E todos têm um tom e uma côr que impressio-
nam e tocam, situando-nos no ambiente dos monges negros.*

*Mas Artur Portela não é apenas o pintor de paisagem tran-
qüilas e interiores severos, mostrando a vida estática. Êle sabe,
igualmente, subir na escala narrativa, sabe abrir largos painéis
de ação e de intensa presença humana, como no "Incêndio na
floresta", em "Pescadores de atum" e, principalmente, em "A
Tourada do mar". De certa maneira, o que mais interessa no
livro, não ao leitor comum, mas à família dos escritores, são estas
páginas evocativas de Antônio Nobre, de Camilo, que aqui en-
contramos, tocadas de emoção, onde os acentos fraternos ferem
fundo na sensibilidade e nos comovem. A recordação dêsse amor
de perdição de Camilo por Fanny Owen é um grande quadro
romântico, onde o escritor se afina inteiramente com o assunto,
produzindo uma evocação viva e pungente de acentos byronia-
nos. Mas onde, sob os tons sombrios do fundo, avulta mais a fi-
gura sinistra do romancista, envolto na negra capa entre túmulos,
é no capítulo em que evoca o grande amor de Camilo, exumando
o cadaver da amada, na sua paixão desesperada. Da mesma for-
ma, cheias de cordial, afetuosa inflexão, as páginas que consagra
a Antônio Nobre, buscando o nosso Anto, entre túmulos e fazen-
do-o viver mais alguns instantes conosco, fazendo-nos revê-lo —e
com que amor o fazemos !— no limiar do seu "Hotel da Cova",
sob os traços sempre comoventes do Menino Bruxo.*

*Destacamos, por ofício, êsses dois capítulos. Mas todo o
"Monges Negros" é assim obra invulgar, cuja leitura fácil e agra-
dável alicia pelo encantamento, no milagre de sua bela prosa e
de seu alto estilo.—EDMUNDO LYS.*

FORA DO PRELO

● **A BALEIA E O ELEFANTE** — Mais uma coleção
iniciam as Edições Melhoramentos, sempre com
aquêle alto senso de divertir ensinando: «Série Ouro».
O primeiro livrinho é da autoria de Sara Cone Bryant,
com ilustrações de Simone Ohl. Chama-se «A Ba-
leia e o elefante». Seguindo as normas da «Série
Ouro» — pequenas fábulas constituídas de episódios
simples e de grande interêsse infantil — «A Baleia
e o elefante» mostra curiosas situações dos dois gi-
gantes: um do mar, outro da terra.

● **A GALINHA ESPERTA** — Escrito por Sara Cone Bryant e ilustrado por Simone Ohl, o segundo livrinho da «Série Ouro», das Edições Melhoramentos, consta duma história engraçadíssima, narrada em linguagem acessível ao pessoal miúdo: «A Galinha Esperta». São quase quarenta páginas de extraordinária vivacidade encantadora!

● **E O VENTO LEVOU... O BALÃO DE JOANINHA** — Glorinha de Moura Novais escreveu «E o vento levou... o balão de Joaninha», volume terceiro da «Série Ouro», lançado, com grande êxito, pelas Edições Melhoramentos para encanto da meninada. Com ilustrações de Hilda Bennett, o presente livrinho deverá agradar bastante, pois os desenhos coloridos — como todos da «Série Ouro» — e o texto leve e gracioso representam maravilhas para a infância.

● **GRAMÁTICA EXPOSITIVA** — Já temos tido, aqui, ocasião de pôr em realce alguns dos compêndios de Vittorio Bergo, professor do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação. Pertencendo ao grupo dos que fazem, do idioma, belo motivo de estudos claros, racionais e atraentes, concorre para destruir a lenda tradicional de que a gramática é árida. Naturalmente, qualquer matéria do currículo escolar o será, desde que seus expositores não possuam qualidades suficientes para relatá-la. Vittorio Bergo sabe tê-las, conforme demonstra, mais uma vez, com esta «Gramática Expositiva» para o curso ginasial (de acôrdo com a Portaria 966). O volume, editado pela acatada Livraria Francisco Alves, há-de merecer da crítica os louvores que, sem favor, lhe cabem.

● **VOU RECORTAR E PINTAR ANIMAIS** — Material didático excelente, já está em terceira tiragem «Vou recortar e pintar animais», instrutivo passatempo que a muito adulto não desagradará. E' escolher um dos modelos coloridos e procurar, nos cartões para recortar, o desenho correspondente. Então, seguindo os contornos, bastará fazer o recorte das figuras e efetuar os cortes para os encaixes. Depois... Bem, mas nossa função, evidentemente, não é explicar minuciosamente a maneira de «recortar e pintar animais». E' trabalho recomendável.

● **ABC DO LAVRADOR PRÁTICO** — Ninguém melhor que as donas de casa conhece a tragédia do abastecimento. Primeiro, encontrar a mercadoria. Segundo, o preço. Terceiro, examinar a qualidade. Em seguida... e gastaríamos fôlhas e fôlhas de papel se fôssemos discriminar os pontos relacionados com o assunto... Entanto, há meios de aumentar a produção, o que, forçosamente, melhoraria a situação do mercado. E um dêsses meios é a divulgação, para uso posterior nos próprios quintais, de conhecimentos como êsses, contidos no «Abc do lavrador prático», das Edições Melhoramentos. A tão admirável série pertencem os vols. 19, 22 e 23 que, à semelhança dos outros, são pequenos, ilustrados e muito objetivos, ao alcance de qualquer pessoa. Respectivamente, «Vamos plantar algodão», de Trajano Monteiro; «Criação prática de marrecos», de A. Di Paravicini Tôrres; «Cenoura, espargos e rabanete», de Leocádio de Sousa Camargo, os nomes dos citados livrinhos e seus autores.



JOAN GRANT

ENTRE OS MODERNOS romancistas americanos, Joan Grant se destaca por uma estréia auspiciosa com «Life as Carola», um livro cuja fantasia inusitada marcou época, principalmente pelo fato de participar do metapsiquismo. História perturbadora, Joan Grant faz nela biografia, mas a biografia de uma sua vida anterior — «the I that was Carola». Romance bem construído, cheio de ação e de vida, nessa história que não conheceu, entretanto, o êxito dos livros de outras obras assinadas por nomes femininos, representa, contudo, verdadeira obra de arte literária, o que, de certa forma, justifica sua impopularidade, tão distante se coloca do folhetim, como do folhetinesco.

Sua «Vida como Carola» não terá oportunidade de ser traduzida em nossa língua. Entretanto, assinala, em Joan Grant uma grande romancista de méritos excepcionais e verdadeira fôrça criadora. Sua leitura é, sem dúvida, fascinante.



UM BANQUETE QUE BOTARIA MALUCO SANCHO PANÇA NA ILHA DE BARATARIA — 537 pratos diferentes foram servidos num dos habituais banquetes que o magnífico soberano (perdão reitor) oferece aos seus amigos europeus ou americanos. Neste parece, a julgar pela cara dos convivas ocidentais (os que assim se distingüem pela ausência do fêz à cabeça), êles estão desanimados com tanta abundância e sem saber por onde começar o répasto. A grande variedade de pratos enjoa. Mas — e seria o caso de perguntar — que cara êles fariam no Harém?

O HARÉM DO REI DA ARÁBIA

IBN SEOUD, O CARLOS MAGNO DO ORIENTE MÉDIO, JÁ TEVE 200 ESPÔSAS LEGÍTIMAS ★ NA ÉPOCA DO AVIÃO A JATO E DA BOMBA ATÔMICA AINDA MANTÉM A TRADIÇÃO: O HARÉM! ★ E TEM APENAS 63 FILHOS

DURANTE alguns dias, Ammam, capital da Jordânia, esqueceu as novidades em tôrno de seu rei enfêrmo e da fuga de sua rainha Zain, para prestar a maior atenção a Ibn Seoud, rei da Arábia, novo Carlos Magno no Oriente-Médio e que se dizia estar gravemente doente. Mas, por que êsse interêsse da pequenina Jordânia pela saúde de um soberano estrangeiro, embora vizinho? Porque se trata do mais feroz inimigo da Côrte de Ammam.

O nome completo dêsse rei fantástico é: Abd-al-Aziz Ibn-Abd-al-Rahman Ibn-Faiçal-Ibn-Seoud. Mas, para ajudar os que não têm fôlego de árabe amestrado, êle mesmo concordou com o diminuitivo: Ibn Seoud. Acha-se mesmo que o seu nome verdadeiro e por extenso não tenha sido usado senão em momentos excepcionais e muito raros. Nascido em Riyadh, em 1880, tornou-se o príncipe, ràpidamente, num dos mais ricos homens do planêta, quando os engenheiros e técnicos descobriram que o subsolo de seu país continha um horizonte petrolífero de um milhão e quinhentos mil quilômetros quadrados! Sabe lá o que é isso! Tendo cedido, provisòriamente à Arabian American Oil Co. a concessão dos poços, toca-lhe uma porcentagem de três milhões por ano...

Com tanto dinheiro pôde modernizar completamente seu modo de vida. Adquiriu numerosos «Meteor», em substituição aos camelos ancestrais, e organizou um harém rolante. Encomendou nos Estados Unidos vinte viaturas especialmente construídas para conter, cada uma, sete mulheres, um eunuco e o chofer. O revestimento exterior foi feito para resistir às areias do deserto. O interior é todo de couros preciosos e cetim e todos os ornamentos e enfeites são de ouro, marfim e cristal. Ventiladores elétricos mantêm uma temperatura agradável. Uma curiosidade: as janelas dos haréns vo-

O HARÉM TEM MUITOS GUARDAS GIGANTES COMO ÊSTES, SABEM? — Embora o reino da Arábia não seja das Arábias, isto é, esteja modernizado, em quase tudo, menos no assunto Harém — que ali é oficializado, os seus guardas não quiseram uniformes europeus. Com êles é na adaga.



lantes permitem que suas residentes vejam sem serem vistas... Para seguir suas espôsas, Ibn Seoud possui um verdadeiro palácio móvel. Num reboque ligado a magnífico «Cadillac», êle instalou uma sala luxuosa com o seu trono e um dormitório com um leito de dois e vinte de comprimento por um e sessenta e cinco de largura. E' para êsse reino encantado que manda buscar tal ou qual favorita, a fim de desfastiar-se da viagem...

Esta caravana só se põe a caminho quando êle vai de Meca a Ryiadh, sua cidade natal, e a segunda capital do país. Para as outras viagens êle não leva senão suas verdadeiras espôsas. Sabe-se que a lei do Corão proíbe ter-se mais de quatro mulheres legítimas de cada vez... Mas Ibn Seoud só se faz acompanhar de três, de forma que pode desposar uma quarta no percurso da jornada, caso queira.

Durante tôda a sua vida êle já teve duzentas espôsas legítimas. Êstes casamentos tinham por objetivo firmar alianças com as várias tribos de seu território. Uma delas representou papel importante em sua existência. E' a rainha Jauhaba, a quem êle ama apaixonadamente. Foi a única que exerceu grande influência nêle, e, apesar de morta em 1918, sua tristeza, sua desolação ainda hoje habitam em sua alma. Entretanto, apesar de seus milhões e milhões, sua vida em Meca é bastante calma. Limita-se a ler o Corão, a meditar, comer pouco, alimentando-se de tâmaras e leite.

Em seu reino todo mundo o venera. Muita gente o trata simplesmente pelo nome sem ajuntar título algum. A gente do povo diz apenas: «Ibn Seoud, Deus te guarde». E' uma saudação e uma espécie de audiência. Êle, então, se aproxima e escuta o popular com a maior atenção. Sòmente uma coisa no mundo o torna furioso: o cinema, que êle considera a coisa mais detestável da civilização moderna. E' tão feroz seu ódio ao cinema, que proibiu terminantemente a presença de qualquer câmara filmadora no território do seu reino.

Quando êle morrer, assumirá o trono o seu filho Sad-Ibn-Abd-al-Aziz-al-Seoud, herdeiro da coroa. Tudo leva a crer que, ao filho, também dêem um nome resumido, como ao real pai. Talvez venha a ser apenas Ibn-Seoud. Como vemos, tudo é muito simples e eterno no Oriente...



COM A SABEDORIA DE UM NOVO CARLOS MAGNO, O REI NÃO SABE QUANTO VIVERÁ — O petróleo, as complicações do mundo moderno, juntando-se às questões que milenarmente preocupam seu povo, os disse-me-disse de duas centenas de espôsas, os cochichos dos eunucos e dos cortesões, os ciúmes das favoritas entre si e das não favoritas contra essas, enfim tôdas as minúcias, detalhes e canseiras da administração de um Estado e de um Harém, vêm abalando a saúde de Ibn Seoud, apesar de seu nome. Há rumores...

O HARÉM DO REI DA ARÁBIA



AS COMIDAS COM QUE IBN SEOUD SAÚDA E AGRADA OS MAGNATAS DO PETRÓLEO — Êste banquete pantagruélico a oriental foi reproduzido por tôdas as revistas européias, alemãs, francesas, inglêsas e italianas. Ao invés do sistema francês de um prato de cada vez, o oriental quer ter a visão panorâmica e grandiosa do banquete, antes de começar a refeição. Ibn Seoud — ao contrário do seu vizinho o Primeiro Ministro Mohamed Mossadegh, do Irã — anda em muito boas relações com os magnatas do petróleo e êstes, em retribuição, lhe dão outras comidas...

O número de filhos dêsse soberano, hoje considerado o mais rico homem dêste planêta, ao ser feita esta reportagem, era de 63; mas, quando perguntaram à espôsa do hotel onde se hospedara um repórter, quantos filhos tinha êle, ela revelou esta cifra espantosa para um pai de família ocidental e mais ou menos «barnabé»: sessenta e três! Sim, senhores, 63 rebentos a sustentar e educar. Mas, qual não foi a surprêsa do estrangeiro, ao ser completada a informação:

— Sessenta e três até ontem, pois é provável que já haja uns sessenta e quatro...

Nascido em Riyadh em 1880, está hoje, pois, com 72 janeiros orientalmente bem vividos. Para alegrar sua velhice, que ainda não é pròpriamente sentida, êle possui uma renda fabulosa; uma terra que é um encanto; confôrto de que nem todos os príncipes e reis da terra desfrutam, e, acima de tudo, muita saúde de espírito e de corpo. Quantos anos vai ainda viver êsse felizardo? Cinco, dez ou mais, isso nada significa diante de sua existência cheia de episódios mais próprios dos contos das «Mil e Uma Noites».



O FILHO MAIS VELHO DE IBN SEOUD É O SEU HERDEIRO LEGITIMO — Sentimos não poder informar se herda o Harém, ou se a lei põe qualquer impedimento, considerando sagradas as madrastas, mesmo os brotinhos da seleção paterna, obrigando o filho a escolher tudo de novo...

No Oriente próximo tudo é assim: misterioso, fantástico, inacreditável. Só não pode ser mostrado ao mundo com as côres da realidade e do turismo, porque o cinema é proibido nos domínios de Ibn Seoud. Quem será o atrevido que vai ousar tocar a manivela numa dessas máquinas antigas, ou movimentar sua «Eyemo» diante dos vagões-harém do fantástico, do venturoso Faiçal? Parece que o caso é mais de catequese do que de má-vontade ao homem. Quem sabe se algum cineasta norte-americano, jeitosamente, não teria oportunidade de exibir para êle, mesmo particularmente, umas centenas de **girls** em «bikini» nas praias dos Estados Unidos ou em concursos de beleza, para que o grande príncipe do deserto visse que no estran-

geiro também há tipos de beleza capazes de agitar-lhe a alma?

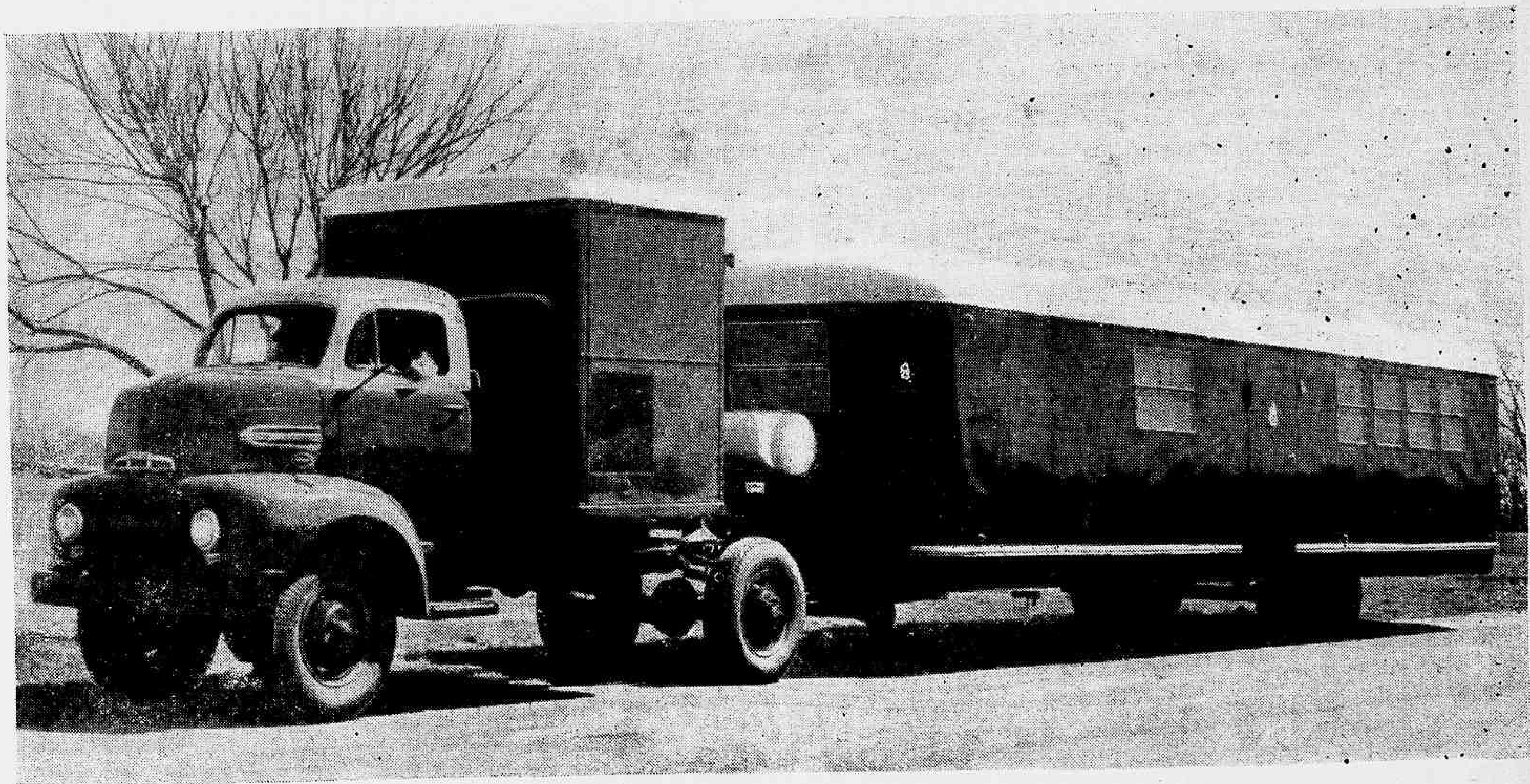
Um repórter «blaguer» poderia até mostrar banhistas em maiôs tentadores, dizendo que eram espôsas de um senhor abastado, de algum «rei» comercial, tudo sem véus, sem «yasmacks» tapando as faces, deixando apenas que os olhos negros e misteriosos olhem para os que passam ao lado. Quem sabe até se, depois de uma tentação dessas, S. A. Abd-al-Aziz-Ibn... etc., etc. não se sentiria inclinado para outras concepções da vida fora da Arábia, alterando a civilização nativa como fizera aquêle inesquecível Kemal Pachá, que tornou a Turquia uma nação ocidentalizada, apesar dos protestos de seus compatrícios? O diabo é que não há quem se atreva, realmente, a mostrar ao famoso imperante que já não há mais razão para um indivíduo manter duzentas espôsas, sessenta e tantos filhos, mesmo que tenham três milhões de libras esterlinas de renda anual.

Mas, aí está uma boa experiência para repórteres amadores. E a pátria de Ibn Seoud não é tão longe assim...

E' verdade que êsse soberano de uma nação misteriosa, tida como fonte e origem da humanidade, mau grado os protestos de indianos e egípcios, se proibe o manuseio de máquinas cinematográficas, por outro lado compensa a proibição com a oferta de banquetes que dão água na bôca de qualquer carioca. E, estamos certos, entre o direito de levar máquinas e filmes, e o **dever** de tomar parte em tais comes e bebes reais, não há dúvida, todo o mundo se esquecerá das filmagens e aderirá aos banquetes do rei da Arábia. E os seus banquetes não se recomendam apenas pela quantidade imensa de iguarias finíssimas, cuidadas pelas mãos divinas de suas «huris» formosas, de seus cozinheiros de puro-sangue, que matam cordeiros, leitõezinhos, faisões e pombos, com aquela técnica com que os antigos hebreus sacrificavam animais no altar sagrado. E, em tôrno de mesas de campanha, sob o sol do deserto, ou na luxuriante ostentação de seus palácios das «Mil e Uma Noites», serviçais vestidos a caráter e lindas mulheres de olhos negros e sombrios, misteriosos e serenos como as águas bíblicas do mar Vermelho. Diante de tudo isso, quem poderia censurar o simpático e acolhedor Abd-al-Aziz Ibn-Abd-al-Rahman Ibn-Faiçal-Ibn-Seoud? O único perigo é se algum conselheiro «amigo da onça» obrigar o estrangeiro a pronunciar-lhe o nome por completo, sem dez dias de treino...



O EMIR FAIÇAL, SEMPRE CITADO, É O SEGUNDO FILHO DE IBN SEOUD — O segundo filho do grande monarca segue as pegadas paternas na preocupação pela modernização da Arábia. Em vez dos clássicos camelos, usa, vejam só, avião a jacto. E um verdadeiro Harém de aviões...



IBN SEOUD MODERNIZOU TUDO, ATÉ O TRANSPORTE DE SEU HARÉM — Espírito moderno, Ibn Seoud, o grande monarca, está introduzindo grandes reformas na Arábia, para nós ocidentais, o lendário país de Harum Al Raschi, de Ali-Babá e os quarenta ladrões, de Simbad, o Marujo, de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa e tôda as «Mil e uma Noites». Até o trono e o Harém já estão motorizados. Progresso. Vejam só.

CONVERSA DE MULHER

CONSELHOS DE CHANEL



CHANEL é um nome que nenhuma mulher elegante desconhece, tanto pela linha sempre modernista de suas criações, como por seus perfumes, especialmente o famoso nº 5. O que nem todos sabem é que se trata do sobrenome de uma encantadora mulher, surpreendentemente conservada para os seus sessenta anos, a qual, com o seu nome próprio de Gabrielle, fêz muitas incursões felizes pelas atividades literárias e, por seu apelido de Coco, foi conhecida na mocidade como a musa fascinante, cintilante de jóias e malícia, de dançarinos, poetas, músicos e pintores notórios da cidade de Paris.

● Pois bem, Chanel, com a autoridade do sucesso pessoal que ela fisicamente encarna, divulgou alguns surpreendentes conselhos, destinados a aumentar e prolongar no tempo de vida de cada uma a sedução feminina. «Basta um banho de dois em dois dias», afirma, «com a condição de que antes se escove todo o corpo a sêco com uma escôva de pêlos rijos». Aqui no Brasil podemos, para atenuar nossa surprêsa diante dessa moderação no uso da água, entrar em considerações relativas a diferenças climatéricas; mas talvez muita gente ainda se recorde, por outro lado, do que o Sr. Martinez de Hoz, entrevistado há alguns anos em Paris sôbre o que considerava como verdadeira elegância, citou a higiene perfeita como um princípio da matéria, salientando que uma mulher mundana, que sai pela manhã e à tarde, para se vestir bem deve tomar sempre um banho matinal e outro antes do jantar. Chanel recomenda que o banho seja de imersão, em água esperta e, se a pessoa que o toma não tem tendências para o reumatismo, que seja seguido de uma ducha fria. Prescreve para depois um repouso de cinco minutos. Quanto aos perfumes, declara que uma mulher que proclama «eu não uso nenhum perfume» está destinada ao fracasso perante os homens, e se manifesta favorável aos perfumes fortes.

● Gabrielle Chanel é inimiga da cultura física. Julga que a mulher é um ser de fragilidade, incapaz de resistir bem à violência dos banhos de mar e sol. Afirma que o único esporte aconselhável é o repouso, «o mais difícil de todos». Mas adverte que não se deve confundir repouso com caceteação e acha preferível «fazer qualquer besteira a correr o risco do tédio». Em assuntos de alimentação é por um regime alternado de excessos e frugalidade, já que «os extremos convêm à mulher»; as indigestões lhe parecem, ocasionalmente, um choque necessário, benéfico quando bem curadas — e para curá-las ela prefere uma dieta de um dia de biscoitos secos cobertos de camembert bem fermentado. Não toma vinho, mas coca-cola, e recomenda para antes de dormir e ao acordar um pote de coalhada fresca, seguido, quando pela manhã, de café. «E' uma bebida muito necessária, o café», frisa. Diz que ninguém deve dormir até depois de oito horas da manhã, nem menos de oito horas por noite, na mocidade, ou seis, quando esta houver passado.

● Discorrendo sôbre elegância, pròpriamente, aponta como boa norma a simplicidade das roupas e o abuso nas jóias. «Use muitas jóias», é o seu conselho a qualquer mulher, especialmente para as mulheres muito altas. «Misture sem receio jóias verdadeiras e falsas. As jóias não são um sinal de fortuna, mas de elegância. Um dia, vi no pôrto de S. Francisco uma mulher que fazia todos os homens virarem a cabeça. «E' a holandesa dos brincos», murmuravam. Os brincos em questão eram enormes e desciam em cascata até os ombros. Falsos, naturalmente. Mas o prestígio da mulher era autêntico. Quanto a mim, acho que vou acabar usando um candelabro na cabeça». No que diz respeito ao lado espiritual, diz que o pior dos erros que uma mulher pode cometer é ser pedante, preferindo mesmo se mostrar esclarecida, porém não brilhante. — **ISOLETTE**.



SOO-MOI A MULHER MAIS BELA DO MUNDO

Dora Gordine, uma escultora, está prendendo a atenção de Londres com os seus bronzes, onde de preferência eterniza na escultura a mulher, em fascinantes estudos, onde os críticos encontram uma rara combinação de sensibilidade e humor. Com um estilo pessoal, moderno, ela sabe exaltar os gestos mais graciosos e as atitudes mais feminis. Não fôra ela mulher...

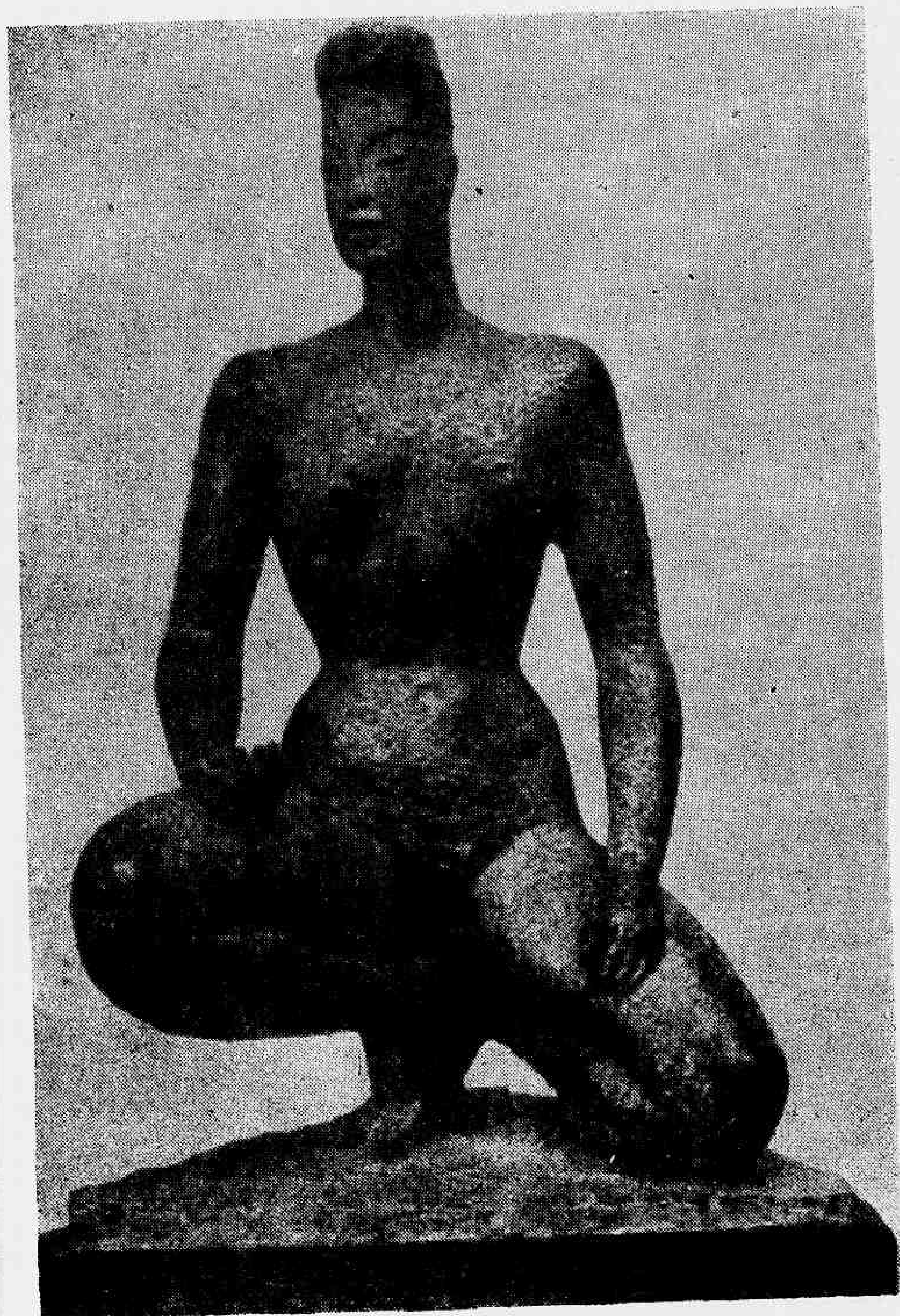
Os severos críticos londrinos têm escrito coisas lisonjeiras sôbre Dora Gordine e sua exposição na Leicester Galleries vem sendo su-





cesso artistico e mundano. Aqui reproduzimos quatro expressivas estatuetas, tidas como das de maior sucesso da artista. Foram, dizem, posadas pela "Mais perfeita figura feminina", uma mulher de Singapura, cujo nome vai correndo mundo: Soo Moi, que significa Lirio Sem Par.

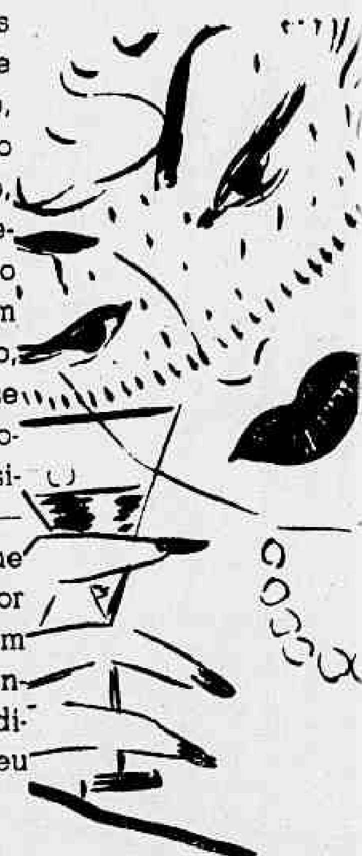
"Cristal sem fendas", considerada uma obra prima e "Sylfide" foram posadas pela malaia, isto é, por SOO MOI e são momentos de um Ballet.



ROTINA DE BEL

COMO PINTAR OS LÁB

ESCOLHER um baton não parece mas é um problema. Bàsicamente, as côres de todos os batons derivam-se de três categorias: vermelho vivo, claro, verdadeiro; vermelho arroxeado, do rosa pálido ao vivo, ao quase roxo, ao sulferino, ao bordeaux; e vermelho-alaranjado (correndo a gama do tom da fruta até ao tijolo). Existem centenas de variações. Entretanto, quando escolher um baton, não se deixe impressionar por nomes curiosos nem por tons nunca vistos. Considere, antes de tudo, o seu tipo e — muito importante — as roupas que costuma usar. Já pensou no horror que é um baton arroxeado com um chapéu tom de laranja? Provàvelmente, você necessitará de batons de diversas côres para acompanhar o seu guarda-roupa.



● Aplicar o baton também não é tão simples — quando não se sabe. Regra primeira: nunca passe baton sôbre uma camada ve tados e ásperos são o resultado de aplicar camada sôbre c sem antes limpar completamente os lábios. Acresce que com de tons quase indeléveis, não há necessidade de retoque passamos do tempo em que o baton deixava a impressã xícara do café ou no rosto das amiguinhas. Tendo os secos, desenhe com pincel um contôrno (não é difícil de o pincel), natural ou não — às vêzes é necessário alterar Encha o desenho, aplique um papel de tirar creme como se fôsse um mo borrão, encha de novo, diretamente, com o baton. Torne a aplicar o pap Resultado: uma bôca bem delineada e pintada, que pode **até** ser beija

UNHAS FORTES E BEM FEITAS

Já houve tempo em que as pessoas "bem" não se pint ras" tinham que usar unhas curtas, patèticamente exp da vida cotidiana, sem o recurso moderno maravilhoso dc e externa. Hoje acabou êsse tabu. Sabemos que neces em nossa dieta para fortalecer as unhas, que comer c em muitos casos, milagres para a sua saúde e que, u ram". Uma camada ou mais de verniz só podem benefic de embelezá-la. Ao contrário, não só resulta em feiu tolice não protegê-las com esmalte.

● As unhas quebram quando são demasiado longas, n racham se não as lixamos bem. Unhas roídas denunci nervosismo, uma pessoa infeliz e desajustada. Com regime alimentar certo e cuidadoso qualquer mulher pode Uma vez por semana as unhas devem ser manicurad cialista ou pela própria pessoa. No último caso, proce a explicar. Remova o verniz, lave e seque as mãos. Po cutículas e mergulhe as pontas dos dedos em água água. Use uma pedra-pomes para fazer desaparecer nos cantos das unhas, empurre a cutícula e afaste-a co Depois lixe as unhas numa só direção, sem chegar m cantos. Aplique cuidadosamente uma camada de bas atingir a cutícula. Deixe secar. Agora passe duas cam côr que combinar com seu baton, retirando uma estre de cada unha ao passo que as vai pintando, para r esmalte. Passe um óleo protetor. E não faça nada e não secar bem.

● Durante a semana, recubra uma vez ou outra as camada de esmalte, para que se mantenham perfeitas. dos lábios, as unhas podem levar muitas camadas d juízo do aspecto, ao contrário, ganhando em aparência

EU FILHO

QUIDO MARTINA

AGENS:

RENATO SCANZINI
FRANCO FABRIZZI
LUIZA ALLIANI
LICIA NAPPO
MAXIMO ALTAVILLA
NIETTA ZOCCHI

no da parte já publicada)

Jean começou a des-
rio. Ninguém vinha lhe visitar
rales. Há quase uma semana o
Lérida. Quando o garôto soube
o mais ali o interessava. Num
casa em busca do circo. Fer-
netrou na densa floresta. Na
te o encontrou e conduziu até
em tôda a Europa a alvissa-
RA TERMINARA. Voltava a PAZ.

NAQUELA MANHÃ NO CIRCO...

O NOBRE PLANTÍGRADO BRINDE TAMBÉM A VITÓRIA DOS ALIADOS! VOLTAREMOS PARA A POLÔNIA! ESPERO QUE LÁ O AR DOS CÁRPATOS LHE ACENDERÁ VINGANÇA CONTRA SUA DOMATORA!

NÃO É PRECISO MATÁ-LA. BASTA DAR UMA UNHADA EM ALGUMA PARTE POUCO SENSÍVEL!

OH! MÁRIO! MÁRIO! NÃO ME DEIXE MAIS SOZINHO... EU SEREI SEMPRE BOM!...

GARÔTO! MEU GARÔTO!

ENCONTREI-O PERDIDO NO BOSQUE; DESEJAVA SE ENCONTRAR COM O CIRCO AQUI EM LÉRIDA...

VENHA, QUERO LHE RECOMPENSAR...

SIM... NUNCA MAIS!

OBRIGADO... FIQUEI SATISFEITO EM TER AJUDADO AO GARÔTO...

PROMETE QUE NÃO ME MANDARÁ DE VOLTA PARA AQUELA FAMÍLIA E EU FICAREI SEMPRE AQUI, MÁRIO!

...TO-ME FELIZ.

MÁRIO... VOCÊ NÃO SE SENTE FELIZ? NOSSA PÁTRIA SERÁ LIVRE!...

COMPREENDO SUA TRISTEZA... PENSA NO GARÔTO...

ORA PENSO QUE FIZ UM BEM CONFIANDO-O À FAMÍLIA MORALES, ORA PENSO QUE TALVEZ HAJA PARENTES NA POLÔNIA... E QUE VOCÊ PODERIA AJUDÁ-LO A ENCONTRAR A FAMÍLIA...

POUCO DEPOIS...

HOJE TEM ESPETÁCULOS SENHORES, NÃO PERCAM O ESPETÁCULO...

FICARÁ COMIGO MEU RAPAZ! SABE QUE A GUERRA TERMINOU E PODERÁ VOLTAR PARA A POLÔNIA!

ENTÃO VAMOS LOGO, NÃO É VERDADE? VOCÊ ME LEVARÁ À MAMÃE! QUANDO PARTIREMOS, MÁRIO?

A POLÔNIA FICA MUITO LONGE; DEVEMOS ATRAVESSAR TÔDA EUROPA, DURANTE MÊSES PARA CHEGAR LÁ.

MAS EU AGUENTO... E LHE CONDUZIREI PELA MÃO COMO FAZIA... E TIA JOANA VAI TAMBÉM COM SEUS CARROS!

NÃO, ZAIRA! NÃO!... EU... NÃO POSSO NUNCA MAIS VOLTAR À POLÔNIA!...

É A VOZ DO GARÔTO!...

SIM! É ÊLE!...

MÁRIO! MÁRIO!...

ZAIRA FITA ESTUPEFACTA O ROSTO EMPALIDECIDO DE MÁRIO QUE FALARA COM VOZ CHEIA DE DESESPERAÇÃO E VAI INTERROGÁ-LO QUANDO...

O DESEJO ARDENTE DE VOLTAR À PÁTRIA INVADIU TÔDA A CARAVANA QUE SE PREPARA FEBRILMENTE...

58

MÁRIO, DIGA-ME VOCÊ NÃO ESTÁ DECIDIDO? O QUE LHE PODE MUDAR DE OPINIÃO?

ZAIRA, POR FAVOR, NÃO FALE NESTE ASSUNTO!

CADA DIA QUE PASSA, MÁRIO SE TORNA CADA VEZ MAIS ACABRUNHADO...

ENTÃO NOS VAI DEIXAR?...

CADA DIA QUE PASSA FALTA-ME CORAGEM PARA DEIXÁ-LOS... E VOU DIZENDO... AMANHÃ!...

...RSUADÍ-LO, ...CONTRO EX... ...ÉM DISTO: "O ...UANDO ESTIVER ...ARÁ SEM O GA... ...QUE LHE QUERO...

MÊSES A FIO VÃO VIAJANDO POR PAISSAGENS DEVASTADAS...

CHEGAMOS! NESTE PONTO NÃO HÁ MAIS FORMALIDADE. PODEMOS PASSAR!

UM DIA, FINALMENTE!...

MÁRIO, ALI ESTÁ A POLÔNIA...

DESEJEI RESPIRAR AINDA O AR DE SEU CÉU... AGORA PODEREI VOLTAR... ZAIRA, AFASTE O GARÔTO QUANDO ESTIVER DE VOLTAR!

O GARÔTO!...

EI, MÁRIO, ZAIRA DEPRESSA ESTÁ NA HORA DE PARTIR, VAMOS!

NAQUELE MOMENTO, JEAN DO CARRO GRITA...

QUE IMENSA TRISTEZA PARA ÊLE SE VOCÊ NÃO FÔR...

ZAIRA, NÃO OS POSSO DEIXAR! VOU COM VOCÊ E COM A CRIANÇA, ACONTEÇA O QUE ACONTECER!

QUALQUER COISA QUE LHE ACONTEÇA, EU NUNCA LHE DEIXAREI DE AMAR, MÁRIO, SOU SUA PARA SEMPRE, O MEU AMOR!

...ESTÁ É SUA PÁTRIA!...

A NOSSA PÁTRIA... A NOSSA TERRA... A NOSSA MÃE... GARÔTO, VOCÊ QUE ENCHERGA, DIGA-ME: COMO É O CÉU?...

AZUL... COMO AS VESTES DE NOSSA SENHORA QUE VI NA IGREJA COM ZAIRA... COMO É BONITO, MÁRIO!...

DÊ-ME UM ABRAÇO BEM FORTE E QUANDO FÔR À IGREJA COM ZAIRA, REZE POR MIM...

REZO SEMPRE POR VOCÊ, MÁRIO, ZAIRA ME ENSINOU; E REZO TAMBÉM POR MAMÃE...

LENTAMENTE A CARAVANA SE APROXIMA DE VARSÓVIA...

GEO, PORQUE NÃO DIZ A VERDADE? SEI PERFEITAMENTE QUE NÃO É POR CAUSA DE SUA CARREIRA... FOI VOCÊ QUEM PEDIU PARA TRABALHAR EM OUTRO SETOR!

NÃO POSSO RECUSAR, SOLANGE. ESTÁ EM EVIDÊNCIA A MINHA CARREIRA...

GEO E SOLANGE VOLTARAM PARA ANTIGA CASA E DURANTE LONGOS MÊSES PROCURARAM MINUNCIOSAMENTE O PEQUENO JEAN.

É VERDADE SOLANGE, EU PRECISO LEVÁ-LA DAQUI DE VARSÓVIA. AQUI TUDO LHE TRAZ UMA TRISTE RECORDAÇÃO... INUTIL!

INUTIL, GEO! INUTIL!! OH! COMO PODE FALAR ASSIM. ÊSTE ERA O MUNDO DE NOSSO FILHINHO!

ENTÃO, MÁRIO, ÊSTE É O NOSSO ADEUS! O NOSSO ÚLTIMO ADEUS! PARA SEMPRE!

...MUITAS VÊZES O MENINO HESITANTE...

MÁRIO FICA ABISMADO NO PENSAMENTO DA HORRÍVEL SOLIDÃO QUE O ESPERA: LONGE DA PÁTRIA, SEPARADO DO GARÔTO E DE ZAIRA QUE LHE QUER BEM... MAS "DEVE" FAZÊ-LO... E POUCO DEPOIS...

ADEUS QUERIDA... PROCURE ME ESQUECER!

PORQUE, MÁRIO? PORQUE ME DEIXA?! EU AMO-O! SIM QUERIDO, AMO-O!...

NUNCA ME RESIGNAREI, GEO! PROCUREMOS AINDA. LEMBRE-SE QUE PROMETEMOS RECOMPENSA A QUEM NOS DER ALGUM INDÍCIO...

FIZEMOS TUDO PARA ENCONTRÁ-LO, PORÉM TUDO EM VÃO; DEVEMOS NOS RESIGNAR AO PENSAMENTO DE QUE NÃO EXISTE MAIS!

60

E QUATRO VÊZES FOMOS VÍTIMAS DE FALSOS INFORMANTES QUE ESPECULARAM A NOSSA DOR. NÃO RECLAMO O DINHEIRO GASTO, SOLANGE! PERCEBI QUE A DESILUSÃO LHE ABATEU GRAVEMENTE. AGORA TENHO OBRIGAÇÃO DE VELAR POR VOCÊ. APENAS CHEGUE A CONFIRMAÇÃO PARTIREMOS!

NÃO GEO, NÃO... NÃO!...

MÚSICA PARA O POVO

O «SESI» EM COOPERAÇÃO COM O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ★ «MISSA SOLENE», DE BEETHOVEN, PARA OS CARIOCAS



O Côro Feminino, vendo-se no primeiro plano o timpanista da O.S.B.



Aspecto do côro e da orquestra, vendo-se no primeiro plano o regente Hugh Ross



O côro misto executando a sua parte na inesquecível audição popular da grande obra de Beethoven.

A Missa Solene, de Beethoven, obra-prima da música universal, foi apresentada ao povo carioca, pela primeira vez, no dia 12 do corrente, às 21 horas, no pátio do Ministério da Educação, como complemento ao novo programa traçado pela O.S.B.

Para levar a cabo um acontecimento de tal vulto, seus patronos, Ministro Simões Filho e Deputado Euvaldo Lodi, contaram com a valiosa colaboração do Prefeito de São Paulo, Dr. Armando de Arruda Pereira, que cedeu, graciosamente, o Coral do Teatro Municipal bandeirante, a quem foi confiada a parte coral da execução.

Os solistas foram: Luciana Bertolli, soprano; Giselle Thury, contralto; Africo Baldelli, tenor; Hercules Levilles, baixo.

A direção geral coube ao Dr. Hugh Ross, especialista nesse gênero de música e contratado nos Estados Unidos para dirigir a Missa, não só nessa «première», como para os quadros sociais da O.S.B. e da Cultura Artística de São Paulo.

A Missa Solene, em Ré Maior, op. 123, para orquestra, coros e quatro solistas, consta do Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus e e Agnus Dei.

Separando essas partes fixas da Missa, Beethoven usa, em alguns casos, interlúdios confiados à Orquestra.

O Coral Municipal foi, sem dúvida, o ponto alto da execução. Vozes bonitas, bem impostadas e ricas de sonoridade, deram-nos momentos de inesquecível beleza, quer pela coesão, quer pela afinação e sobretudo pela dinâmica que, levada a têrmo pelo Dr. Ross,



O povo mais uma vez demonstrou, com a sua presença, o quanto se interessa pela boa música.

Os quatro solistas da famosa "Missa Solene" de Beethoven: um soprano, um contralto, um tenor e um baixo.



O regente, Dr. Hugh Ross, contratado especialmente para reger a célebre "Missa Solene", numa atitude característica







muito contribuiu para pôr em relêvo certos detalhes encantadores da Missa.

O Dr. Hugh Ross mostrou ser um profundo conhecedor da partitura. Deu-nos uma interpretação excelente.

Estão de parabéns os patronos da festa e o povo, que, dêsse modo, pôde conhecer diretamente, uma obra que todo o mundo admira e venera, e que aqui era conhecida através da Rádio Roquete Pinto e Rádio Ministério da Educação, para só citar as estações oficiais, que funcionam à base do disco.

Antes de começar o concêrto foi executado o Hino Nacional, sob a regência de Eleazar de Carvalho, cantado em uníssono pelo Côro e pelo Povo.





O maestro Eleazar de Carvalho quando regia e cantava o Hino Nacional e, em cima, três componentes do Côro do Teatro Municipal Bandeirante.

INVEJADA
AOS 50 ANOS!...

Bela, elegante, airosa, com sua personalidade marcante. Colo, mãos formosas, pele fresca e juvenil. Sem rugas, manchas, espinhas, sardas, ou outras quaisquer imperfeições da pele. Qual o sgrêdo? O uso constante do bálsamo maravilhoso



Agua de JUNQUILHO

Distr.: ARAUJO FREITAS - Rio

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de **nicotina acumulada nos interstícios dos** dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

"ETERNAMENTE MÃE"

(Cont. da pág. 23)

trada de ferro, ligando o Vale do Paraíba ao litoral. Mas, como tudo ficaria em projetos, Dr. Celestino decidiu-se estabelecer com uma chácara que já comprou formada. Pôs-se a exportar laranjas para Londres, e muito breve comprava um carro. Para Leonor, que não se acostumava àquela vida monótona, esta aquisição significava a chave de sua liberdade.

Para Celestino os negócios prosperavam. Todos ali lhe chamavam de "Doutor", exceto Juquita e mais alguns considerados amigos "do peito". Êstes sim, eram de dentro. Bebiam e jogavam com êle. Mesmo quando Celestino viajava, geralmente a negócio, aquelas reuniões não se omitiam. Nestes casos, geralmente, Leonor era o ponto alvejado de tôda piada e brincadeira. Aliás, ela jamais teve família. Cresceu como crescem muitas moças nas grandes cidades. Encontrou uma proteção em sua infância, proteção esta cuja vítima ela própria o seria. Mas, como fatos assim não constituem impecilho a um homem "loucamente apaixonado", desposou-a Celestino.

Seus pais tudo fizeram para impedir tal casamento, porém, foi tudo inútil. Celestino gostava dela, e, para êle "águas passadas não movem moinho"...! Casaram-se, lacônicamente. Sem festas. Sem convidados.

A família dêle era nobre a distinta, e não pôde tolerar semelhante aberração. Celestino não fôra recebido por seu pai, após casado.

Desgostoso, pleiteou e conseguiu, mais breve que esperava, a sua transferência para as obras em projeto.

Êste capítulo da vida de Leonor e Celestino bastaria para explicar a vida desregrada que levavam. Êle preocupando-se mais com os negócios do que com a família. Ela preocupando-se mais com os amigos que com o próprio espôso. O ambiente restrito em que viviam, tornava aquela vida um verdadeiro escândalo. Leonor, principalmente, havia caído na antipatia geral das outras mulheres da cidade. Aliás, para ela, isto era indiferente.

Terminadas as reuniões, todos se retiravam, menos Juquita que ali ficava, quando Celestino estava fora. Para êle, tal situação era sumamente privilegiada. Era o único homem a penetrar as intimidades de uma única mulher que, naquela terra, se prestava para tal.

Outras vêzes, quando o marido saía, Leonor desfrutava o prazer de cair-lhe nos braços, nos passeios que faziam.

(Continua no próximo número)

Respostas ao teste

1—Le Verrier
2—Francisco Manuel Barroso da Silva
3—O paraguaio
4—Barão de Abaeté
5—Edison
6—Mediatismo
7—Pegureiro
8—Ave
9—Multifária
10—Mostrengo (Não se refere a «monstro», e sim a «mostra»)
11—Úmido, pegajoso
12—Pôr de permeio, alternar
13—Calispo
14—Farrusco
15—Elmo

CASAR OU NÃO...

(Cont. da pág. 6)

gina, do 2º ano normal, com um filho, acha que a normalista deve casar, se assim o deseja. Para ela o matrimônio e os filhos não atrapalham, e pode-se conciliar a vida do lar com a vida estudantil.

Considerações finais. Ao fazer o inquérito entre as alunas do IE procuramos nos dirigir, de preferência, às moças do curso normal. Jovens mais esclarecidas, pertencentes a um curso mais adiantado, a grande maioria delas já em idade de contrair matrimônio, as alunas do curso normal, num inquérito como o que fizemos, eram as mais aptas para responderem à nossa pergunta. O que ouvimos encontra-se nas linhas acima, num inquérito em que o repórter nada faz além de reproduzir a opinião das pessoas ouvidas.

O resto, é esperar por 1953. Como informou d. Lígia Lessa Bastos, sòmente em 1953 o seu Projeto de Lei entrará em discussão. No momento êle se encontra na Comissão de Justiça da Câmara do Distrito Federal e, com o acúmulo de trabalho, os vereadores cariocas não podem nem pensar no caso antes de janeiro do próximo ano. Até lá fica em suspenso o problema das normalistas — **casar ou não casar**.

TREZENTOS E . . .

(Cont. da pág. 13)

do crime. Havia um velho sentado em frente à referida casa e, ao cruzar-se à frente, cumprimentou-o. Continuou até o ponto onde havia deixado o ônibus que o conduzira até aquêle lugar. Ali retomou outro ônibus e voltou a Santo Amaro e, de lá, tomou um bonde que o deixou na praça João Mendes; daí regressou à sua residência.

3 — Amiko — (estrada da Juta) — dia 26-5-52. Nesse dia Benedito Moreira de Carvalho, logo cedo, embarcou num ônibus para Vila Carrão, na rua Antônio de Barros. No ponto final, embarcou num outro ônibus para a Vila São Mateus e, quando chegou ao final da viagem, continuou pela estrada e pediu «carona» a um caminhão de japoneses que seguia rumo a Santo André. Quando passava nas proximidades de uma grande fazenda, perto de Santo André, pediu ao motorista que parasse o caminhão, do qual desceu. Começou a caminhar, então, em sentido contrário à direção que seguia o caminhão, voltando, portanto, para o lugar de onde vinha. Numa baixada encontrou uma japonesinha que levava uma pasta escolar nas mãos e, avançando sôbre ela, apertou-lhe o pescoço com as mãos. Desfalecida, arrastou-a para um matagal existente às margens da estrada, obrigando-se a passar, Benedito e o corpo inerte de sua vítima, por debaixo de uma cêrca de arame farpado. Logo mais adiante, estuprou-a. Deixou o local e continuou a caminhar pela mesma estrada, agora, então, no rumo de São Mateus. Na estrada, um outro caminhão de japoneses o levou até aquêle distrito de São Mateus, onde Benedito tomou o ônibus que o deixou na Vila Carrão; de lá regressou à rua Antônio de Barros e seguiu para sua casa.

4 — Guarulhos — (moça loira) — dia 23-5-52. Benedito Moreira de Carvalho, de manhã, tomou o ônibus Guarulhos e, chegando àquela cidade, embarcou num outro que seguia para Cumbica e, quando já se encontrava próximo da Base Aérea, viu uma jovem que fêz subir no ônibus em aprêço, um menino que ela acompanhava; como se encontrava em lugar adequado para pôr em prática a sua sanha criminosa, logo que o ônibus deu partida, Benedito desceu do mesmo. Seguiu, então, a referida jovem, por um atalho e, depois de haver andado uns duzentos metros, pôs-se a conversar com ela. Ela, então, perguntou-lhe se era morador dali. Mais alguns passos e Benedito convidou-lhe para com êle manter relações sexuais, não tendo a moça concordado com isso. Ato contínuo Benedito agarrou-a pelo pescoço e arrastou-a para uma capoeira à margem do atalho: (...). Desistindo de estuprar essa outra vítima, Benedito abandonou aquêle local, deixando a jovem apenas desfalecida. Seguiu pela mesma estrada até Guarulhos e de lá veio para São Paulo e regressou à sua casa.

5 — Marina — (Barueri) — dia 20-6-52 — Tomou o trem na estação da Sorocabana às 7 h 30 e tinha a intenção de localizar a residência de uma curandeira que, segundo soube por intermédio de um seu colega, deveria residir naquelas imediações de Barueri. Chegando àquela localidade, passou a caminhar sem rumo e, num bar local, tomou um copo de leite. Estêve, também, em uma olaria que fica próxima à estrada de Parnaíba. Percorreu as imediações da cidade, passou por uma encruzilhada e seguiu pela estrada da direita, subindo um morro alto. No seu cimo, alcançou uma japonezinha que seguia em companhia de um menino, também japonês, que levava um litro nas mãos. Benedito, então, mandou que o menino fôsse a uma olaria (a mesma a que já se referiu), a fim de mandar o motorista de um caminhão, que lá estava, trazer um macaco e uma alavanca porque a estrada estava muito ruim e êle poderia encalhar o veículo. Quando o menino resolveu atender ao pedido que Benedito lhe fizera, êste, então só com a menina, acompanhou-a em direção de sua casa. Logo adiante penetrou no mato (...) Como não foi por ela atendido, Benedito esganou-a (...) Regressou a Barueri e de lá tomou o trem, às 11 horas, vindo para São Paulo.

6 — Mercilia Oliveira de Sousa — (Parada XV) — No dia 21-7-52, num

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu us constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

M U L T I F A R M A
Rua Direita, 191 — 6º andar
Remessas pelo Reembôlso
SÃO PAULO

LOÇÃO ANTI-BRANCA

RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA

☆ *Não contém Nitrato de Prata* ☆

Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia

HÁ QUASE MEIO SÉCULO COMPROVA SUA EFICIÊNCIA

trem de subúrbio da Central do Brasil, Benedito viajou até a Parada XV de Novembro. Ali chegando ficou perambulando pela cidade; estêve em um bar e depois tomou uma estrada e daí seguiu por um atalho, já, então, possuído da fatal idéia de satisfazer seus desejos sexuais. No fim dêsse atalho encontrou uma capela e, então, sentou-se do lado de fora por algum tempo. Depois retornou a caminhar e, logo após, encontrou uma casa onde pediu, a uma senhora, um copo de água; palestrou com ela e perguntou a essa senhora se sabia da existência de uns prêtos que deveriam residir por ali, sendo que um dêles já era um senhor, um velho e chamava-se Domingos. Essa senhora, então, informou a Benedito que os prêtos por quem procurava não mais viviam ali. Sendo que a casa que êles habitavam está pintada de branco e é cercada de arame, nos seus fundos há um barracão onde, pela sua disposição, é utilizado para abrigar automóveis. Deixou Benedito aquela senhora e seguiu o seu caminho, tendo passado por umas baixadas e lugares cujos nomes ignora. Resolveu, então, regressar. Ao fazê-lo, viu quando saía de uma chácara uma moça que estava em companhia de uma menina que levava algumas ameixas nas mãos. Entrou novamente pelo atalho por onde já havia passado antes e tornou a passar pela casa onde, momentos antes, tinha tomado água e seguiu por uns passos mais além. Voltou por um caminho que foi sair na casa onde havia visto a moça e a menina com as ameixas nas mãos. Cumprimentou-a (a moça) e entrou por um pequeno portão e, aproximando-se desta, pediu-lhe que arranjasse algumas mudas de cana, ao que esta respondeu que não poderia arranjar aquelas mudas. Nesta ocasião fêz proposta a essa moça para que com êle fôsse ter a um mato próximo; essa nova vítima não quis aquiescer a proposta recebida. Nesse instante Benedito agarrou-a pelo pescoço, perto da porta da casa, arrastando-a até abaixo de uma pequena árvore onde no chão, havia uma corda que êste se utilizou para passar-lhe pelo pescoço, apertando-a; dali arrastou o seu corpo a um sapézal onde a estuprou. Desapertou a corda que envolvia o seu pescoço e percebeu que ela ainda estava com vida. Abaixado, fugiu pelos fundos da chácara e atravessando uma cêrca de arame farpado, saiu na estrada. Passou novamente pela frente da casa de Mercilia, isso mais ou menos às 17 horas e viu que vinha em sua direção uma pessoa, mas não sabe dizer de que côr era. Quando Benedito pegou Mercilia esta gritou e gemeu. Regressou em seguida a estação XV de Novembro e aí tomou o trem das 17 h 30 para São Paulo. Desceu, todavia, na estação Carlos de Campos (5ª Parada) de onde foi para sua residência.

7 — Maria Nishiskawa — (São Bernardo do Campo) — A 2-8-52 Benedito tomou um ônibus amarelo, de manhã, no parque D. Pedro II, ônibus êsse que faz a linha São João Clímaco. Desceu do veiculo perto do pôsto da Guarda Civil, que fica no comêço da via Anchieta. Daí em diante passou a andar pela estrada, até o ponto em que há um desvio para a direita, um atalho, onde entrou passando pela frente de uma bonita casa. Mais adiante (eram mais ou menos 6 ou 7 horas) entrou por uma borboleta que está situada ao lado de uma porteira e que dá acesso a um lago, de onde seguiu por uma estrada estreita, cruzando com várias pessoas; transpôs um mata-burros e passou à frente de umas casas e, mais adiante, encontrou-se com uma mocinha japonêsa que vinha em sentido contrário ao seu e levava consigo uma pasta escolar; ao passar por ela, Benedito agarrou-a ràpidamente pelo pescoço e esganou-a com as mãos até que ela desfalecesse. Em seguida, arrastou-a para um mato próximo (nos braços) (...) Abandonou-a, ainda desfalecida, e teve antes o cuidado de cobri-la com as suas próprias peças de roupa (...) Prosseguindo pela mesma estrada por onde havia vindo, atingiu a mencionada borboleta por onde passara uma hora atrás e quando estava parado, debaixo de uma árvore, avistou um menino que passava pela estrada, próximo de onde estava: (...) chamou-o. O menino parou e, então, Benedito disse-lhe que conhecia o seu pai e convidou-o a entrar, consigo, num atalho próximo, sob promessa de que lhe dava algum dinheiro; o menino acedeu e entrou com Benedito no atalho, passaram por uma porteira de arame e caminharam ambos mais alguns metros adiante, para, em seguida, penetrar no mato. Nessa ocasião caíram ao chão uma garrafa e um carrinho daquele menino; como êste se arrependesse e não quisesse seguir com Benedito, não teve dúvida o criminoso em violentá-lo, deixando sua pobre vítima sem sentidos, estendida no local. Logo, ao sair do mato, teve o cuidado de atirar o carrinho e garrafa no matagal para evitar que o corpo do referido menino fôsse logo encontrado. Voltou à vila Anchieta e tomou um ônibus que vinha de São Bernardo, descendo no parque Pedro II. Dêsse logradouro voltou à sua casa.

8 — Luisa Marlene dos Santos (Itaquaquecetuba) — A 18-8-52 Benedito Moreira de Carvalho saiu de sua casa por volta das 7 horas e tomou um bonde para a estação Presidente Roosevelt e, depois, em um trem de subúrbio, foi até a estação da Aracaré, onde chegou às 9 horas. Daí, por um atalho existente no meio do mato, que sai na estrada velha de São Paulo ao Rio, foi sair no bar Rancho Grande, onde tomou um guaraná e permaneceu por algum tempo. Voltou a Aracaré, usando o primitivo caminho da ida, pois desejava tomar o trem de volta para São Paulo mas, ao chegar à estação, um rapaz de côr morena (supõe ser ajudante de caminhão) informou-o de que aquela hora não havia trem para a capital. Por essa razão, resolveu então voltar pela mesma estrada já referida a fim de tomar um ônibus no Rancho Grande. Nesse caminho, quando descia por um morro, encontrou uma pretinha de mais ou menos 11 anos de idade e que seguia em sentido contrário ao seu. Ao cruzar com a mesma, convidou-a para entrar no mato, e esta chegou até a margem da capoeira que circunda a estrada e ali Benedito agarrou-a pelo pescoço e esganou-a.. Retirando-se do local, Benedito rumou para o Rancho Grande, e pegou o ônibus para São Paulo onde desceu na rua Gualauna, indo em seguida para sua casa.

9 — Sítio Invernada (Guarulhos) — No dia 21-8-52, de ônibus, logo de manhã, Benedito foi para Guarulhos e de lá seguiu, de ônibus também, para Cumbica a fim de procurar um seu antigo colega, um serralheiro, de nome Albino de tal, soldado daquela Base Aérea. Chegando à Base, perguntou à sentinela sôbre o paradeiro de Albino e foi por êste informado de que o mesmo havia sido expulso de lá. De Cumbica tomou um caminhão que transitava pela via Dutra e que se destinava a Nazareth: desceu dêsse caminhão a uns quilômetros do sítio Invernada seguindo pela estrada, a pé, tendo-se encontrado com um prêto que levava um saco às costas, andou mais um quilômetro e chegou a um sítio que fica ao lado esquerdo da estrada, isso já por volta das 10 horas. Nessa ocasião Benedito viu uma mocinha japonêsa tirando água de um poço, sítio êste que fica próximo a estrada. Rumou, então, na direção de sua nova vítima, penetrou no aludido sítio indo até junto a mesma. Perguntou-lhe se havia alguém em casa e como esta lhe respondeu que estava sòzinha, pois seus parentes estavam trabalhando um pouco distante dali, agarrou-a, Benedito, pelo pescoço para realizar seu intento. Na luta que travou com a japonêsa, Benedito arrastou-a para baixo, junto a um matagal próximo, lugar onde a estuprou. Em seguida, voltou pelo mesmo caminho, indo para Taboão, e, aí tomou um ônibus para Guarulhos de onde veio para São Paulo. Desceu no bairro da Penha e foi para sua casa.

«4 — Devo frisar a vossa excelência que Benedito Moreira de Carvalho não foi interrogado, por medidas acauteladoras. No entanto, urgia que uma ou duas diligências se fizessem para que se pudesse emprestar maior crédito a Benedito, muito embora os detalhes dados pelo mesmo nos crimes acima mencionados fôssem impressionantemente exatos.

«Levamos, então, com as necessárias cautelas, Benedito Moreira de Carvalho à presença de uma das testemunhas mais importantes do crime de que foi vítima Mercília de Oliveira, de nome Clotilde. Esta reconheceu imediatamente Benedito Moreira de Carvalho como sendo a mesma pessoa e, ainda mais, discutiu com êle detalhes da conversação mantida entre ambos no dia do crime.

«Maria de Lourdes, uma de suas vítimas, reconheceu, de imediato, Benedito e fazendo-lhe a mesma pergunta que lhe fizera nos dia,, local e hora do crime: «O senhor mora por aqui?» — ao que obteve a pronta resposta: «Moro ali em baixo», com o que se impressionou tanto Maria de

À LUZ DA PSICANÁLISE

O RANCOR NA CRIANÇA

DR. LUIZ FRAGA

● M. L. C.: — Não é muito fácil o exame duma criança quando submetida a "testes" e observada cuidadosamente... Imagine, a cara missivista, as dificuldades com que nos deparamos para um diagnóstico, baseado nas informações contidas numa carta, mesmo quando essa carta é bem escrita, como a sua.

A senhora pergunta a certa altura de sua carta: — "Eu sinto que fui injusta por mais duma ocasião; mas isto justifica o rancor que o meu filho de 12 anos tomou contra mim?

RESPOSTA:

● Não creio que o seu Gilberto sinta rancor. Êle está magoado. A alma infantil é, sôbre tudo, muito delicada. Aos seis meses a criança começa a viver exteriormente; como vê; julga e gosa; como um semblante risonho lhe dá alegria, e como, sendo severo, a assusta e torna sombria. As impressões respondem às impressões e formam uma agradável linguagem, cujos segredos poucos sabem descobrir. Enquanto os animais permanecem no círculo estreito do interêsse material, a criança afeiçoa-se a objetos, que admira. Não conhece ainda o que lhe pode ser útil, e já se prende ao que lhe é agradável: antes do interêsse material, os prazeres da imaginação; antes das revelações da inteligência, as simpatias do amor; antes das maravilhas da palavra, as relações misteriosas da alma, que recebe e comunica a inteligência. Há nesta marcha do ser alguma causa de superior: do fundo da vida sensitiva, a alma brilha, com a claridade do relâmpago, e na criança, que se desconhece, nos revela o futuro contemplador do belo e meditador do infinito. Eis os primeiros fatos que assinalam a aparição da alma; mas há um mais decisivo e mais vivo: é a aparição da consciência. Ainda o menino não conhece o dever e já se irrita contra a injustiça. Êste sentimento de preciosa delicadeza experimenta-o êle quase ao nascer, ao seio materno. E' a sua primeira comoção forte.

— A senhora o puniu injustamente?

Irrita-se e chora; passa-se-lhe no interior alguma coisa sublime; uma geral indignação contra o injusto, que se manifesta pela cólera, ou pela dor.

CONSELHO

● Não o afague em demasia nem lhe mostre a dor do seu arrependimento. Faça-lhe saber que se enganou o sentir que o castigo teria sido merecido para o êrro que teria praticado. Mostre-se mais sua amiga e satisfeita sabendo que êle não errou. Lembre-se que a senhora tem em suas mãos o móbil moral da humanidade, com duas faculdades que revelam o homem, duas faculdades que conduzem até Deus; mas, também, duas faculdades de delicadeza esquisita, sempre prontas a exaltarem-se e, como a cêra, recebendo e guardando tôdas as formas. Se a senhora as ferir, adeus amor do próximo; se as sufocar, adeus vida moral; se as engana, adeus repouso, liberdade e verdade.

CUPÃO

Nome ....

Pseudônimo ....

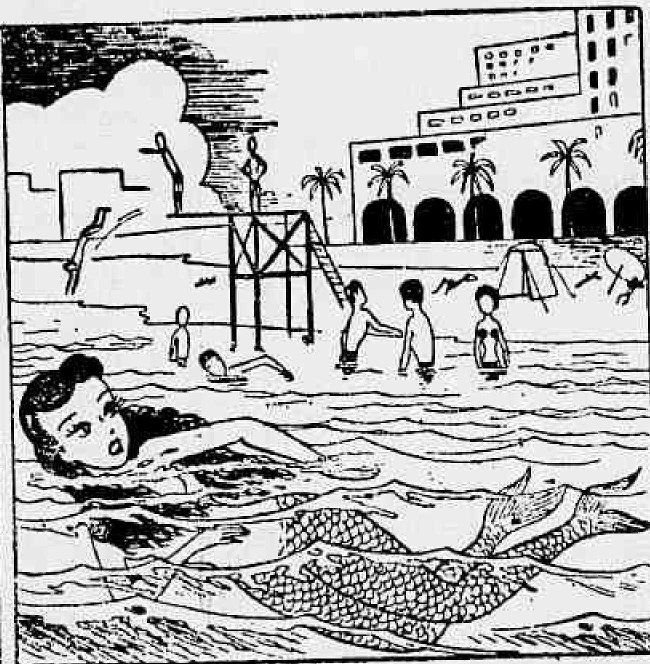
Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

No dia 11 em nosso próximo número: ARABELLE — A ÚLTIMA SEREIA









Uma história em quadrinhos original, interessantíssima, que fêz um sucesso alucinante na Europa e REVISTA DA SEMANA adquiriu com exclusividade para o Brasil. O romance de uma sereia, que se cansou de ter cauda de peixe, foi operada por um célebre cirurgião de estética feminina. ARABELLE tinha um sonho: ser Miss Côte d'Azur. Por isso, com seus cantos atraiu o iate de um milionário, tornou-se mulher, sem deixar de ser sereia, com a beleza e a atração das verdadeiras sereias. Aí começa a sua vida cheia de sedução, de encanto, de aventuras e de beleza. Jean ACHE, um «ás» do desenho animado, cuja execução maravilhosa deu vida a «história em quadrinhos» mais interessante da História, criada por uma escritora de imaginação maravilhosa: Vânia LAURENZ.

Lourdes, que julgou que iria ser de novo atacada.

«Tudo nos leva a crer, senhor secretário, que Benedito ainda seja responsável por outros crimes. Caberá a apuração dêles ao delegado competente.

«Apresentamos a vossa excelência Benedito Moreira de Carvalho e êste relatório, cumpre-me destacar o trabalho dos detectives do seu gabinete, muito especialmente os assinalados neste, por espírito de sacrifício, de luta, dia e noite, pela causa pública através dessa gloriosa instituição que é a polícia de São Paulo, ora entregue às mãos impolutas e dignas, à inteligência, capacidade e, sobretudo, à superior administração de vossa excelência!

«E' o que, com a satisfação do dever cumprido, me cumpre relatar. Vossa excelência deliberará o que mais necessário fôr. São Paulo, em 4 de setembro de 1952. Francisco P. Ielo, delegado de polícia».

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

VIZINHOS

(Cont. da pág. 26)

assuntos que nos interessavam a ambos, e aquêle positivamente andava-me aborrecendo. Mas eu compreendia que Joan era uma moça entusiasta e de bom coração e que, por isso mesmo, era levada a certos erros, e eu na verdade a amava todinha como ela era.

Mas um dia tocamos no assunto de jeito infeliz e quando vi nem tínhamos acabado de tomar o nosso café da manhã e já estávamos falando em divórcio. Foi uma situação que surgiu inesperadamente, que de tôla virou séria, como às vêzes acontece com um casal.

Quando raramente brigávamos ou discutíamos tornavamo-nos ainda mais amáveis um com o outro. E assim foi naquela séria emergência.. Nenhum dos dois queria guardar para si objeto nenhum, nada de propriedade, nenhum presente de casamento. Muito gravemente, concordamos em que deveríamos de qualquer modo comprar o freezer, pois aumentaria o valor da residência em seu conjunto, que deveria ser vendida e o produto da venda partilhado.

Quando fomos ver o freezer, encontramos George, que se mostrou mais excitado pela aquisição que nós mesmos. Na semana seguinte anunciamos a casa para vender.

Quando o corretor que foi proceder à avaliação nos deixou, tudo parecia ter crescido de valor para nós com a perspectiva de sua perda. Até o ruço da tardinha era como um amigo que nos dissesse tristemente adeus.

Vender uma casa, entretanto, é coisa que leva tempo. A nossa levou o tempo mais bonito e mais pungente do ano: o outono. Joan já estava cansada de mostrar aos candidatos a compradores o nosso banheiro com as lindas cortinas que ela fizera, o nosso jardim que ela mesma plantara e regava e o nosso freezer que não havíamos estreado.

Eu nunca a amei mais do que numa daquelas tardes em que ela se pôs a perambular sem objetivo pela casa, sem saber o que fazer das mãos. Já havíamos esquecido os Lloyds, motivo de nossa discórdia, e Maris se afastara de nós. Não havia mais nenhum motivo para o que estávamos fazendo, mas tragédia é isso mesmo.

Os Lloyds, entretanto, eram imprevisíveis. Um dia quando cheguei do trabalho encontrei-os em casa, com grande naturalidade. O freezer dêles havia parado de funcionar sùbitamente, estava tão velho que nem sabiam se teria conserto. E êles carregaram para o nosso, novinho em fôlha, aves mortas que tinham em estoque para vender. No nosso subúrbio havia um frigorífico que guardava mercadoria mediante pagamento. Mas, naturalmente, Maris achara mais simples recorrer a Joan.

Eu não disse nada. Estava Bôbo. E andava tonto. Em breve alguém apareceria e compraria a casa. Muito em breve. E então eu deixaria de ver o rostinho encantador, os cabelos castanhos e o formoso corpo de minha mulher. Se ela preferia agir assim, para que protestar? Não queria que ela tivesse mais aborrecimentos.

(Cont. no próximo número)

ARMA SECRETA...

(Cont. da pág. 38)

que tem a função de controlar os impulsos dos nervos nos músculos e órgãos. Uma pequenina porção de gás, seja inalada ou absorvida pela epiderme, ou ingerida com alimentos, é bastante para anular êsse contrôle, causando inevitável espasmo de músculos e de órgãos, até sobreviver a paralisia. Doses maiores causam a morte imediata. Sendo os gáses sem cheiro e sem gôsto, tornam-se difíceis de ser combatidos. Máscaras especialmente feitas para imunizar os seus portadores, bem como uniformes apropriados podem dar certa proteção; mas logo que estejam contaminados por êles, devem ser destruídos. A atropina e a respiração artificial podem manter a vítima com vida; mas, mesmo assim, os efeitos de invalidez continuarão durante muitos dias.

Todos sabemos que o gás como arma de guerra está fora da lei; mas quem poderá garantir que numa terceira guerra estejam livres os povos de ser aniquilados com tais recursos guerreiros? E' o que pergunta «Life», a grande revista americana, de onde reproduzimos, data vênia, a notícia sensacional, que precisa ser conhecida em todos os emisférios.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

VARIZES E HEMORRÓIDAS

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO

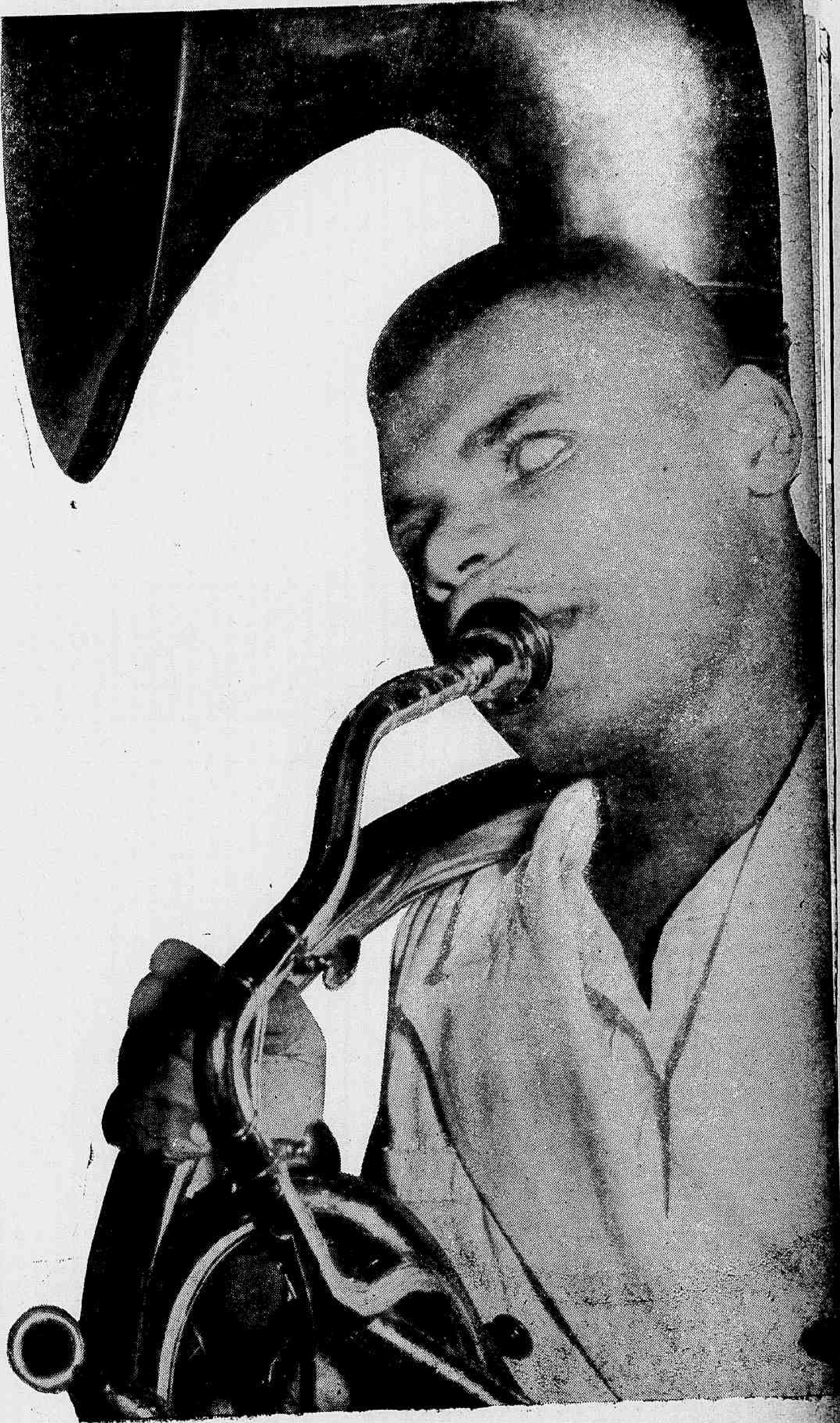
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL

NAS FARMÁCIAS

Usar durante três meses.

COMO ÊLES VÊEM O MUNDO ★ PRODÍGIOS DE INTELIGÊNCIA E PERSEVERANÇA ★ CEGOS IMORTAIS: BRAILLE, HELLEN KELLER ★ SÍLVIO PÉLICO MACHADO E SEU PROGRAMA RADIOFÔNICO — SÓ DE CEGOS ★ O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT: UMA OBRA MERITÓRIA ★ MÉDICOS, ESCULTORES, MUSICISTAS, BAILARINAS E ARTÍFICES

Reportagem de ALTAMYRO PONCE



OS CEGOS VÊEM!

EM todo o mal põe a divina Providência sua compensação. Assim pôde um poeta, da mesma pátria de Milton, o autor do «Paraíso Perdido», elevar um hino à cegueira. **«Ó ventura de cegueira! Agora nenhuma beleza inflama a minha inveja, nem a miséria a minha piedade, nenhuma riqueza humana afoga o respeito de mim mesmo».** E seguindo essa ordem de idéias, incomparável de consolação, para aquêle cuja falta da visão lhe poupará tanta cena degradante e triste, Denham — eis o nome dêsse cantor — parece vibrar na cegueira o verdadeiro Paraíso. Achado êsse mundo interior, que só os cegos vêem, em todo o esplendor, porque sòmente êles possuem todo o poder de concentração que nos escapa, pobres perdulários da riqueza imensa da visão humana.

O homem, saindo fora do nível baixo das coisas rasteiras, refugiando-se dentro de si mesmo, descobre tesouros nunca dantes sonhados, aprimora qualidades não suspeitadas, que os maravilha e nos assombra, quando dêsses panoramas infinitos não dávamos nenhuma conta. Descobria o poeta, como os cegos devem descobrir e com êle dizer, **«um mundo dentro de mim mesmo e êsse mundo deve ser o meu império, ali reinarei, livremente comandando».**

E' essa grandeza interior, essa luz compensadora do espírito, que Deus dá às crianças, que em sua sabedoria destinou a êsse mundo, que explica todos os milagres de percepção, compreensão e estupendas realizações dos cegos, que nos deixam atônitos.

Pelo mundo afora os cegos vão demonstrando que a sua deficiência visual não é uma inibição irrecorrível. Que a paciência e a perseverança, e o desenvolvimento de outras qualidades superará aquela falta.

O Brasil não podia fazer exceção e não faz nesse terreno. E, mercê de Deus, alarga-se, dia a dia, o âmbito de ação dos cegos em nossa sociedade. Merecem citação especial as atividades dos que, cegos ou não, benemèritamente, em nosso país, vêm se dedicando aos problemas do desenvolvimento cultural dos cegos e aos do aproveitamento cada vez maior de suas atividades. Vejamo-las nalguns rápidos flagrantes.



Os olhos do corpo cerraram-se para a luz, mas os da alma estão mais abertos ainda e a música abre horizontes infinitos e panoramas espirituais talvez mais belos ainda. Em cima, Sílvio Pélico Machado, um cego cheio de entusiasmo pela vida e de grandes iniciativas em prol do desenvolvimento intelectual dos que não vêem como nós leitores, mas da forma que Deus desejou que êles vissem.



Louis Braille, perdendo a vista aos 3 anos, dedicou-se ao aperfeiçoamento das condições de vida dos cegos. E inventou para êles um alfabeto.

UM PROGRAMA RADIOFÔNICO ÚNICO NO MUNDO

O auditório estava prêso de verdadeira emoção! Só se viam lenços a enxugarem lágrimas. Os intérpretes daquela irradiação, entretanto, nada viam do que se passava na platéia comovida. E' que todos êles eram cegos.

Ali estavam, inaugurando na Rádio Roquette Pinto, o programa radiofônico «O que podemos fazer». Idealizado e organizado por um cego, Sílvio Pélico Machado, o programa, inteiramente redigido em Braille, é o primeiro, no gênero, a ser apresentado no broadcasting mundial. Todos os seus componentes são privados da visão. Nada recebem por seu trabalho. Objetivam apenas divulgar o que os cegos podem fazer e realizar no campo da atividade humana, compatível com a sua deficiência física. Procuram incutir nos próprios companheiros a noção do seu valor pessoal e a confiança no poder da vontade e, ao mesmo tempo, mostrar que os cegos aspiram a integrar-se na sociedade por um esfôrço produtivo, útil para a coletividade.

As lágrimas dos assistentes não eram de piedade, mas de emoção pelo nobre e corajoso exemplo que ali lhes era dado presenciar. E o entusiasmo crescia ante o desembaraço com que o «speaker» (Vanderlei Albernaz Rocha) comandava o programa, LENDO A SUA PARTE COM AS MÃOS, chegando ao auge quando o pianista cego (Amyrthon Vallim) terminou a magnífica execução de uma página de Beethoven!

MÚSICAS IMPRESSAS EM BRAILLE

E' uma crença popular que o cego aprende música com uma facilidade espantosa e em muito menos tempo que os videntes, o que não é verdade. O cego para poder tocar qualquer instrumento, tem que, em primeiro lugar, conhecer a partitura com o tato de uma das mãos, enquanto com a outra procura no instrumento as notas para decorá-las. Procede da mesma maneira com a outra mão, para finalmente juntar as duas, e, conseguir com êste esfôrço o que qualquer vidente faz à primeira vista.

OS SEIS PONTOS DA PEDRA DO DOMINÓ INSPIRARAM BRAILLE

Foi Louis Braille, cidadão francês, nascido em Coupvray, em 4 de janeiro de 1809, o inventor do maravilhoso sistema que hoje é um raio de luz para todos aquêles que por qualquer motivo se acham privados da visão. Matriculado, aos nove anos, no «Real Instituto dos Meninos Cegos», de Paris, imediatamente dedicou tôda a sua inteligência e seu poder de imaginação aos estudos. Entusiasmado com o trabalho de Barbier, oficial reformado do Exército, e que havia inventado um sistema para enviar mensagens à noite aos seus soldados, intitulado «Escrita Noturna», Braille dedicou todo o seu tempo a pôr em prática um processo de leitura e escrita que fôsse mais acessível e mais fácil para os cegos. Conseguiu, através dos seis pontos das pedras do dominó, a inspiração para o seu magnífico alfabeto de 63 combinações, hoje mundialmente conhecido e adotado em todos os centros de cultura para os cegos. E em 1852, a 6 de janeiro, morre tuberculoso o genial inventor da Anaglitografia. Suas cinzas, êste ano, um século depois, foram trasladadas para o Pantheon, em Paris, imortalizando e glorificando-se-lhe a memória como a de um dos maiores benfeitores da humanidade.

REVISTAS PARA OS QUE NÃO PODEM VER

No Brasil existe sòmente uma revista impressa em Braille. Intitula-se «Relêvo». A publicação é mensal e o seu custo é de Cr$ 10,00. Deve-se essa iniciativa à Fundação do Livro para o Cego, de São Paulo, instituição organizada por D. Dorina de Gouvêa Nowel, ilustre senhora paulista. A máquina impressora foi por ela adquirida nos Estados Unidos. Privada da visão, vem D. Dorina Nowel aplicando parte dos seus haveres em benefício daquela instituição, cujo objetivo é o do aprimoramento cultural dos cegos, libertando-os das trevas da ignorância.

A revista não proporciona apenas leitura mas também, pela imagem de relêvo, procura transmitir ao cego de nascença o conhecimento exato de certas figuras. Assim, mapas e imagens de cousas que êles não poderiam conhecer pelo tato, como o coração, a lua, e as estrêlas, é pelo desenho em relêvo que o cego os verá.

O LIVRO DO CEGO OCUPA MAIS ESPAÇO

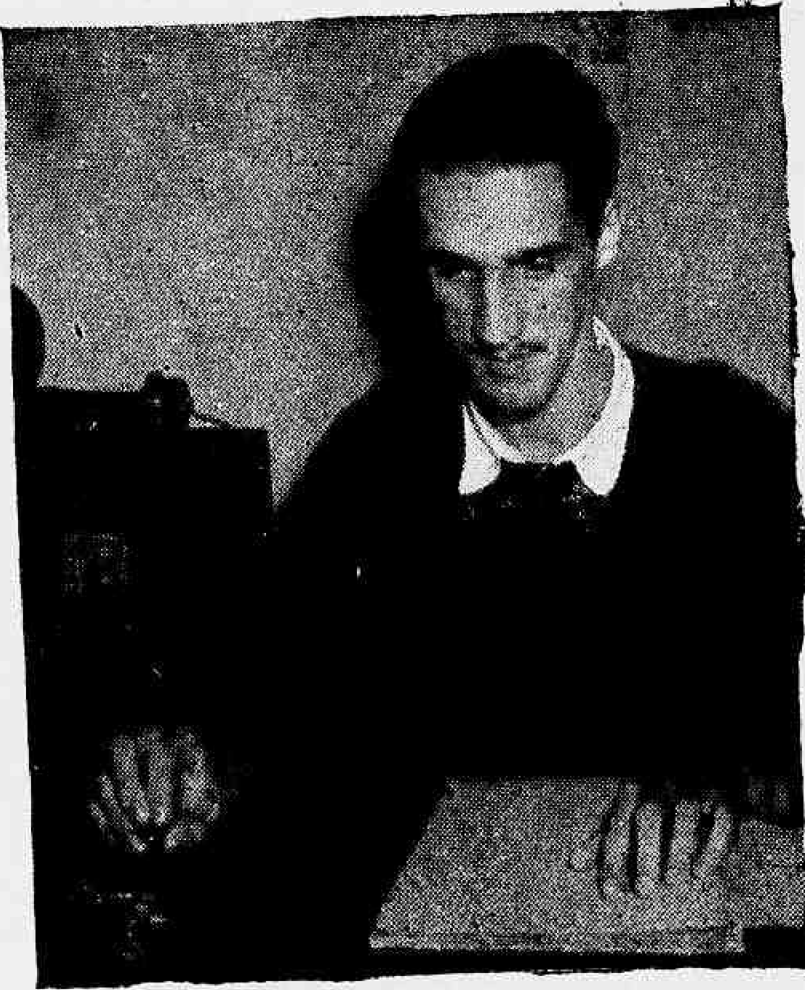
O alfabeto Braille ocupa, naturalmente, mais espaço que o comum. Cada letra tem de ser aprendida, não pela vista, mas pelas papilas dos dedos. A Bíblia, escrita em Braille, à mão, pela primeira vez, ocupou 39 volumes. Sòmente em 1893 é que o americano Frank Hall criou a máquina de estereotipia que permite editar livros em Braille, pràticamente com a mesma rapidez com que se editam os livros do alfabeto vulgar. Assim surgiram as gramáticas, os compêndios, os livros de arte e de ciência e as bibliotecas Braille, existentes hoje em todos os institutos de cegos do mundo inteiro.

Com o método de Braille os cegos de nascença podem ser alfabetizados e se tornarem notáveis, como Helen Keller.

A questão do espaço, porém, preocupa os administradores das bibliotecas. Os livros em Braille são impressos em papel incorpado e, entre uma página e outra, há um ligeiro espaço para que, ao fechar, não se amasse os sinais em relêvo. Para me-



A garotinha vê o mundo talvez mais lindo do que é e toma conhecimento das belas histórias do reino das fadas pelo alfabeto Braille.

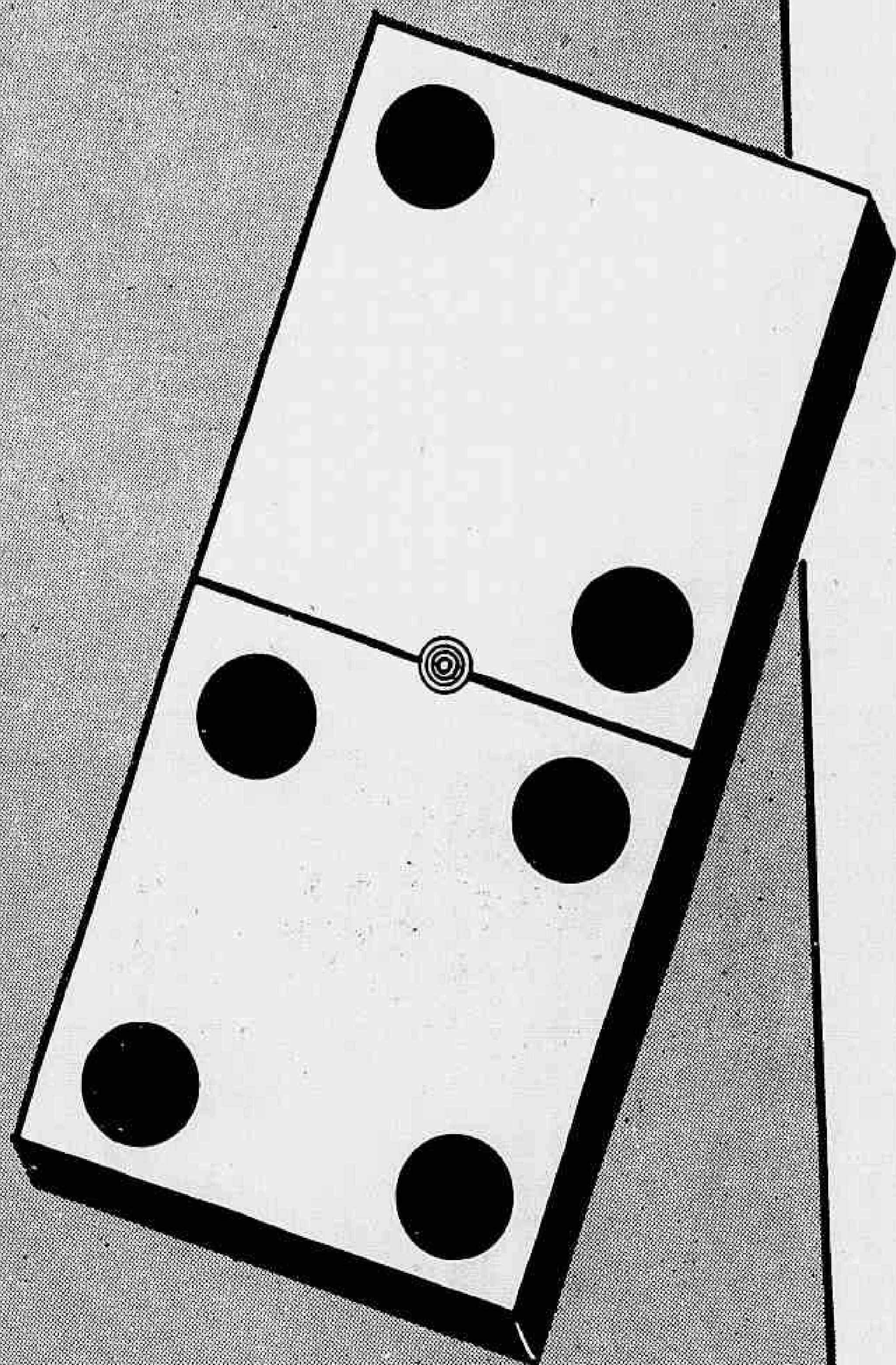


Com a mão esquerda o cego lê, no relêvo de Braille, o texto e com a direita, pelo alfabeto Morse o transmite, como radiotelegrafista.



A música divina enche de poesia a vida dos cegos. Do «Instituto Benjamin Constant» têm saído quantos e quantos pianistas como êste!

ALFABETO BRAILLE



Até Louis Braille, que nasceu em França em 1819 e faleceu, há um século, exatamente em 1852, a vida dos cegos era mais escura do que hoje. Com êle, pode-se dizer, raiou o sol de uma nova vida para milhões de sêres humanos, privados da visão. Uma pedra do jôgo de «Dominó» o inspirou a organizar com aquêles pontos negros a composição, em relêvo, dos caracteres que formam o alfabeto, que permite aos cegos a leitura.



O programa da Roquete Pinto «O que podemos fazer», organizado por Sílvio Pélico Machado, é todo êle lido, musicado e falado por cegos

lhor compreensão, diremos, como exemplo, que um exemplar da edição em Braille do «Reader Digest» (Seleções) tem quase a espessura de um dicionário e um dicionário compõe-se de tantos volumes quanto os da coleção do Tesouro da Juventude.

O QUE A PREFEITURA TEM REALIZADO

É-nos grato assinalar que devido à compreensão e elevado espírito humano de João Carlos Vital, vem a Prefeitura procurando dar amparo aos cegos, ajudando a colocá-los em todos os setores em que fôr possível o seu aproveitamento.

Além da Clínica para Cegos, denominada «Santa Luzia», anexa ao Hospital Pedro Ernesto, e da recente inauguração, na Biblioteca Municipal, de uma secção de livros em Braille, mantém a Municipalidade, por iniciativa do próprio Prefeito, um serviço de readaptação dos cegos, que funciona no Palácio Guanabara. Está entregue ao sr. Jorge Lacerda, um tenaz batalhador em prol dos seus companheiros privados da visão. Por intermédio dêsse Serviço, muitos dêles foram colocados em pouco mais de um mês. Embora muitos tenham profissão, necessitam de quem os oriente na vida prática. Agora, todo o cego que se achar capaz de exercer uma profissão, bastará que se dirija àquele Serviço de Readaptação dos Cegos, que se incumbirá de conseguir uma oportunidade adequada às suas habilitações.

O QUE É O INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Pedro II, em 1854, fundou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, sob a inspiração de um moço brasileiro cego, José Alvares d'Azevedo, que aos dezenove anos voltava ao Brasil formado pelo Instituto dos Cegos, de Paris. Seu primeiro diretor, o dr. Xavier Sigaud, médico francês ao serviço do Paço e pai de uma cega, Adélia Sigaud, uma das primeiras alunas e depois professôra do Instituto.

Falecendo Sigaud, substituiu-o o conselheiro Cláudio Luís da Costa, cuja filha casou-se com Benjamin Constant, então pertencente ao magistério daquele educandário.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, o terceiro diretor, sucedeu ao sogro, após a morte dêste. Sua gestão, a mais prolongada de quantas teve o Instituto, durou quase 20 anos. Só a deixou no dia da proclamação da República, a fim de integrar o ministério do Govêrno Provisório.

A Benjamin Constant devem a educação e o ensino dos cegos, no Brasil, inesquecíveis serviços. Coube-lhe, já na República, a tarefa de pleitear e obter a primeira dotação orçamentária para o início das obras do edifício onde se instala o Instituto. De sua autoria também o primeiro regulamento da instituição. Essa dedicação, de quase trinta anos, ligada ao estudo e solução dos problemas relativos à educação e ensino dos cegos brasileiros, levou o Govêrno, por ocasião do inolvidável brasileiro, a dar o seu nome à instituição.

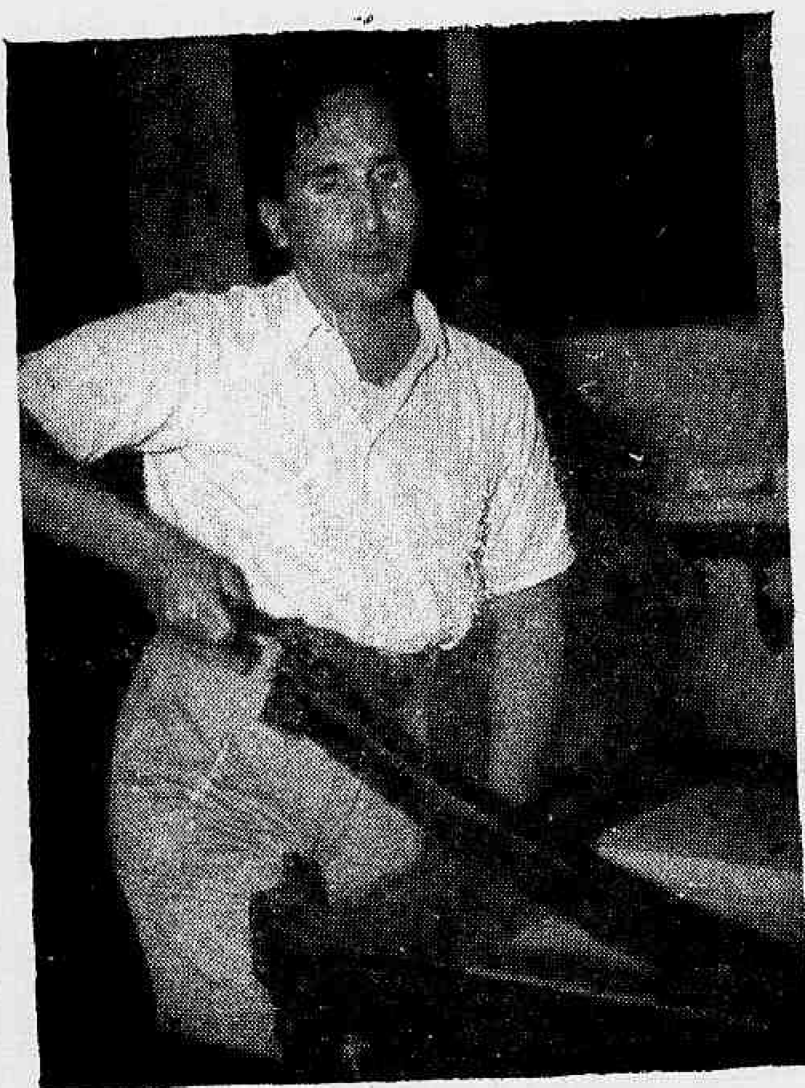
No dia 17 de setembro último, o Instituto Benjamin Constant completou 98 anos de existência. Dirige-o atualmente a dra. Ofélia Guimarães, que vem dando grande impulso a tôdas as iniciativas visando pronto e eficiente aproveitamento das capacidades culturais, artísticas ou profissionais dos alunos. Para êste fim mantém cursos profissionais capazes de oferecer técnicos habilitados e preencher as vagas que se oferecem através oportunidades abertas pelo Govêrno, pela indústria e pelo comércio da nossa pátria, para que os cegos brasileiros não se considerem menos felizes que outras criaturas mais privilegiadas pela natureza.



A bandeira brasileira — símbolo maior de
com o seu esfôrço, testemunha com a presença



Não é sòmente nas máquinas Braille que os cegos são capazes de escrever. Aqui vemos êste, dactilografando, em uma máquina comum.



Trabalhos que parecem impossíveis são executados com perícia pelos cegos, como êste que, na encadernação, manobra afiada «guilhotina».



Médicos, enfermeiros e massagistas cegos, em tôdas as partes do mundo, com perícia magistral, vão servindo a humanidade e prestando-lhe serviços inestimáveis, combatendo tantos males que lhe assaltam a saúde. Na fotografia vemos um médico, um massagista e um doente cegos.

MISTERES COMPATÍVEIS

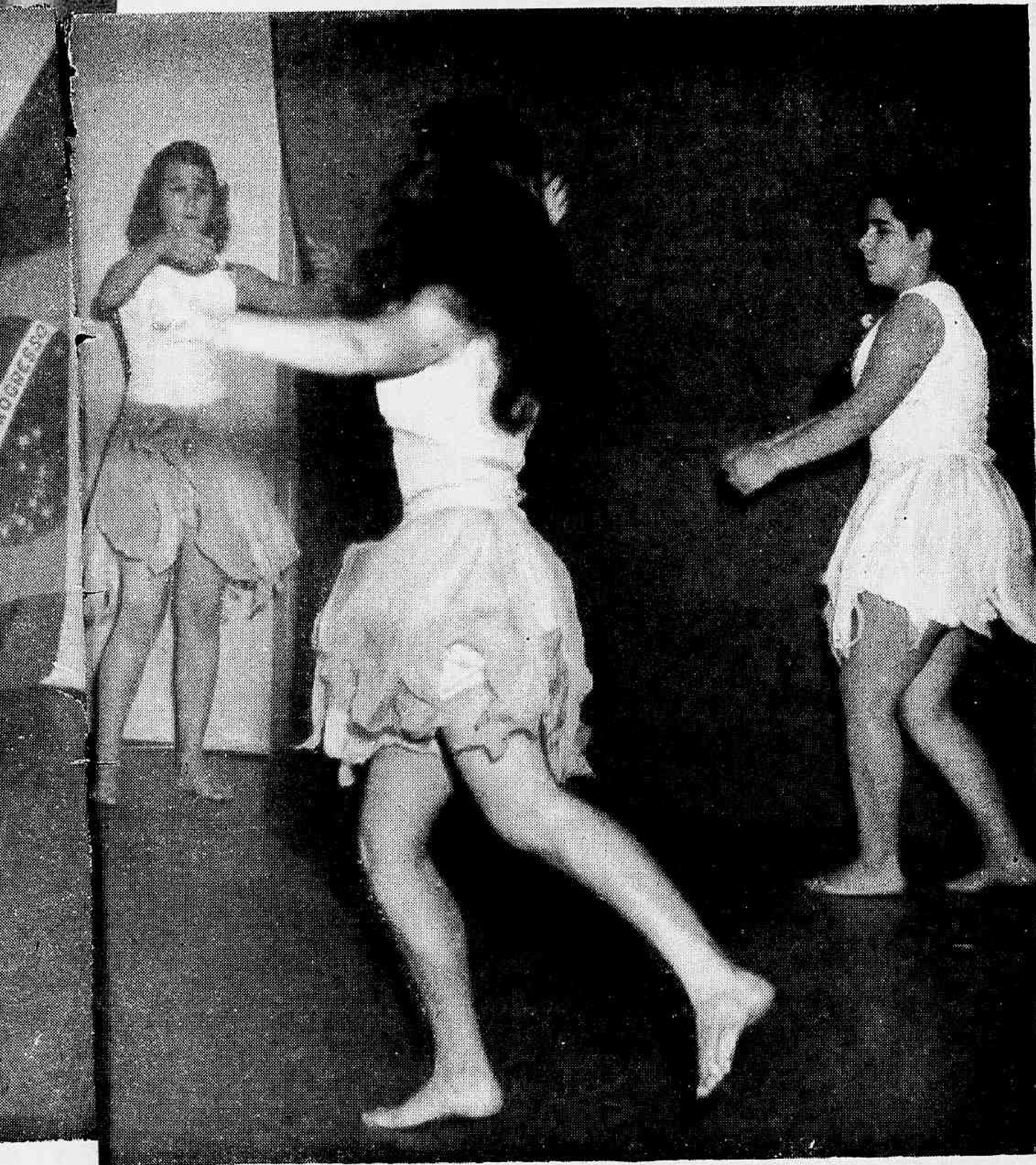
Encadernadores, empalhadores, estofadores, massagistas, afinadores de piano, músicos, rádio-telegrafistas, além de outros profissionais, cujos cursos foram realizados naquele Instituto, tem sido colocados, nas suas especialidades, quer em estabelecimentos particulares, quer em repartições do Govêrno.

O Lóide Brasileiro de há muito mantém trabalhadores cegos na sua secção de colchoaria e estofamento. O Departamento de Correios e Telégrafos tem admitido vários rádio-telegrafistas. O serviço de secretaria do Instituto Benjamin Constant, que é subordinado ao Ministério da Educação, é feito por datilógrafos cegos. São peritos tanto na máquina, com caractéres em Braille, como na de alfabeto comum. Convém lembrar aos que julgam êsse trabalho incompatível para os cegos que nas escolas de datilografia ensina-se a escrever à máquina encobrindo-se o teclado, obrigando o datilógrafo a reter na memória a disposição das teclas.

A Liga dos Cegos, a Aliança dos Cegos e a União dos Cegos são instituições particulares. Vivem elas de donativos, subvenções e da venda dos artigos fabricados pelos cegos, como vassouras, espanadores, cestas de vime, etc.

meiros contatos com o mundo exterior e o extraordinário esfôrço que dispendem para se ajustarem à vida normal dos outros sêres. Os cegos desenvolvem extraordinàriamente outros sentidos, que os que possuem a visão deixam esperdiçar, perdulàriamente. Karsten Ohnstad, num livro notável «The world at my fingertips», que se poderia traduzir «O mundo na ponta de meus dedos», escreveu: «A maior parte das pessoas não têm noção do que um cego é capaz de fazer». E acrescenta: «Os cegos têm sido bem sucedidos como professôres, vendedores, lavradores, negociantes, jornalistas, musicos, padres, trabalhadores sociais, telefonistas, chefes de serviço, agentes de seguro, cobradores de impôsto, empregados domésticos. No campo das atividades fabris, há 29 gêneros de serviço que os cegos estão desempenhando, desde os trabalhos de montagem até os de rebitagem e às prensas perfuradoras. Econômicamente independente, o homem destituído da vista pode tomar o seu lugar na sociedade, e, sendo útil para ela, encontrar a felicidade como os outros homens. O que êle não quer é que lhe cortem as aspirações e o encarcerem em uma vida sem esperanças. E' no mundo dos que vêem que está o seu interêsse, e é com as pessoas normais que êle quer pifer e trabalhar. E nunca fica tão lisonjeado como ao ouvir um companheiro dotado de vista dizer: «Quando penso em você, nunca me lembro que é cego».

Por que entre nós não ampliarmos, cada vez mais, o campo das atividades dêsses patrícios, irmãos nossos, cuja atuação pelo que vimos nesta rápida reportagem, bem nos autoriza a enviar a todos êles uma mensagem semelhante?



maior de nossa terra — que essas bonitas e interessantes mocinhas não vêem, mas que elas honram a presença do Sr. Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde, os graciosos bailados que executam.

...adores, mas ...s, rádio-tele... ...s, cujos cur... tem sido co... em estabe... ...tições do Go...

...têm trabalha... ...aria e estofa... e Telégrafos ...as. O serviço ...Constant, que ...cação, é feito tanto na má... ...mo na de al... que julgam ês... ...os que nas es... ...rever à máqui... ...lo o datilógra... ...das teclas.

...Cegos e a União ...es. Vivem elas ...da dos artigos ...aras, espanado...

O QUE O GOVÊRNO PODE E DEVE FAZER

Necessita o Govêrno, entretanto, ampliar as oportunidades oferecidas aos cegos, tornando obrigatório o seu aproveitamento nas repartições públicas em misteres adequados e condizentes com as suas habilitações e deficiência física.

PROJETOS DE UM VEREADOR E DE UM DEPUTADO

Na Câmara dos Vereadores, todavia, já transita o projeto nº 821, de autoria do sr. Álvaro Dias, visando o aproveitamento dos cegos no serviço público municipal.

Na Câmara Federal o deputado Heitor Beltrão apresentou projeto (nº 2.134) criando o Instituto Nacional do Cego, objetivando a sua instrução e adaptação. A ampliação do ensino profissional aos cegos viria facilitar-lhes os meios para a sua reintegração na comunidade.

E não se vá dizer por aí que êsses políticos, am[illegible]os do Distrito Federal, estão apenas procurando angariar eleitores... Nem todos os cegos podem votar. Sòmente são eleitores aquêles que sabem assinar o nome no alfabeto vulgar e os cegos de nascença conhecem sòmente a escrita Braille. Êstes, pela lei, estão inibidos de dar o seu voto, embora não sejam analfabetos. Por que não permitir que possam êles escolher os próprios dirigentes, colocando no livro da secção eleitoral, ao invés da assinatura, a sua impressão digital?

Que exemplo para os que não foram privados da vista — é êsse esfôrço admirável dos cegos para se adaptarem à vida comum, para serem úteis à sociedade, à Pátria e à Humanidade. Quantos cegos notáveis têm escrito obras imperecíveis, contando o drama e angústia dos primeiros tempos, dos pri-



O Ministro Simões Filho, titular da Educação, jornalista, homem de espírito, a cujo Ministério está subordinado o Instituto dos Cegos, segue com admiração o desenvolvimento do bailedo dos cegos. Extraordinário!

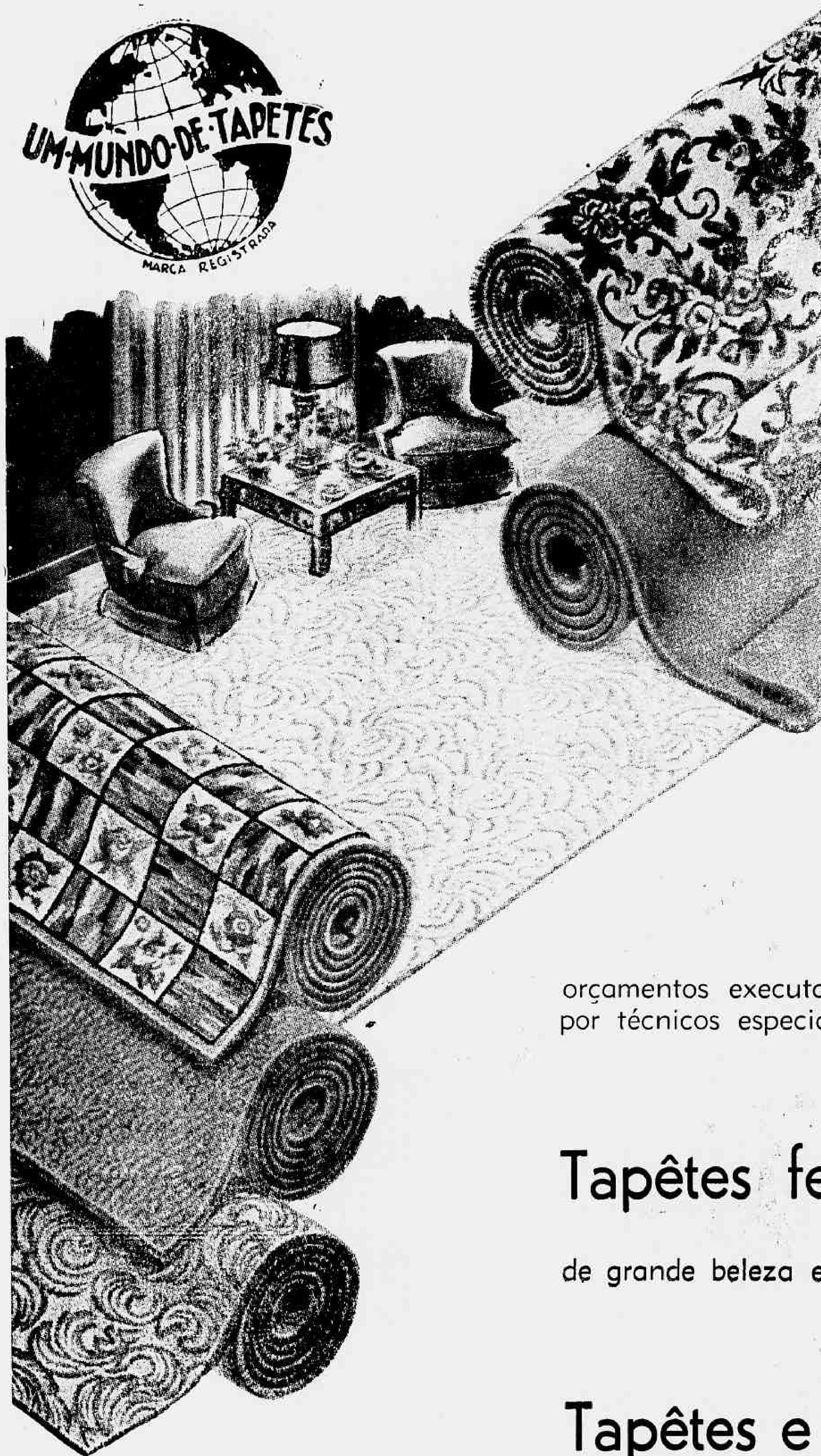


ÚLTIMO FLASH

O Brasil prepara-se para tôda e qualquer eventualidade. Suas Fôrças Armadas acabam de realizar nas praias de São Vicente, em São Paulo, manobras de intenso realismo, onde se pôde ter uma antevisão da guerra moderna, em pleno desenvolvimento. Dois eram os partidos, OS VERMELHOS, atacando, vindo do mar numa operação de desembarque, e os AZUIS, na defesa. Exército, Marinha e Aeronáutica tomaram parte nas manobras de que daremos detalhes no próximo número.

MÓVEIS E DECORAÇÕES





orçamentos executados
por técnicos especializados

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e passadeiras

de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

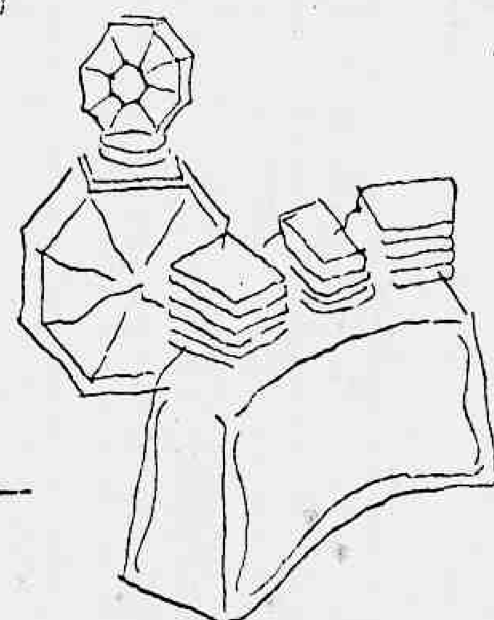
especialidade de nossas oficinas



65, rua da CARIOCA, 67 - RIO

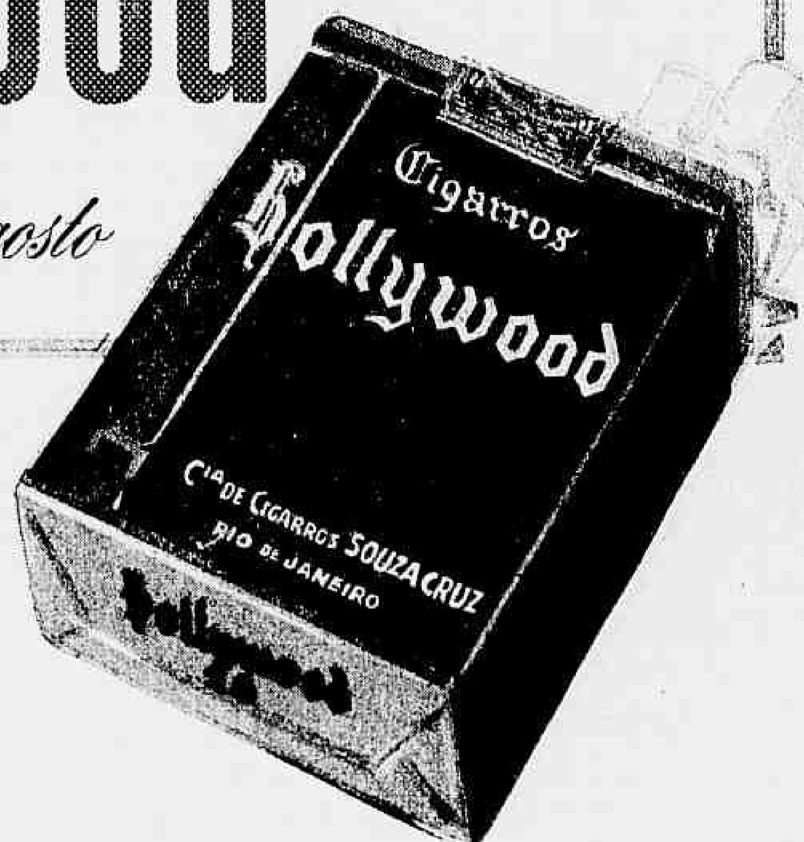
Uma legítima consagração...

O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes francêses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ